

VANESSA CAVALCANTE DE CASTRO

A JUVENTUDE NA PRÁTICA DA FÉ: UM DESAFIO
EDUCATIVO PARA O PROTESTANTISMO DE MISSÃO NO
BRASIL

Orientador: Dr. Julio Paulo Tavares Zabatiero

São Leopoldo - RS

2010

VANESSA CAVALCANTE DE CASTRO

A JUVENTUDE NA PRÁTICA DA FÉ: UM DESAFIO
EDUCATIVO PARA O PROTESTANTISMO DE MISSÃO NO
BRASIL

Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia no Programa de Pós-Graduação. Área de Concentração: Teologia Prática.

Orientador: Dr. Julio Paulo Tavares Zabatiero

São Leopoldo - RS

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C355j Castro, Vanessa Cavalcante de
A juventude na prática da fé: um desafio educativo
para o protestantismo de missão no Brasil / Vanessa
Cavalcante de Castro ; orientador Julio Paulo Tavares
Zabatiero. – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.
110 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Obra da igreja junto aos jovens. 2. Jovens – Vida
religiosa. I. Zabatiero, Julio Paulo Tavares. II. Título.

Ficha elaborada pela biblioteca EST

VANESSA CAVALCANTE DE CASTRO

A JUVENTUDE NA PRÁTICA DA FÉ: UM DESAFIO
EDUCATIVO PARA O PROTESTANTISMO DE MISSÃO NO
BRASIL

Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia no Programa de Pós-Graduação. Área de Concentração: Teologia Prática.

Data: 03 de Agosto de 2010.

Julio Paulo Tavares Zabatiero – Doutor em Teologia – EST

Rodolfo Gaede Neto – Doutor em Teologia – EST

Evaldo Luis Pauly – Doutor em Educação – UNILASALLE

Agradecimentos

A Luan e Arthur, meus filhos e minha fortaleza, pela compreensão de minha ausência em momentos de dedicação plena aos meus estudos;

A Maria Helena Cavalcante, mãe e amiga de todas as horas, por semear o amor, a honestidade, o respeito e a fé que alicerça minha vida;

A Renée Cavalcante Leão Borges, “mãe de minha alma” e meu espelho, pelo incentivo permanente para que eu possa ser um pouco melhor a cada dia;

A Ana Maria Ribeiro de Castro, minha irmã, pelas noites dedicadas à correção de minha dissertação;

As amigas Lílian Dettmann de Andrade Calazans e Denise Vasconcelos, pelo apoio constante e pela lealdade.

Ao meu orientador Professor Dr. Julio Paulo Tavares Zabatiero, por me permitir “sugar” o que julgo ser uma centelha de seu grande conhecimento e de sua imensa sabedoria.

Dedicatória

Os agradecimentos ao apoio que recebi são inúmeros. Poderia listar familiares, amigos, professores, alunos, enfim, uma grande lista poderia ser feita mas, a dedicatória pertence a um homem somente.

Ao meu amado e inesquecível irmão Edgard Cavalcante de Castro (*in memoriam*) dedico meu trabalho, conclusão de um sonho que, de repente, se concretizou.

Durante os vinte anos que compartilhou comigo Edgard me ensinou o que é o amor incondicional; ensinou-me, com em suas atitudes, o que é respeito e valorização do próximo. Meu irmão amado, com tão pouca idade, mostrou-me um mundo de encantamento e sabedoria, foi meu grande mestre. Ser de cuidado, de compaixão, de generosidade, de doação infinita. Diversas vezes vi-o doando a roupa que lhe cobria o corpo para diminuir o frio de um desconhecido; presenciei a fome estampada em seu rosto, pois todo o dinheiro que tinha, transformou-o em alimento para moradores de rua;

Edgard foi o primeiro jovem que me despertou para a prática dos ensinamentos de Jesus Cristo; ele praticou a fé até o último dia de sua curta vida. Para ele dedico não somente esta dissertação mas a minha vida, a minha alegria. Ele permanece em mim sendo a motivação que me permite continuar a sonhar eternamente.

Iluminado é aquele que:

[...] Não somente crê racionalmente que Deus é glorioso, mas tem o sentido de glória de Deus em seu coração. Não há apenas uma crença de que Deus é santo e que a santidade é uma coisa boa, mas um sentido de prazerosidade da santidade de Deus. Não somente um juízo especulativo de que Deus é gracioso, mas [...] um sentido de beleza desse atributo divino. [...] Há uma diferença entre ter uma opinião de que Deus é santo e ter um sentido da prazerosidade e beleza desta santidade e graça.¹

¹ GAUSTAD apud AZEVEDO, Israel Belo de. **A celebração do indivíduo**: a formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba: Ed Unimep, São Paulo: Exodus, 1996. p.107

Resumo

A atualidade vem revelando, na prática das relações humanas e sócio-comunicantes mais amplas, diferentes pontos de insegurança ou incertezas diante da gama de mudanças ou transformações do novo século. Percebe-se a juventude um tanto envolvida nos mistérios e prazeres da tecnologia das músicas eletrizantes, das vivências livres e até do convívio das forças dos vícios, afastando-se de muitos valores que, embora mutáveis, não destituiriam o pensamento crítico, inovador, voltado à liberdade de expressão. Percebe-se a juventude muitas vezes aprisionada em seu individualismo, como se este fosse a sua certeza de liberdade e luta de direitos. Assim, o jovem tem se afastado da noção do coletivo da vivência da fraternidade, da crença na vida mais dirigida de ser vivida em sociedade. Embora sejam criados, educados em famílias/instituições preocupadas com o desenvolvimento da fé, da moral, da ética, do aproveitamento digno de seus potenciais, temos visto muitos jovens se perdendo, afastando-se das famílias, das escolas, da igreja, dos grupos sociais responsáveis, enquanto enveredam pelos caminhos das novas investidas de realizações que a cada dia os separa de seu encontro com o reconhecimento de sua verdadeira identidade cristã, única capaz de transgredir barreiras da mediocridade, da falsa liberdade de ação. No entanto, entender a si mesmo numa visão humanitária profunda requer despir-se de pré-conceitos, requer abandonar o empobrecimento de valores emergentes da cultura do consumo e do individualismo crescente. Refletir novos tempos com nosso jovem, mostrar-lhe o verdadeiro sentido da Palavra de Deus é permitir-lhe romper os limites da modernidade, é oferecer-lhe discernimento para viver em plenitude o cotidiano é orientá-lo para uma espiritualidade solidária. É, acima de tudo, trazê-lo, cuidadosamente, para um encontro com Deus por meio da adesão e da prática da fé, que pode ser despertada na pastoral juvenil que tenha, como princípio, os objetivos do Protestantismo de Missão.

Palavras-chave: Juventude, pastoral, protestantismo de missão

Abstract

The news has shown, in practice human relations and broader socio-communicating, different points of insecurity or uncertainty on the range of changes or transformations of the new século. Tem youth is perceived somewhat involved in the mysteries and pleasures of technology electrifying music and life experiences of living and free up the forces of vice, away from the many values that though mutable, not to dismiss the critical thinking, innovative, dedicated to freedom of expression. We can see the youth often trapped in their individualism as if he were sure of their freedom and fight for rights. So the couple has broken away from the notion of the collective experience of brotherhood, belief in life more directed to be lived in society. Although they are bred, educated in households / institutions concerned with the development of faith, morals, ethics, harnessing their potential worth, we have seen many young people getting lost, away from families, schools, church, groups social responsibility, while embark on the paths of further attacks of achievements, every day separates them from their encounter with the recognition of its true Christian identity; only able to break barriers of mediocrity, the false freedom of action. However, to understand yourself in a vision requires deep humanitarian undress from preconceptions, requires abandoning the impoverishment of values emerging culture of consumption and growing individualism. Reflect the new times with our young, show him the true meaning of Word of God is to allow you to break the limits of modernity is to give you insight into their daily live in fullness is to guide you to a spirituality of solidarity. It is above all, bring it carefully to an encounter with God through adherence and practice of faith that can be aroused by youth ministry that has, as a principle, the goals of the Protestant Mission.

Keywords: Youth, pastoral mission of Protestantism

Sumário

Introdução	10
PRIMEIRO CAPÍTULO	
1 O jovem em busca de identidade	13
1.1 Características biofuncionais e psicossociais	18
1.2 Características psico-religiosas	32
1.3 Resiliência e Juventude	44
SEGUNDO CAPÍTULO	
2 A práxis pedagógica, o sentimento de pertença e a manutenção do jovem na Igreja	49
2.1 O cuidado pastoral com o sentimento de pertença do jovem	52
2.2 O cuidado, a ética e a moral nos dias atuais	57
2.2.1 Viver solidariamente	60
2.2.1.1 Solidariedade e Teologia Diaconal Cristã	61
2.2.1.2 Solidariedade e Identidade Jovem no Mundo Urbano	63
2.3 Alvos da educação cristã com a juventude	69
2.3.1 Juventude e fé	73
2.3.2 Juventude e educação na fé	77
TERCEIRO CAPÍTULO	
3 A Pastoral Juvenil e o Protestantismo de missão no Brasil	80
3.1 Possibilidades metodológicas para uma pastoral da juventude junto ao objetivo do Protestantismo de Missão	84
3.2 Temáticas orientadoras na educação de jovens na Igreja	92
3.2.1 A vida e a fé	95
Conclusão	102
Referências	105

Introdução

Nossa experiência educacional, nas diferentes fases do desenvolvimento humano, nos incita-nos as investigações quanto ao jovem, numa abordagem epistemológica em que se insere a questão da fé, das atitudes e das ações humanas e cristãs.

Não temos nesta dissertação a pretensão de aprisionamento ideativo a favor dos dogmas ou de interesses políticos e religiosos estreitos. Nossa investigação parte do pressuposto de que o homem é livre e, ao mesmo tempo, diante de sua própria natureza, e da sociedade organizada por sua espécie, espera respostas concernentes à vida.

Dentro de uma visão libertadora e construtivista, sabendo da capacidade criadora e de escolhas humanas, seguindo princípios do diálogo na linha da Prática Pastoral, acreditamos que o processo educativo, inserido nessa prática, poderá mesclar as liberdades de escolha com o encontro da fé e da responsabilidade cristã.

Pretendemos sair da incoerência de falar de liberdade de escolha e decisão e relacioná-la à ideia de modelos educativos prontos, pois é sabido que ambos implicam direcionamentos. Em oposição à ideia de “estagnação intelectual”, a favor de aceitação e obediência, acreditamos que norteamentos e modelos são essenciais como preciosos conteúdos de reflexões, como uma “hermenêutica”, aberta a variados tipos de interpretação, desde que possam ser apresentados metodologias coerentes com a busca de nossa juventude.

Sob uma postura valorativa ou ideativa, pretendemos iniciar o nosso trabalho pelo processo de autoconhecimento, na linha da valorização pessoal e social. A Igreja, então, se apresenta-se como uma das ricas e necessárias instituições educativas, facilitadora e mediadora da razão existencial procurada pela juventude, como um dos caminhos (se não o mais importante) da realização como ser humano e ser espiritual.

Ao nos dedicarmos a investigar o desenvolvimento do jovem em sua identidade e características psico-religiosas, desejamos apontar-lhe sua capacidade maturacional, seus alicerces espirituais e as possibilidades de atuação junto à pastoral juvenil que possibilitando-lhe a prática da fé na direção do encontro da razão existencial com a própria fé.

A grande preocupação que nos move em direção a essa investigação é a inquietação quanto à coerência entre o processo educativo-pastoral e a força das transformações sociais; carregadas de instabilidade, incertezas, descrenças e quebra de valores ou paradigmas antes sustentados, enquanto essa mesma sociedade evolutiva e transformadora oferece novos e práticos interesses técnico-comunicantes, importantes mas nem sempre preenchedores das respostas existenciais mais profundas.

O encantamento do mundo tecnológico e comunicador, as preciosas descobertas registradas pelos satélites em redor da Terra, as músicas, as danças e outros estilos ritualísticos contemporâneos, as drogas amenizantes da dor e da solidão ou os estimulantes prazerosos, são uma concretude que não tem retorno, mas nos incita a buscar processos educativos e pastorais concomitantes ou paralelos, facilitando, assim, os processos de escolha e decisão dos nossos jovens, de modo que possam usar o livre arbítrio em igualdade de oportunidades.

O ser humano, ao lado de suas sensações, pensamentos, percepções e memórias, é iminentemente um ser social, edificando-se, como sujeito e pessoa consciente, nas relações ou trocas sociais. A formação de seu caráter e da sua personalidade acontece na interação desde o início de sua vida, com o ambiente familiar, comunitário, religioso, educacional e social. As relações entre os processos racionais e as experiências sociais são estreitas e interdependentes.

No campo científico, além da forte preocupação espiritualizada que temos, nos move o sentido de valorizar os aspectos educativos e vivenciais, onde se insere a orientação existencial e religiosa da Pastoral Juvenil. Ao vivenciar o meio social, o jovem obtém número e qualidade de informações que, elaboradas, transformam-se em conhecimento e significação. Nesse meio social, além das habilidades e hábitos, o jovem constrói valores e determinam preferências, trabalham com sentimentos e se aprofundam nas buscas, na fé, no encontro com a moral, a ética, as crenças e o encontro maior com Deus.

A imitação não é um comportamento repetitivo e estereotipado ou sem sentido. O jovem imita porque está construindo e reconstruindo imagens paternas, maternas, de amizade, de respeito, de sabedoria, de poder e bênçãos, das quais extrai significados e com as quais se identifica. Mesmo diante de suas

idiossincrasias¹ esses modelos, essas vivências, esses papéis, esses sujeitos que os representam, são de altíssima importância na construção do seu conhecimento existencial e da consciência do outro, pontos centrais e conduzentes à fé cristã.

O significado que cada um oferece a cada fato, situação, objeto e pessoa decorre das relações que permitem a interpretação perceptiva como uma integração elaborada dos dados em processos cognoscitivos, aliados aos afetos socializados.

Nossas percepções, entretanto, podem ser falhas, ilusórias, fruto de nossos medos, desejos, vivências anteriores ou mesmo de algumas deficiências dos sentidos e processamentos mentais. Desse modo, a orientação sobre a realidade, os ensinamentos flexíveis, a religiosidade sem pressões nos parece um excelente caminho norteador e ao mesmo tempo libertador, que permite, ao jovem encontrar-se a si mesmo, encontrar seu próximo e seu Deus (Nosso).

A prática da reflexão cristã juvenil, portanto, não foge às normas orientadoras utilizadas com adultos, mas é trabalhada de modo bem especializado, acompanhando leis científicas e orientações didático-pedagógicas e psicossociais no sentido de ajudar nesse processo construtor e edificador de uma vida fortalecida pela consciência existencial, unindo razão e a fé possibilitando o verdadeiro entendimento do que chamamos de orientação para uma vida religiosa.

Diante da problemática, objetivamos, no primeiro capítulo, descrever como se processa o desenvolvimento da identidade do jovem e sua condição no Brasil contemporâneo e apontar as características psico-religiosas desse jovem.

No segundo capítulo, objetivamos apontar a práxis pedagógica, o sentimento de pertença e a manutenção do jovem na Igreja; O cuidado pastoral com o sentimento de pertença do jovem; o cuidado, a ética e a moral nos dias atuais e os alvos da educação cristã com a juventude.

No terceiro capítulo, objetivamos descrever, embora sucintamente, a Pastoral Juvenil e o Protestantismo de missão no Brasil; as Possibilidades metodológicas para uma pastoral da juventude junto ao objetivo do Protestantismo de Missão; as Temáticas orientadoras na educação de jovens na Igreja.

Desse modo, a pesquisa se caracteriza como qualitativa e exploratória, buscando dados significantes para análise e conclusões em coerência com os objetivos propostos.

¹Aqui entendido como disposições de personalidade.

1. O jovem em busca de identidade

Os conteúdos culturais valorativos, dentre eles a prática da fé, foram oral e graficamente repassados de gerações a gerações e não apresentaram tantos questionamentos quanto os de hoje, na pós-modernidade. Na realidade, enquanto a força do sagrado nos rituais primitivos; das filosofias dualistas da antiguidade e do cristianismo, na fase medieval, fizeram parte da juventude, essas modalidades de orientação religiosa parecem ter ocorrido de forma menos inquietante.

Hoje, nossas ações na teologia prática se encontram envoltas em diferentes necessidades de conhecimentos teológicos e tecnológicos acrescidos de competências inter-pessoais, empatias, psicolinguismos, para poderem acompanhar as fortes exigências e divergências do nosso tempo.

A educação e a formação religiosa do jovem tornam-se um processo altamente desafiante, pois muitas vezes nos questionamos em que realmente devemos trabalhar, quais as formas corretas de buscarmos os objetivos cristãos.

Não é apenas o jovem que está em busca de sua identidade, de seu lugar no mundo; o teológico na prática também se percebe envolvido no processo de busca de identidade, junto a esses jovens. Fala-se de uma “pedagogia da religião”² que possa trabalhar, numa linha atualizada da educação, as questões relevantes que essa nova época traz consigo, questões que têm alterado drasticamente a vida da juventude principalmente, quando não são bem envolvidas pedagogicamente.

Os movimentos de busca que impulsionam os jovens à procura de si mesmos tanto poderão envolvê-los nas sugestões midiáticas consumistas quanto poderão auxiliá-los nas escolhas assertivas a partir da fé, e com pleno uso da razão, mesmo no horizonte de múltiplas crises globais.

Tem sido difícil a redefinição de valores nesta fase em que a negação de fundamentalismos afunda um grupo imenso de valores ético-morais e religiosos. Além disso, já não há mais espaço para as aulas de religião nas escolas diante das novas posições sobre o direito e a liberdade.

² METTE, Norbert. **Pedagogia da Religião**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

A Igreja talvez não seja o único lugar e os sermões talvez não sejam o meio forte para uma práxis humana que auxilie a juventude a ver, no modelo Cristo, os possíveis caminhos da ação vital, pessoal, social e espiritual.

Mette³ considera a necessidade sempre reflexiva de "uma orientação fundamentalmente ecumênica da pedagogia da religião",⁴ tanto na linha de conceitos ou ideias quanto na teologia em sua prática, pois muitas vezes a delimitação de uma linha em exclusão de outras leva os jovens a desilusões sobre Deus.

Aborda as questões dos sinais do tempo que desafiam esse trabalho com a juventude, trazendo nossa atuação para um ambiente de referência socioteórica e ao mesmo tempo sociocultural e prática, principalmente se sabemos otimizar essa prática frente a novas eclosões sociais e religiosas. E alerta:

É certo que o prognóstico do definitivo fim da religião, com conseqüência da modernização progressiva, levantado pelos defensores da tese da secularização, não se comprovou como tal. Porém, do que se poderiam indicar como eclosões e movimentos neo-religiosos, as igrejas por seu turno, nada puderam lucrar.⁵

Parece que apesar da iminência dos riscos, nem mesmo a Igreja soube trabalhar de modo assertivo e problemático, com a devida eficiência, para acompanhar essa rapidez de mudanças sociais e cognitivas que arrebanharam a juventude.

O autor considera a nossa sociedade como "conscientemente pós-cristã,"⁶ e o pertencimento formal às Igrejas tem sido formado numa "cultura de velhos"⁷. E de acordo com nossas vivências educativas, parece-nos ser uma realidade em que a religiosidade não está vinculada aos objetivos educacionais dos jovens. "Com a perda da significação da religião na geração mais jovem e o esforço cada vez menor dos pais na educação religiosa, desaparece também um saber religioso"⁸.

A preconização sobre como estará a Igreja no futuro e, principalmente, como estarão esses jovens nesse futuro, é hoje uma preocupação constante para a prática teológica. Não sabemos se, para a grande maioria, a religião é invisível ou se estará em transformação para renovação.

³ METTE, 1997, p.12

⁴ METTE, 1997, p.15

⁵ METTE, 1997, p.15

⁶ METTE, 1997, p.17

⁷ METTE, 1997, p.15

⁸ METTE, 1997, p.18

Os jovens, em grande escala, na ânsia de libertação, reforçados pelos saberes científicos, sócio-políticos e legais, consideram as organizações religiosas ultrapassadas e tendentes a não mais existirem nos próximos séculos.

Alguns teólogos consideram que há possibilidade de esse quadro se reverter se alguns dos nossos rígidos dogmas ou fundamentos e princípios chegarem até eles como oferta e não como obrigatoriedade, coerentes com a busca de liberdade e identidade desses jovens que fazem eles próprios suas escolhas. Entretanto, ao respeitarmos em profusão sua vontade soberana ou sua autonomia de identidade, corremos o risco de inflarmos ainda mais o centramento deles em torno do próprio ego, o que dificulta uma vivência cristã do servir.

A busca hedônica de realização e da satisfação pessoal significativa poderá solapar a evolução dos jovens para a solidariedade, para a consciência do outro e para o aprendizado do amor ao próximo como a ele mesmo.

Muitos são os valores cristãos arraigados em valores éticos e morais, os quais são muito respeitados pelos jovens, na sua nova consciência de valores humanos, cidadania e justiça social. Embora muito desses valores permaneçam como ideais, na linha do discurso ou no campo do teórico há uma tendência de engajamento neles por serem fruto de lutas e de movimentos de libertação social. Talvez, nesse campo, possamos começar nosso trabalho.

Não podemos ir de encontro ao processo de destradicionalização, de tecnologismo e de industrialização dos novos estilos de vida, pois estaremos trabalhando inutilmente.

Os novos desejos humanos de afirmação de identidade se misturam cada vez mais com as necessidades de aquisição de bens materiais, de progresso, de bom nível de vida e de lazer em larga expansão, a tal ponto que, ao mesmo tempo em que abre espaços à comunicação e à globalidade entre os sujeitos, estabelece o seu isolamento em si mesmo no dia a dia.

A ciência desejou tanto valorizar a mensuração que esta tornou-se real demais, penetrando inclusive na linha dos relacionamentos interpessoais e nos processos de trocas afetivas⁹.

Grande parcela dos indivíduos consegue alcançar melhores níveis e qualidade de vida e outros tantos nem conseguem garantir emprego e segurança

⁹ Neste momento, tudo parece ser medido; inclusive o carinho, a dedicação e o tempo para educar e atender os jovens.

vital. O jovem dessas famílias em desigualdade social se perguntam sobre a razão das diferenças e exclusões diante da possibilidade da existência de um Deus justo e misericordioso. Se procuram essa resposta em nossas Igrejas, nem sempre conseguem encontrá-la e, provavelmente, sob promessas enganosas, deslocam-se para outras religiões e até mesmo seitas.

A identidade deles não se estrutura baseada numa visão de um Cristo Salvador que serviu ao Bem, à igualdade de valores, à liberdade em relação ao jugo dos senhores. O jovem acredita que precisa ter a responsabilidade por si, não pelo modelo cristão, mas se entrega bem facilmente aos modelos que a mídia apresenta em todo o seu esplendor. A conquista do sentido da vida, para a juventude, é carregada de tensões, temores, ansiedades, incertezas, e não raro de rebeldia, revoltas e violências.

Dados como integridade, unidade, continuidade, flexibilidade e outros que compõem a identidade parecem fragmentados, pouco integrados numa realidade que compõe a juventude atual. Esse é um processo que permite ao sujeito saber de si e apresentar-se ao outro como tal, reconhecendo-se como único.

Ainda em Bock¹⁰ é citada a visão psicanalista de que o conceito de identidade supõe as noções de permanência, manutenção, temporalidade e pontos de referência nos quais cada sujeito se apoia para construir e distinguir sua unidade.

A identidade é vista, pela psicologia construtivista, como uma construção pelo sujeito em sua interação sociocultural. A identidade ou a identificação de si, portanto, tem inerente o processo de diferenciação. Não só ele se difere do outro, mas reafirma essa diferença enquanto seleciona e elege os seus referenciais – aqueles que se veem no outro – para, assim, se construir e ser.

A partir do primeiro outro percebido, cada indivíduo, nesse duplo processo identificação-diferenciação, vai escolhendo pessoas e comportamentos, atribuídos com significativos, e se apropriando de certas características percebidas como importantes para si mesmo, para o que se é e o que se quer ser.

Assim, o conjunto das experiências de uma pessoa lhe permite construir ou montar peças significativas para o seu *self* e dá forma à sua identidade. Embora tudo isso ocorra, a identidade, como todos os aspectos da personalidade, é móvel,

¹⁰ BOCK, A.M.M. **Psicologias**. SP. Saraiva, 1996. p. 38

dinâmica, reorganizada, reconstruída ao longo da vida. O modelo pode ser alterado e o sujeito continuará a ser ele mesmo.

O corpo muda, a idade é outra, os gostos se modificam, há adaptações a novas culturas, mudança de religião e crenças, mas o homem continua a ser ele mesmo para haver uma ordem inerente à integração.

Bock ainda cita Ciampa em sua concepção psicossocial de identidade percebe o ser humano como um processo que tem caráter de metamorfose, tanto sujeito a modificação dos processos internos quanto aos externos – por isso depende de fatores biofuncionais e psicossociais como das “oportunidades sociais, acesso aos bens culturais”.¹¹ A identidade “é sempre pressuposta, mas ao mesmo tempo, tal pressuposição é negada pela minha atividade, já que ao fazer eu me transformo, o que faz da identidade um processo em permanente transformação”.¹²

Deste modo, um jovem que é estudante torna-se um mecânico, muda de idade, abre uma loja de peças como empresário, já não mexe nos carros, não é mais jovem, tem filhos, e continua a ser ele mesmo. O novo se entrelaça com o anterior, o que foi antes quando era adolescente.

Entretanto, esse processo de mudanças pode ser penoso, confuso, incongruente, como uma difícil construção ou como uma crise de identidade. São períodos de recomposição, de redefinição, de ressignificação no modo de ser e estar no mundo, dolorosamente necessitando de ajuda¹³.

Bock nos lembra que um exemplo desse sofrimento e retomada de reconstrução é a fase da adolescência. Nessa época grandes alterações ocorrem em todos os níveis, desde o corpo anatômico funcional ou bioquímico, da psique e da intelectualidade, a vivência social e religiosa. Nesse modificar interno, em suas novas capacidades de pensar, agora abstratas, os interesses mudam. A família e o universo já não têm a máxima significação, “os grupos de pertencimento”¹⁴ o incitam à autonomia mas também à adesão das novas regras desse grupo. Nem sempre o

¹¹ BOCK, 1999 p. 205

¹² BOCK, 1999 p. 207

¹³ É neste momento que traficantes, grupos fora da lei e até mesmo as Igrejas, oferecem soluções enganosas envolvendo nossos adolescentes a um mundo imagético de sucesso e poder. Distantes de concepções valorativas da vida, adolescentes e jovens se permitem experiências que elevam o sentimento de impotência e fracasso, que os tornam vulneráveis para as drogas, a prostituição, o crime e para o desenvolvimento de doenças psíquicas.

¹⁴ BOCK, 1996 p. 209

jovem consegue perceber tudo isso e dar conta de si e da expectativa da vida social onde está inserido.

Essa turbulência interna pode ser vista de modos bem específicos, se procurarmos entendê-la melhor. Tentaremos começar pelas questões da corporeidade na vida psicossocial.

1.1 Características biofuncionais e psicossociais

Todo o trabalho desenvolvimental global de uma criança, em termos biofuncionais e também psicossociais, na fase da adolescência volta a acelerar-se tal qual nos primeiros anos de vida. Para Manning, o “surto de crescimento atinge o ápice na primeira adolescência”¹⁵, quando as alterações hormonais provocam diferentes manifestações a caminho da maturidade sexual. O pesquisador denomina de primeira adolescência a fase que chamamos de puberdade.

Sabemos, pelos estudos piagetianos, que nessa fase o sujeito já possui possibilidades intelectivas ou cognitivas de trabalhar com o abstrato (salvo casos especiais e em coerência com a educação), de construir seu senso de responsabilidade moral, justamente por suas estruturas mentais terem evoluído para o nível hipotético dedutivo numa lógica formal.

A adolescência é um período do desenvolver humano considerado crítico em nossa cultura ocidental, e grande parte da turbulência por que passa o jovem ocorre por alterações biofuncionais. Depois dos seis primeiros meses, o corpo cresce mais rapidamente até a adolescência como uma espécie de surto de crescimento.

A sexualidade, em seu apogeu, assinala a capacidade de reprodução da espécie com uma produção exacerbada de hormônios, de forma ordenada e funcional, para que os órgãos internos, devido à necessidade de espaço intra-uterino, alterem posições e recebam uma futura gravidez¹⁶. Segundo Manning, antes do surto de crescimento, o cérebro já atinge noventa e cinco por cento de seu peso

¹⁵ MANNING, S. A. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. SP: Cultrix, 1999. p. 161

¹⁶ Durante a adolescência a glândula mestra, hipófise ou pituitária controladora das alterações hormonais, já vinha, mais ou menos há dois anos antes da puberdade, segregando hormônios estimuladores da supra renal que é liberadora dos demais hormônios do crescimento e maturação dos órgãos reprodutivos.

adulto, enquanto o peso do corpo aumenta cinquenta por cento e a altura vinte e cinco por cento.¹⁷

A compleição física é mais nítida nos membros e no tronco, com alongamento das mãos, dos pés e do pescoço, o que costuma trazer certo desconforto aos jovens, pois costuma-lhes dar uma certa aparência meio desajeitada.

Os jovens do sexo masculino possuem maior massa muscular que os do sexo feminino; seus músculos crescem rapidamente, inclusive os tecidos musculares do coração e dos pulmões, aumentando, conseqüentemente, sua força e tempo respiratório durante os esforços físicos.

Certa dificuldade sincrônica pode existir no ritmo do crescimento de ambos os sexos, entre os campos direito e esquerdo, o que talvez explique algum tipo de desajeitamento corpóreo nessa fase.

As meninas também desenvolvem músculos, mas há certa distribuição farta de tecidos adiposos em certas partes do corpo, preparando-os, segundo as visões bionaturalistas, a receber e desenvolver os futuros bebês no ventre nutridor. Embora existam várias similaridades no desenvolver entre meninos e meninas, há diferenças tanto na ordem sexual quanto na individualidade. Podemos lembrar que a tendência de maturidade biológica e anátomo-funcional das meninas acontece por volta dos doze anos e a dos meninos próximo dos quatorze anos. Estes costumam atingir altura e peso dois anos após as garotas.

Há grande controvérsia dos pesquisadores, estudiosos ou cientistas sobre as fases da puberdade / adolescência. Muitos consideram o início aos nove anos e outros aos onze anos. O término da adolescência fica entre vinte e um a vinte e cinco anos, Para o autor citado acima, os rapazes crescem até os vinte e cinco anos.

Os quadris e os seios das jovens se desenvolveram, mas o tamanho do coração e pulmões, embora proporcionais ao peso do corpo, crescem menos talvez para que possam estar prontos para o momento de alterar posições para receber uma futura gravidez e conseqüente necessidade de espaço intra-uterino.

Nos meninos, em geral os quadris permanecem mais estreitos, mas os ombros se alargam. A partir da puberdade a pressão arterial é mais elevada nos

¹⁷ MANNING, 1999, p. 162.

meninos, o que favorece aos músculos receberem mais oxigênio e serem mais ativos.

A glândula pituitária, que se responsabiliza pelo surto do crescimento de ambos, também estimula nas jovens os ovários e nos jovens os testículos para que sejam produzidos os hormônios sexuais nas gônadas¹⁸: como o estrogênio nas meninas e o testosterona e o andrógino nos meninos. Ressalta-se aqui a existência de todos eles nos dois sexos, sendo que a predominância em cada um dos jovens é a estabelecida acima.

O aumento da produção hormonal permite o aparecer de características sexuais primárias e secundárias, além de alterar algumas características físicas e psicológicas dos adolescentes. Embora possam variar no ritmo, a ordem em que ocorrem esses desenvolvimentos é semelhante em todos os jovens, salvo casos complexos e desviantes.

A região pélvica das meninas sofre grande ampliação a fim de facilitar a expansão uterina na época da reprodução. Uma das grandes ou fantásticas ocorrências é a menarca que se repete como menstruação a cada mês, como uma preparação do nicho ou ninho onde os óvulos, se fecundados, irão se sustentar para sobrevivência do embrião que se transformará em feto para, depois, ser um bebê.

Para culminar, dentre as inúmeras fontes de ansiedade, medo e estranheza nas jovens, a menstruação costuma ser irregular, plena de dores, desconforto físico, devido a imaturidade no sistema reprodutivo.

Bee¹⁹ diz que há razões significativas para que consideremos o desenvolvimento de um sujeito. A primeira é o crescimento físico-maturacional que torna possíveis novos comportamentos, permite-nos capacitação biofuncional, fisiológica para determinadas ações. A segunda razão é que não só a experiência estimula o desenvolver, mas é o crescimento que determina possibilidades de experiência²⁰.

A terceira razão é que o desenvolvimento físico do sujeito tem influências, ou afeta as respostas que as pessoas lhe oferecem. Os pais costumam reagir positiva ou favoravelmente às crianças que agem conforme a expectativa deles. Os

¹⁸ Gônadas são as glândulas do Sistema Endócrino responsáveis diretamente pela produção dos hormônios sexuais. No homem a gônada é o testículo, na mulher é o ovário.

¹⁹ BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

²⁰ Os níveis de cognição facilitados pela aquisição de maturação neuro-fisiológica influem na variedade de experimentações possíveis no seu contexto.

treinadores costumam ser mais atenciosos com os jovens que têm coordenação motora mais condizente com o esporte que estes praticam. As garotas costumam dar maior atenção aos meninos mais altos, extrovertidos e populares. Na relação vivencial de crianças e jovens com seus corpos e características individuais, as diferenças maturacionais desde cedo podem se relacionar com elevados ou baixos níveis de autoestima.

A quarta e última razão significativa para que consideremos o desenvolvimento em um sujeito, segundo Hellen Bee, refere-se exatamente a essa questão, ou seja, o crescimento afeta a construção de autoconceito. A ausência de certos estilos desenvolvimentais ou habilidades físicas e sociais tem relação com as construções do modelo interno do sujeito e sua vida psicossocial. A imagem corporal é parte do autoconceito e não apenas reflexo do que observa na vida real. Aqui estão inseridas as escolhas, o senso de valor pessoal, daí porque muitas vezes precisamos lidar antes com os modelos internos do eu, as percepções deste eu sobre a realidade, para melhor nos orientarmos social e teologicamente.

O sistema nervoso e o desenvolvimento psicossocial e cognitivo estão estreitamente interligados, o que nos revela que tanto o desenvolver físico quanto o desenvolver social, ou sócio-afetivo, são inseparáveis e precisam ser observados na sua interatividade, no comportamento e nas decisões do sujeito jovem.

Quando um ser humano nasce, as principais estruturas do cérebro, como mesencéfalo e medula, estão quase totalmente desenvolvidas e são essas que regulam as tarefas básicas como atenção, sono, vigília e eliminação, entre outras²¹. E justamente a massa cinzenta que envolve o mesencéfalo se responsabiliza pela percepção, pelo pensamento, pela linguagem e pelo movimento corporal, os mais complexos. Todas essas estruturas compostas de células, de neurônios, já estão presentes ao nascermos, mas nos primeiros anos de existência tudo o mais se apressa a desenvolver, principalmente esse córtex cerebral, em ampliações de sinapses. Durante os três primeiros anos, portanto, o crescimento global do cérebro aumenta três vezes mais do que na fase de recém nascida.

Bee cita pesquisas recentes dos neurofisiologistas e neurocientistas. Segundo eles, certos tipos de conexões neurais, cujas ordens inatas eram de

²¹ Segundo Hellen Bee, um recém nascido já poderá movimentar moderadamente braços e pernas, depois cabeça e pescoço, mas a porção menos desenvolvida no nascimento é especificamente o córtex cerebral. Maiores detalhes em BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed,1996.

associações abundantes, aos poucos – por volta dos dezoito meses – vão sendo selecionados, como respostas a experiências específicas do sujeito. Considera-se, pois, que a experiência pode tanto criar caminhos sinápticos como eliminar outros deles, e que esta poderá ser uma reorganização que continua durante o crescimento.

Para Bee, há outro momento crucial na adolescência em que essa reorganização de caminhos neurofuncionais ocorre em diferentes e fortes ritmos. A autora cita a força dos hormônios, não só na fase da adolescência, mas a partir da fase pré-natal. Os hormônios têm papel altamente significativo no desenvolvimento. O hormônio da tireoide, por exemplo, responsável pelo crescimento físico, já está em ação desde a décima semana após a concepção.

Outro dado que pode nos inquietar em termos de decisões e julgamentos quanto a escolhas individuais morais e religiosas é o fato comprovado de que o testosterona no embrião masculino é produzido durante a gestação, nos testículos, desenvolvendo os genitais e oferecendo ordens para futuro desencadear da testosterona nas fases da vida. No menino, os possíveis enganos nessas ordens inatas, caso os testículos não recebam os folículos necessários para essa definição sexual, pode acarretar uma certa feminilização orgânico-funcional que seria inconsistente com a sua anatomia masculina.

Os níveis de hormônios dos testículos, tanto quanto dos ovários, permanecem baixos até os sete anos, quando o androgênio das suprarrenais dá o primeiro sinal da proximidade da mudança para a puberdade-adolescência. Eis por que muitos médicos e educadores são alertados, quando há aquiescência familiar, para possíveis intervenções hormonais em comportamentos sexuais com aparências desviantes dessa anatomia.

Meninos e meninas têm um pouco dos hormônios uns dos outros, apesar de falarmos em níveis mais elevados e mais baixos. Em termos dessa especificidade dos gêneros cada jovem tem seu ritmo desenvolvimental.

O interessante é que o uso da corporeidade tem efeitos psicossociais na vida do adolescente. As mudanças físicas nos primeiros quinze anos de vida não delimitam o impacto sentido por cada um desses adolescentes. Apesar de eles terem as habilidades básicas desenvolvidas por volta dos sete anos, as mudanças

no desempenho, em termos mais complexos, estarão sendo operacionalizadas por um cérebro com estruturas mais lógicas, inicialmente concretas e depois abstratas.

As mudanças físicas são significativas mas não garantem habilidades mais elevadas, pois nem sempre a maturidade sexual vem acompanhada da maturidade social e afetiva.

Hoje, em nossa cultura ocidental, as figuras revelam que a maioria dos jovens entre quinze e dezessete anos é sexualmente ativa nas grandes capitais. E o mais complicado disso tudo é que, apesar dos níveis de atividade sexual, os adolescentes conhecem muito pouco sobre fisiologia, reprodução, doenças e responsabilidade social advinda com possíveis gravidezes frutos desses relacionamentos.

Bee²² apresenta dados interessantes que nos levam a questionamentos sobre as políticas públicas, os trabalhos sociais e as tarefas teológicas em sua prática. A Suécia e os Países Baixos apresentam, em relação as nossas culturas, índices bem menores de gravidez precoce na adolescência.

Nos EUA, apesar de ser um país protestante em larga escala, a gravidez adolescente é alarmante, mas também evidencia alto número de abortos. Por outro lado, algumas jovens que não aderiram à interrupção da gravidez perfazem um percentual elevado de mães solteiras com menos de dezoito anos de idade. Surpreende saber que muitas delas escolhem ter filhos sem precisar de casamento.

Conforme relata Helen Bee²³, “considerar essa tendência como algo preocupante, ou não, depende não apenas das crenças religiosas ou morais de cada um, mas também das evidências sobre as conseqüências a longo prazo disso para a vida da mulher adulta”.

Muitas vezes essas escolhas ou impulsos, sem considerações de conseqüências, têm impactos psicossociais internos, não só no desenvolver das novas gerações, fruto de jovens libertos, mas na própria evolução sócio-profissional, religiosa e econômica. Muitas vezes o transporte da adolescência para a vida adulta é pleno de caminhos tortuosos, com efeitos emocionais e psicossociais impeditivos da felicidade.

Cada sujeito tem ou elaborou seu modelo interno ou imagem ideal de si mesmo, e quase sempre percebemos discrepâncias entre o que ele espera, deseja,

²² BEE, 1996, p. 24

²³ BEE, 1996, p. 125

e o que experimenta no real, trazendo efeitos psicológicos ligados à ideia de fracasso, de sofrimento, de perturbações que revelam pouco amadurecimento psicossocial e religioso, diante das suas e das expectativas da sua cultura mais próxima.

Muitos desses jovens, no afã de experimentar o mundo, testando suas próprias capacidades, chegam a situações que, mesmo prováveis, são inesperadas por eles. Se percebêssemos a importância da segurança afetiva e da boa orientação educativa teológica ou da pedagogia teológica, na prática poderíamos minimizar tais fatos – na fase em que o jovem luta por identidades e por posições no mundo²⁴.

Essa violência toda não é só questão de saúde física e mental individual; é uma questão de toda sociedade, de todo governo, do mundo interacional mas, sobretudo, uma questão de fé e que já não sustenta mais nossa vida, nossas esperanças, necessidades, desejos e realizações²⁵.

Ouvimos o tempo todo falar da bulimia²⁶, da anorexia²⁷, termos que se referem a desordens ou distúrbios alimentares apresentados somaticamente mas de fundo psicossocial; vemos o fenômeno bullying²⁸ nas relações de dominação-

²⁴Segundo Helen Bee, os índices de homicídio entre os adolescentes são especial e alarmantemente altos nas cidades americanas, onde as gangues freqüentemente dominam, onde as armas são uma parte comum da vida. BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre. Artmed, 1996

²⁵ Não se trata aqui do poder de uma fé imposta pelos doutrinadores, mas aquela que podemos semear na mente e no espírito de nossos jovens, como o restaurar de um modelo interno no qual a presença do Cristo Salvador seja a marca forte.

²⁶ Grave transtorno alimentar que caracteriza-se em momentos de excesso alimentar. Diferente do que muitos pensam, a bulimia está mais para assemelhar-se com a anorexia do que ser o seu contrário. O paciente bulímico não deseja engordar e tenta conter a compulsão pela comida; reconhece seu comportamento como um absurdo e se pune sentindo-se inferiorizado e desprezível ao induzir o vômito com a finalidade de não ganhar peso. A bulimia é uma patologia que ocorre geralmente na adolescência e, principalmente, nas meninas. Se não investigada e tratada neste período se estenderá na idade adulta. Para maiores informações é indicada a leitura do livro **Tratando bulimia em adolescentes**: uma abordagem baseada no envolvimento de toda a família, de Daniel Lê Grange e James Lock. Ed M. Books.

²⁷ A anorexia nervosa também é um transtorno alimentar. O objetivo único dos anoréxicos é a perda de peso numa implacável busca pela magreza. Assemelhando-se com a bulimia, a maioria dos casos acomete adolescentes e jovens do sexo feminino. Em função da falta de alimentos, a pessoa anoréxica tem sérios problemas de saúde como desnutrição e desidratação, anemia, osteoporose, amenorreia – quando mulheres – redução de massa muscular, infertilidade entre outros problemas de saúde. Este transtorno é caracterizado por fatores biológicos, culturais, psicológicos e familiares. Para maiores informações é indicada a leitura do livro **Anorexia, bulimia e compulsão alimentar**, de Lara Natacci Cunha, Ed. Atheneu.

²⁸ Bullying, que pode ser interpretada como valentão. Expressa formas de violência física e/ou psicológica. Essa violência pode ser manifestada contra indivíduos ou grupos rotulados como indefesos no intuito de intimidar o outro. Confrontando-se com os direitos universais do ser humano e afrontando o código civil, o bullying carrega um comportamento agressivo e preconceituoso. Nas escolas, atualmente, acontece o bullying com maior frequência sem esquecermos o cyberbullying. Para maiores informações é indicada a leitura do livro **Bullying: o que você precisa saber**, de Lélio

subjugação entre estudantes jovens, mas que se fundamenta no desespero da formação identitária e na falta de referências superiores de vida espiritual e social.

Há muito mais que as anorexias nervosas impedindo a vontade de comer; há muito mais que as compulsões bulímicas, ou ainda as tendências de humilhar dos percebidos como fracos. Por trás de causas biológicas ou psicossociais podem se esconder vazios existenciais, onde a falta de sustentação da espiritualidade se faz presente, num grave aniquilamento para a vida individual e a social.

O fato é que não podemos esquecer que ao lado da nossa liberdade e escolha estão os relativos determinantes da força da natureza, bem como da força social. Nossa herança genética é individual e específica para nossa espécie de gênero. Nossa linha de corporeidade recebe instruções para dirigir, de preferência com êxito, nosso crescimento em interligações biofuncionais. Por outro lado, esse corpo trabalha com efeitos interacionais no seu nicho existencial, que é o contexto ou o ambiente social, o que relativamente nos fortalece ou fragiliza.

Desde o primeiro ambiente pré-natal, podemos nos sujeitar a sofrimentos causados por uma exposição a drogas de uma mãe adolescente, ou a radiações por um médico inexperiente que nem sabia da gravidez de nossa mãe. Podemos ter impedida uma habilidade motora por fatores invasivos ou por práticas não adequadas. O fato é que há ligações entre a natureza e o ambiente, sim, entre a experiência e a aprendizagem, a prática e o desenvolvimento, a educação e a formação de caráter, a teologia prática bem desenvolvida e a identidade religiosa.

O poder cognitivo, tanto quanto a sensibilidade afetiva, está em provável consonância com a vida biofuncional e a vida sócio-cultural e espiritual, onde se insere a educação, o trabalho e a religiosidade. Hoje se questiona a inteligência, a racionalidade, como antagônica à religiosidade. É comum ouvirmos que a religiosidade é própria da cultura de velhos ou da cultura dos pouco letrados como se esta fosse típica de um pensamento mágico ou de um envolvimento emocional não discernidos.

A inteligência humana não aparece como uma faculdade, atributo ou traço mental determinante; ela é processamento, e, portanto, também não é conteúdo mental. Nós processamos informações durante toda nossa vida e os pesquisadores,

defensores dessa inteligência móvel e dinâmica, não descartam a força que nos impele a essas buscas, inclusive as transcendentais.

Temos nossa inteligência, nossa experiência experimental, nossa inteligência contextual; além disso, temos inerente a busca de superação de nós mesmos, uma ordem subjacente para uma inteligência espiritual, que se finca no real, mas extrapola.

O pensamento piagetiano nos fala do pensamento adolescente a operar com possibilidades e não só com a realidade concreta. O jovem adolescente pode mergulhar na especulação, nas possibilidades, e com isso ultrapassar o raciocínio lógico-matemático, o filosófico, o fictício e virtual e penetrar mais fundo numa visão espiritualizada.

O fato de alguns jovens poderem desenvolver o pensamento formal implica uma posição de amplitude ativa e não de restrição passiva ao objetivo ou ao pregado como verdadeiro. É uma forma abstrata de pensamento que pode ser estimulado, a partir de posturas abertas e dialogizantes, com experiências, estudos, debates, enfim, com materiais diversos, inclusive com ênfase nas escrituras sagradas.

O jovem, nessa fase, é capaz de manipular ideias assim como objetos e fatos históricos, com capacidade lógico-dedutiva a partir de noções e vivências próximas, aliadas a vivências antigas e, também, futurísticas.

A linguagem que usamos, as formas de comunicação eficientes, parecem ter alto poder de significação nesse processamento. Os linguístas dizem que “a linguagem é um sistema arbitrário de símbolos,”²⁹ pois palavras, gestos, imagens ocorrem em representação simbólica.

As linguagens têm suas regras e assim reunimos e separamos símbolos criando outros significados. Não só imitamos linguagens ou repetimos a linguagem de outras pessoas; nós as criamos em novas frases conforme o que desejamos comunicar.

A linguagem pragmática, na verdade, deixa abertura para a linguagem dos desejos, das emoções, dos pensamentos, de crenças e dos valores. Cremos mesmo, numa linguagem emergente, que esteja brotando não só da relação entre o

²⁹ BEE, 1996, p. 229.

prático e o virtual, mas também do fundo da alma em busca de sua origem, e esta não se restringe ao mundo material.

Maturana afirma que os seres humanos são sociais, e explica que isso advém do contínuo relacionar entre o próprio ser e o ser do outro. Nossas experiências, entretanto, embora compartilhadas, são individuais e intransferíveis, o que nos coloca numa situação bem contraditória. Assim, diferentes ideologias e diferentes religiões enfatizam estas e outras formas de duplicidade. Os fenômenos existentes, tanto sociais quanto individuais, parecem reafirmar a natureza biológica, psicológica e espiritual do humano.

O autor afirma que cada sistema social particular se distingue dos demais pelas características de rede de interações que realizam. E exemplifica citando uma comunidade religiosa em relação a uma comunidade de lazer. Seus membros agem de modo diferente, numa e noutra, adotam comportamentos adequados a cada um, o que podemos chamar de papéis sociais diferentes, num único *self*.

Embora todo sistema tenha tendência de autoconservação, há uma tendência adaptativa e móvel que lhe faz usar de flexibilidade para abraçar as mudanças dos componentes, sem se desintegrar. Nesse caso, o sistema “será constituído como uma rede condutual diferente”³⁰. Afinal, tanto a vida biológica é resultante de processos de maturação X evolução, quando o decorrer histórico de qualquer sociedade é sempre resultante desses dois processos, e isso, segundo Maturana, tem aplicabilidade universal, ou seja, é válido para todo tipo de sistema social, segundo nossa interpretação, inclusive ao sistema religioso, como parte componente da sociedade humana em seus sistemas.

Nesse sentido, o autor declara que há uma biologia do fenômeno social, sujeito a leis naturais dos sistemas vivos e mutacionais. Assim, os sistemas religiosos terão de passar por novos trabalhos de flexibilidade ou variação no sentido de conservação progressiva.

Ao abordar a “ontologia do conversar”³¹, Maturana entrelaça a questão antiga da emoção e da razão contestando a dimensão antagônica destas no espaço psíquico. Enfatiza que um não nega o outro, e tampouco é o racional que define a posição humana.

³⁰ Maturana, Humberto R. **Da biologia à psicologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1998. p. 71.

³¹ Maturana, 1998, p. 79.

Embora o racional nos torne diferentes dos outros animais e a linguagem elaborada pelo humano nos forneça um estilo de vida e comunicação mais rico e dominante, não diferimos muito na relação com as nossas emoções.

O que acontece é que estamos imersos na tradição de um mundo intencional. Uma tradição religiosa, por uma parte, e por outra um âmbito cultural que opera de acordo com intenções, desejos e ambições e que funciona como se estes estivessem atuando no presente como estados finais aos quais a gente se aproxima. Neste contexto estamos acostumados a ver o fenômeno de deriva como uma situação caótica e sem ordem.³²

Maturana parte de uma visão sistêmica e estruturante em que um sistema só é percebido a deriva por incapacidade do observador em sua análise; não há um determinismo estrutural, mas uma relação entre o observador e o sistema. Ele acredita numa relação intercambial entre o observador e o sistema, em seus múltiplos estados, não como curso intencional, nem ordem evolutiva determinada, mas resultante da natureza histórica do fenômeno de deriva filogênica. A condição de adaptação ao meio deixa de ser vista como uma consequência da evolução e pode ser reconhecida como uma de suas condições de possibilidades.

Desse modo, a noção de livre arbítrio estaria contida nessa visão, junto aos esforços humanos e sociais de construção e reconstrução, deixando ao homem a responsabilidade de atuar entre os sistemas onde interage, de contribuir com a filogenia e seus novos processos inovadores e probabilísticos, na tentativa de construir uma vida melhor.

Noções como estas entre biólogos, neurocientistas, psicólogos, psiquiatras, sociólogos, antropólogos, teólogos, entre outros, não são fáceis de serem operacionalizadas ou processadas de modo equilibrante.

Não é de se estranhar que nossos jovens adolescentes, cujas mentes abstratas ainda estão em construção, encontrem-se perdidos entre possíveis verdades ditas ou a serem construídas. As quebras de modelos são destruidoras e talvez seja urgente a necessidade de ajudá-los a reconstruir ou revisar seus modelos.

A identidade, portanto, está sujeita a inúmeros aspectos internos e externos nessa interatividade. A artimanha, utilizada como linguagem para seduzir a juventude, mostra os graus de convencimento a que está sujeita quando há

³² MATURANA, 1998, p.196.

consonância para atingir mecanismos conscientes e inconscientes dos jovens. Tanto trabalha com conteúdos ideativos quanto com crenças que se filtram com o campo cognitivo das pessoas. Assim se superam as dissonâncias, as incongruências perceptivas que levam o sujeito a superar os conflitos criados pela proibição.

Lembramos aqui a possibilidade de um grupo étnico possuir termos de resistência a essas sugestionabilidades; os judeus foram duramente perseguidos desde a antiguidade e mantêm, até certo ponto, a sua cultura, resistente ao controle de outros povos.

As técnicas de veiculação das imagens são altamente utilizadas como propaganda ideológico-religiosa, são a linguagem da “expressão iconográfica”³³ que prevê certa reação do público. Há, pois, um poder interno nos meios de comunicação das massas, e, nessa linha, muito da busca da religiosidade se perde e se encontra, muitas vezes de forma enganosa.

Em termos científicos, a adolescência é a fase que vem depois da infância e antes da juventude, quando ocorrem mudanças intensas e onde se incluem as direções profissionais, as escolhas grupais e os ambientes de relacionamentos que perpassam desde a família as instituições sociais como a escola e a Igreja.

Em estudos teológicos que levam em conta as ciências sociais, consideramos esse período não só como processo natural, mas também derivado de alterações sociopolíticas, tecnológicas, econômicas e culturais.

Bock acredita que essa fase se caracteriza pelos esforços necessários do jovem em direção ao mundo do trabalho, de conhecimentos e valores que lhe permitam constituir uma família. Por isso, afirma que é difícil caracterizar alguém com quinze anos ou vinte e cinco anos como adolescente ou adulto, principalmente porque muitos jovens desde cedo, por questões socioeconômicas, entram no mercado de trabalho e passam a ter atitudes adultas e responsáveis pela sobrevivência familiar. Esse fenômeno social é, pois, marcado por um componente que é também psicossocial. Compartilhando com Bock, Margulis³⁴, em seus recentes estudos, discorre:

³³ BOCK, A. M. M. **Psicologias**. São Paulo: Saraiva, 1999. p. 285.

³⁴ *Se há puesto de manifesto, al plantear la condición de juventud, los aspectos relativos a las desigualdades sociales que están implícitos en La noción de moratória. Así, los estudios vinculados con el tema tienden correctamente a criticar el uso automático de las categorías etáreas, cuando no distinguen entre las condiciones desiguales que encuentran – dependiendo del sector social a que pertenecen – personas pertenecientes a los mismos grupos etáreas. Los jóvenes de sectores medios*

Há manifesto ao envolver a condição de jovialidade, os aspectos relativos às desigualdades sociais que estão implícitos na noção de moratória. Assim, os estudos vinculados com o tema tendem corretamente a criticar o uso automático das categorias etárias, quando não distinguem entre as condições desiguais que se encontram – dependendo do setor social à qual pertencem – pessoas pertencentes ao mesmo grupo etário. Os jovens de setores médios e altos têm, geralmente, oportunidade de estudar, de retardar seu ingresso às responsabilidades da vida adulta.

A injustiça social derivada das diferenças de renda: muitas vezes acaba por tratar como adultos os adolescentes de classes pobres que são trabalhadores, e os jovens de vinte e cinco anos dos cursos superiores como se fossem adolescentes.

Desse modo, diferentes das culturas primitivas, não há um ritual único de passagem para a fase adulta durante a qual psicologicamente o adolescente vive a angústia de não ser menino nem mesmo adulto. Com bases culturais Bock afirma: “não temos a adolescência como uma fase definida do desenvolvimento humano, mas como um período da vida que apresenta suas características sociais e suas implicações na personalidade e identidade do jovem.”³⁵

A realidade nos mostra que essa visão é por demais simplista e um tanto defensora dos aspectos socioculturais e históricos, em desvalorização da questão biofuncional. Mas essa percepção nos ajuda a compreender a fase da adolescência em suas implicações mais amplas, como aquelas que sugerem maior envolvimento das políticas públicas brasileiras e reafirmam o necessário engajamento dos grupos religiosos mais conscientes para garantir uma formação de valores mais fortes, para além dos materiais e relativos.

Mario Margulis aponta o jovem em suas definições, considerando suas expectativas e sua inclusão social, a urgente necessidade de ampliar o entendimento conceitual da palavra que o caracteriza pois, ser jovem não é apenas um estado de espírito ou uma das etapas da vida do ser humano.

Em algumas literaturas sociológicas recentes, se trata de superar a consideração de “juventude” como mera classificação por idade. Consequentemente, se utiliza nas análises a diferenciação social e até certo ponto, aspecto cultural. Então pode se dizer que a juventude depende de uma moratória, um espaço de possibilidades abertos a certos setores

y altos tienen, generalmente, oportunidad de estudiar, de postergar su ingreso a las responsabilidades de la vida adulta. (Tradução Própria)

MARGULIS, M. **La juventud es más que una palabra.** In: Margulis, M. (org.) **La juventude es más que una palabra:** ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 3. ed, 2008. p. 17.

³⁵ BOCK, 1999, p. 290.

sociais e limitados a determinados períodos históricos. A partir de meados do século XIX e no século XX, certos setores sociais conseguiram oferecer à seus jovens a possibilidade de postergar exigências – sobre tudo em relação ao estudo e ao trabalho – tempo legítimo para que se dediquem ao estudo e a profissionalização postergando o matrimônio, sem que a sociedade seja intolerante com essa situação especial.³⁶

Este é um tempo de variadas experimentações, quando o jovem tem a liberdade de fazer escolhas, de sonhar e pensar utopicamente, de criar a sociedade ou família onde se insere, de julgar diferentes perfis sociais e conjugar seus modelos de identificação.

A fase histórica dos anos setenta precisou muito do jovem revolucionário e as faculdades estimularam a independência em contraste com a obediência, pois a época e a cultura necessitavam da força jovem para transformar o panorama político, socioeconômico e cultural. Embora já tenha sido aclamada a fúria renovadora, ainda hoje, *estar adolescente* se apresenta como uma maneira o jovem de ser ele mesmo e preservar a liberdade de vir a ser o que deseja, na sociedade que ele acredita poder mudar.

Sintetizando essa controvérsia, podemos ressaltar que há teorias que enfatizam a adolescência por ser ela uma fase de transformações físicas e intelectuais, de modo intenso, a assinalar o final da infância. Há também aquele grupo de teorias que enfatizam a adolescência como uma questão sociocultural, destacando que nas culturas como a nossa a adolescência é mais duradoura e mais complexa que em outras sociedades.

Posições intermedianas aparecem reconhecendo a natureza interna como maturação física ao lado da natureza externa como a educação ou expectativas sociais. Erikson, psicólogo neopsicanalista, discípulo de Freud, afirma que entre a busca da identidade e a confusão de papéis sociais se dava o conflito da adolescência. Desse modo, o pertencimento a determinados grupos devolveria a tranqüilidade relativa para a resposta do *quem sou eu*.

³⁶ *En cierta literatura sociológica reciente, se trata de superar la consideración de "juventud" como mera categorización por edad. En consecuencia, se incorpora en los análisis la diferenciación social y, hasta cierto punto, la cultura. Entonces se dice que la juventud depende de una moratoria, un espacio de posibilidades abierto a ciertos sectores sociales y limitado a determinados períodos históricos. A partir de mediados del siglo XIX y en siglo XX, ciertos sectores sociales logran ofrecer a sus jóvenes la posibilidad de postergar exigências – sobre todo las que provienen del estudio y del trabajo -, tiempo legítimo para que se dediquen al estudio y la capacitación postergando el matrimonio, lo que les permite gozar de un cierto período durante el cual la sociedad les brinda una especial tolerancia. (Tradução própria) MARGULIS, p. 16 – Grifos do autor.*

Alguns autores insistem em afirmar ser a adolescência uma época de crise de identidade, pois a resposta a esse *quem sou eu* fica atrelada às expectativas da sociedade, o que restringe e ao mesmo tempo estimula os esforços de independência no adolescente.

O jovem adolescente costuma experimentar e depois rejeitar certos papéis, ações, valores, a fim de traçar mais firmemente seus caminhos e a reestruturação do seu eu no mundo. Nessa época, há um tipo de egocentrismo, como o que ocorreu dos 2 aos 6 anos de idade, na busca de autoavaliação e autorealização.

Os jovens passam horas dedicados a si mesmos, preocupados com todos os aspectos de sua identidade, como seu corpo, sua imagem social e cultural, e assim acabam por penetrar na rigidez dos esteriótipos quanto aos papéis de gênero e outros tantos. Ainda a teoria ericksoniana defende a ideia de que se esses jovens conseguem chegar a um sentimento de continuidade interno e certa sintonia com o mundo exterior, pode-se dizer que tornam-se capazes de estabelecer maior intimidade consigo mesmos e com outra pessoa.

A estabilidade da identidade e dos valores no final da adolescência prepara o sujeito para sua interação com os outros e com a sociedade, conciliando valores, desejos e possibilidades como sujeito provedor de si mesmo e ao mesmo tempo sujeito de direitos e deveres, consciente do compromisso de enfrentamento da realidade em sua fase adulta.

1.2 Características psico-religiosas

Com o fenômeno da secularização, os tempos mostram a dificuldade que um educador encontra para educar a juventude, no afã da independência, da autonomia, da busca de ser em relação às próprias escolhas. Costuma-se enfatizar que a maior liberdade do homem está justamente nesse poder de escolher, um dos pilares do ser existencial, fenomenológico. Entretanto, nem sempre este poder vem acompanhado de um dever, de uma responsabilidade em relação às escolhas feitas.

A liberdade de busca do *ser*, a liberdade de *ter* e *fazer* parece ser parte integrante da própria natureza ou essência do ser, o que percebemos como inclinação para a curiosidade, a busca, a evolução, ou como uma inerência que não

se pode e nem se deve podar. Por outro lado, a própria expansão dessa liberdade traz em si mesma sua oposição na limitação ou controle desse espaço de abertura, o que os sábios costumam chamar de disciplina ou limite.

Considera-se, por questões factuais e socioantropológicas, que a liberdade, na existência humana e tempo-espacial, apresenta-se como relativa ao se levar em conta o mundo histórico, físico, psicofísico e psicossocial dessa existência.

O fator desejanter e a força do contingencial formam uma integração indissolúvel, necessitando de criativas decisões e estratégias para a satisfação e o crescimento, tanto do homem em si, quanto de seus relacionamentos e das respostas sociais mais amplas.

Nossa mente, embora vasculhada pela neurociência, pela filosofia, pela psicologia, inclusive pela religião, parece não ter “fronteiras”³⁷ pois os sonhos, os desejos, os pensamentos ou as ideias são transformados em reais projetos e executados na práxis humana.

Nessa concepção, entre liberdade e o limite, Tiba faz uma referência significativa à fase adolescente e afirma: “a adolescência é adrenalina que agita a juventude, tumultua os pais e os que lidam com ela.”³⁸

O autor aborda a questão biofuncional e com ela a questão psicossocial, pois diz que o jovem se sente um pouco deus, mas é tão frágil que “não segura uma gravidez”, é um “ousado no volante que acaba com o carro” e muitas vezes perde a vida porque não está atento aos efeitos dos riscos à sua grandeza. Para o autor, torna-se difícil lidar com a juventude porque nem ela própria entende seu corpo, sua mente, seu espírito e deseja imensamente resolver os problemas do mundo que pensa conhecer.³⁹

De uma forma um tanto poética, Tiba lembra que um adolescente pode relutar em arrumar seu próprio quarto, mas se esmera ao lavar o carro; é capaz de defender a natureza enquanto fuma um cigarro, ou até mesmo fazer uso de drogas como a maconha; é capaz de brigar e brincar; de viver entre o seu poder biológico-emocional e psicossocial em profusão. Tiba enfatiza dizendo que “o adolescente é

³⁷ TIBA, Içami. **Conversas com Içami Tiba**: V. 3. São Paulo: Integrare Editora, 2008.

³⁸ TIBA, 2008, p. 84.

³⁹ TIBA, 2008, p. 85.

pequeno demais para grandes coisas e grande demais para pequenas coisas”.⁴⁰
mas convida os educadores e missionários a acreditarem no poder criador

Conhecimento e criatividade propiciam mudanças que, com ética e assertividade melhoram a qualidade de vida..o ser humano é aquele que , sem se sentir ultrapassado, consegue absorver mudança e aperfeiçoar ainda mais o que ele já se acreditava fazendo melhor.⁴¹

Numa linha de pensamento sobre essas possibilidades e limitações humanas, principalmente em relação à juventude e as suas instabilidades assertivas, Brakemeier,⁴² em suas contribuições antropológico-teológicas, questionava o ser como imagem e semelhança de Deus nas abordagens antigas e as conceituações sobre o ser máquina e mercadoria, advindas da modernidade. Preocupando-se com a identidade humana, ele se pergunta se este tempo estaria ou não pondo um ponto final na dignidade humana.

O autor, acima citado, abordando Freud, considera as grandes humilhações que a modernidade tem trazido e, junto com elas, as suas contribuições. A primeira delas tem sido a cosmológica quando o ser humano se percebeu não mais como centro do Universo; a segunda aparece como biológica, quando as posições darwinianas o consideram evolução da espécie animal mais próxima, e não originário de um Criador; a terceira, o enfrentamento de uma possível fragilidade do seu próprio eu sob a força de ordens psicológicas do mundo inconsciente, ditadas pela psicanálise.

A sensação de pequenez e impotência do ser humano diante da vida e do mundo repleto de riscos a sua integridade, tão bem trabalhada na busca de sentidos existenciais mais seguros ao longo da história do homem no tempo-espaço, provocou uma ruptura violenta que, se não o desintegrou neuropsiquicamente, estipulou uma incrível percepção de fragmentação e descontinuidade.

A pesquisa científica desmistificou o ser humano. Destruiu os mitos que lhe asseguravam lugar privilegiado no universo. Reduziu a existência humana à trivialidade. Foi enorme o impacto: ficou comprovada a *insignificância*⁴³ do ser humano na imensidão do espaço.⁴⁴

⁴⁰ TIBA, 2008, p. 86.

⁴¹ TIBA, 2008, p. 89.

⁴² BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade**: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulus, 2. ed. 2005.

⁴³ Grifos do autor.

⁴⁴ BRAKEMEIER, 2005, p. 9.

A linha conflitiva entre fé e razão deu lugar ao abandono de ambas nos movimentos socioemocionais de liberdade e de direitos humanos. Escolhendo alçozes dominadores para onde canalizar as energias vitais. inúmeras igrejas, hoje, usam processos imagéticos e midiáticos na tentativa de fortalecer a identidade e as razões existenciais dos adolescentes de modo dominante mas envolvente.

No tocante à relatividade do mundo objetivo e também de sua própria percepção sobre si esse mundo objetivo, o homem nega o absoluto, repudia fundamentalismos e qualquer regra ou norma que possa aprisionar seu impulso de liberdade sem se perceber escravo desse novo estilo de vida trazido pela contemporaneidade.

Nesse meio está a religião, a fé em Deus, a busca da sabedoria, a decisão de escolher Cristo como Salvador. A bondade desejada pelo amor ao próximo, como na Parábola do Bom Samaritano (Lc 10:25-37), a nobreza da alma, o otimismo significativo da vida como uma escola e a certeza da espiritualidade se afastaram para dar espaço a violência das guerras, das lutas entre estudantes, dos crimes em família e muito mais.

A linha psicanalista freudiana descreve bem essa fase antropológica daquele tempo. As perturbadoras verdades científicas trazidas à luz da consciência humana provocam crises de identidade redefinidoras da visão de Deus, do homem, do mundo. Se a Renascença tentou iluminar a mente humana e o mundo com novas e livres verdades, pensadores dessa época como Giordano Bruno, René Descartes, Francis Bacon, John Lock, Martin Lutero entre outros, deram espaço a um forte pessimismo, principalmente diante das incertezas entre o virtual imaginário e o real objetivo.

Os filósofos e historiadores chegam a acreditar que o humanismo teria que recriar o homem fragmentado e perdido. Homem que tentou fazer técnicas robotizantes em sua entrada no mundo de novos conceitos e padrões concernentes a eles. Assim vemos a biotecnologia, a nanotecnologia, inúmeros projetos do genoma, a supremacia econômica e política das estruturas sociais, as noções de globalização e outros conjuntos de fatores que retratam essa totalidade que parece deteriorar no íntimo da juventude, a fé em si mesmo, a fé em Deus e a fé na vida. Se os valores recomendam respeito à cidadania, por outro lado recompensam a competição e até a corrupção plena, sabedoria anti-ética.

Desumanizados, despersonalizado, objetivados ou coesificados, o mundo nega aos adolescentes a sua dignidade, a sua razão existencial, a sua identidade:

Desde sempre, o “humano” estava exposto à ameaça da “desumanização”, implicando “despersonalização”, ou seja, a redução do sujeito a objeto. Arranca-se das pessoas o rosto. Nega-se-lhes a identidade. Despreza-se sua dignidade, expondo-as à perseguição e mesmo ao assassinato. Os motivos podem ser de natureza sistêmica ou privada, operando às vezes em estreita conjugação. A pessoa “teleguiada”, aliciada, não persuadida, uniformizada, metida na camisa de força das ideologias e submetida aos ditames das convenções econômicas.⁴⁵

Os discursos de unidade global, de oportunidades iguais e de solidariedade na verdade escondem divisões e exclusões dentro do mundo globalizado. Nesse sentido, Brakemeier denuncia essa nova sociedade como “sem alma”, algo que a “consciência cristã” não pode aceitar.⁴⁶ De nada adiantam humanistas que protestam contra os maltratos à pessoa se grande parte deles de modo não coerente, com essa modalidade de, pensamento, ação e convivência, sob a enganosa bandeira de justiça para todos, não pratica a cristologia na sua essência.

Esses direitos humanos como os da *liberdade, da igualdade e da fraternidade*, empregados na Revolução Francesa e entendidos como universais, ainda não puderam fazer parte de um mundo onde o próprio homem nem sequer conhece a si e ao outro, e, principalmente, não mais se percebe como filho de Deus e seguidor de Jesus Cristo. O desconhecimento e o não-engajamento dos jovens na ética e na moral das linhas reflexivas da palavra de Deus contidas nas Escrituras Sagradas, estão atrelados aos novos preceitos de liberdade, a mesma que torna o homem escravo, até de si mesmo.

A declaração dos direitos humanos constata a dignidade das pessoas, mas não a fundamenta. Considera-a algo evidente. Diz o Artigo 1 da Declaração: “Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos [...]” Trata-se nitidamente de um credo, que consagra uma visão antropológica generosa. Tem em altíssimo apreço o gênero humano. Tal visão porém, para ser conveniente, necessita do apoio em valores culturais, filosóficos ou religiosos, pois, no fundo a dignidade humana não pode ser demonstrada racial ou empiricamente. Ela subtrai-se a verificação identifica. Se fosse de tamanha evidencia como se alega, seria enigmático o cinismo de que o ser humano é capaz, bem como a existência indigna a que consideráveis parcelas da humanidade estão condenadas a viver.⁴⁷

⁴⁵ BRAKEMEIER, 2005, p.13 (Grifos do autor)

⁴⁶ BRAKEMEIER, 2005, p. 13.

⁴⁷ BRAKEMEIER, 2005, p. 16-17.

Sem a devida dignidade humana, a violência e o sofrimento são destruidores, principalmente quando se transitam pela fronteira entre o que é legal e ilegal na vida social e nos meios do poder econômico. O princípio orientador encontrado em Cristo não mais está presente nesse tempo ou nessa realidade.

Numa época em que o prático, o útil, o descartável e o seletivo são o mais venerado, onde ficaria o amor, a justiça, a verdadeira solidariedade dos irmãos humanos? Parece quase impossível buscar-se a dignidade humana, independente do tipo de vida, de status social, de cultura e de contextualização em que nos encontramos. Aceitamos, na íntegra, a noção de que a “dignificação do ser humano é assunto essencialmente religioso”⁴⁸ e traz a contribuição da fé à vida humana.

Embora em nome da religiosidade, muitas nações tenham cometido crimes, participado de guerras e de destruições, essa tem também sido “fonte de sentido e de dignificação humana”⁴⁹, uma retomada à plenitude, aos valores mais profundos da alma e das relações entre os homens, uma revisão da dignidade do homem como um filho de Deus no mundo. O homem tem o poder e a incumbência de cultivar o jardim de Deus como feito à Sua Imagem e Semelhança, e como parte significativa da criação.

Tal é a história da criação dos céus e da terra. No tempo em que o Senhor Deus fez a terra e os céus, não existia ainda sobre a terra nenhum arbusto nos campos, e nenhuma erva havia ainda brotado nos campos, porque o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, nem havia homem que a cultivasse; mas subia da terra um vapor que regava toda a sua superfície. O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra e inspirou-lhe nas narinas um sopro da vida e o homem se tornou um ser vivente. Ora, o Senhor Deus tinha plantado um jardim no Éden, do lado do oriente, e colocou nele o homem que havia criado. O Senhor Deus fez brotar da terra toda sorte de árvores, de aspecto agradável, e de frutos bons para comer; e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal.
50

Não seria, pois, nem a inteligência nem a afetividade ou qualquer outra capacidade ou sentimento pertencente ao homem em seus atributos que o sintonizaria com Deus; sua comunhão com Ele vai além das características humanas e psicossociais. A relação do homem com o seu Criador ultrapassa o

⁴⁸ BRAKEMEIER, 2005, p. 17.

⁴⁹ BRAKEMEIER, 2005, p. 17.

⁵⁰ GENESIS. In: *BÍBLIA* Sagrada Ave-Maria. Revisada por Frei José Pereira de Castro. 146. ed. São Paulo, SP. Ed Ave-Maria, 2000. p. 50.

entendimento do fenômeno humano. Segundo Brakemeier, “a identidade e dignidade do ser humano emanam de sua qualidade de imagem de Deus”⁵¹

A busca da fé, do sagrado, tem sido observada como tendência universal; e o homem em busca da verdade, a partir de suas próprias e relativas necessidades terrenas, tem-se desviado do caminho que o leva à dignidade e à plenitude. Mesmo diante da dignidade os homens não “podem destruir a sua imagem de Deus na vida onde elas existem, pois Jesus viveu sob todos os tipos de agressão e dificuldades e não perdeu a sua dignidade”.⁵²

Franco⁵³ fala dos conflitos dos jovens na contemporaneidade, e suas formas de escapar das angústias de estarem sem o seu Deus, transferindo energias mobilizadoras para o exterior a si mesmos. Assim, pretendem trazer para seu mundo interior as aquisições, o êxito social, os aplausos, a fama, a admiração da sociedade. Para o autor, estas conquistas acalmam, ajudam na construção da identidade, mas são temporárias em seus efeitos, pois não erradicam as aflições, a dor ou sofrimento nas incertezas e buscas à procura de si mesmo. O homem, nessa percepção, escolhe caminhos fugazes na tentativa desesperada de calma e de construção de identidade com sentido existencial.

Reprimindo conflitos, temerosos da impotência ou fragilidade diante do mundo quase sempre hostil, os jovens se empenham no exacerbar de seu egocentrismo adolescente, de sua luta pela liberdade, pela autonomia, pela independência. Esses medos então:

Enraizados profundamente, apresentam-se na consciência sob disfarces diferentes, desde os simples complexos de inferioridade, os narcisismos, a agressividade, a culpa, a timidez, até os estados graves de alienação mental.⁵⁴

O fortalecer da concepção de cristologia traria a esses adolescentes um poder de restauração dessa dor, dessa sensação de pequenez e unificaria essas partes de um todo que se vê hoje fragmentado. Como um ser multifacetado; uno e múltiplo ao mesmo tempo estão os jovens, em sua natural imaturidade, sujeitos às sombras mentais como transtornos psicológicos, acesso às drogas, violência e até à

⁵¹ BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade**: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulus, 2. ed. 2005. p. 18.

⁵² BRAKEMEIER, 2005, p. 25.

⁵³ FRANCO, Divaldo Pereira. **O ser consciente**. Por Joana de Angelis. Salvador. Ed. Alvorada, 3.ed, 1995.

⁵⁴ FRANCO, 1995, p.10.

desistência de vida. Por isso, em busca de ser, em direção à plena consciência o jovem deverá ser bem acompanhado, partindo da realidade psíquica e da objetiva, em plena aceitação do que se é, como se é e não do que se deseja ou parece ser.

Os processos de autoavaliação ou autoaceitação e análise devem ocorrer sem o apoio de máscaras ou disfarces de si mesmo, sem julgamentos ou justificativas, apenas na busca de descobrir-se. Uma descoberta de auto-amor, auto-estima, no sentido de um amor sem egocentrismo ou narcisismo, capaz de se fortalecer e se ampliar em direção a outros.

Tomando a Cristo como salvador e libertador, esse amor por si mesmo nada teria de egoísmo, mas seria o ponto de partida para o amor ao próximo. Esse seria o fortalecedor que conduziria a exercícios de fraternidade e de comunhão com o outro. Sabe-se que a angústia humana, quando não faz parte do autoconhecimento, conduz à temível sensação de desânimo, solidão e abandono.

A ampliação da consciência de ser para uma dimensão além da existencial, do que é agora, propicia o encontro dos jovens consigo mesmos, com Cristo, com Deus, em “possibilidades extrafísicas de realização”⁵⁵, estas que ficam subjacentes em nossa alma, em profundidade. Uma abertura ao antigo “conhece-te a ti mesmo”, de orientação socrática.

Após essa fase vêm os modelos mecanicistas e comportamentais, dos condicionamentos, reforços ou modelações advindas da Gestalt e do Behaviorismo

Parece mesmo difícil a existência de um ser consciente quando a natureza deste o impulsiona a total liberdade de experimentar o prazer, ou quando a sociedade limita ou pouco orienta essa postura de assertividade, pois a força interna está impregnada de estruturas frágeis e incoerentes.

O ser consciente é austero, mas sem carranca; é jovial, porém sem vulgaridade; é complacente no entanto, sem conivência; é bondoso, todavia sem anuência com o erro. Ajuda e promove aquele que lhe recebe o socorro, seguindo adiante sem lhe cobrar retribuição.⁵⁶

Essa posição, não só torna difícil aos jovens buscar o seu ser consciente, mas também estabelece um grito de alerta para os responsáveis por uma teologia prática, no sentido da própria busca do ser consciente.

⁵⁵ FRANCO, 1995, p. 11.

⁵⁶ FRANCO, 1995, p. 13.

Ao contrário do que os contestadores da religiosidade afirmam, os estudos científicos⁵⁷ abriram espaço para novas comunicações que atualizaram muitas percepções sobre a predominância do espírito sobre a matéria, da mente sobre o cérebro anatômico danificado, o que nos remonta à transcendência e à imaterialidade de ser.

Defendendo uma psicologia transpessoal, Franco a concebe como oportunidade de auxiliar cada sujeito na retomada do seu encontro com o Criador, pois há em cada ser humano uma “consciência cósmica, pulsante e universal”⁵⁸. O autor nos mostra a posição de Cristo, no Novo Testamento, da seguinte forma:

Possuidor da transcendente capacidade de penetração nos arquivos do inconsciente individual e coletivo, Ele tornou-se o marco mais importante da psicologia, por adotar a postura mediante a qual considera o indivíduo um ser essencialmente espiritual, em transitória existência física.⁵⁹

O autor fala de uma terapia cristã, considerando que Cristo trabalhou com a reestruturação da nossa personalidade fragmentada para que o ser humano atingisse consciência e identificação consigo e com o outro, com o mundo e principalmente com o Criador. “Ama o teu próximo como a ti mesmo” traria o reino dos céus; “Venha a nós o Vosso Reino” traria um estado de consciência lúcida e significativa em nossas vidas.

O Cristianismo, em suas antigas ideias de pecado, punição ou condenação, construídas por dominantes político-religiosos do catolicismo, impôs regras de conduta e dogmas estabelecidos, gerando temor e insegurança. A imagem de um Deus vingativo, punitivo, contrário à alegria, edificou-se numa espécie de “arquetipo de natureza punitiva”⁶⁰ e a culpa coletiva afastou as novas gerações da luta pela liberdade de ser.

No campo das sugestionabilidades e defesas contra o sentimento de culpa, muitas religiões ou grupos religiosos, cada um deles acreditando-se verdadeiro, envolvem, enganosamente, nossos jovens em busca de identidade. Mas, ainda

⁵⁷ Aqui podemos incluir os estudos filogenéticos, antropológicos, psicológicos, os da física quântica, os da neurociência e tantos outros.

⁵⁸ FRANCO, 1995, p. 22.

⁵⁹ FRANCO, 1995, p. 20.

⁶⁰ FRANCO, 1995, p. 22.

Franco, em seu sistema de crenças, afirma que ao contrário do que o darwinismo supõe, “o homem é o mais alto e nobre investimento da vida”.⁶¹

A adolescência, possuidora de uma natural força de investida, fruto dos impulsos de vida, vive situações conflitivas, com fatores múltiplos a influir no estruturar do ser. Passa por fases de capacitação e de oblação em direção aos outros, e ainda assim não encontra o calor do verdadeiro amor que alimenta em forma de paz.

Assim, percebe-se que os estudos mais significativos para os jovens são aqueles que lhes permitem analisar, contestar, e essencialmente conhecer. O Novo Testamento traz uma retomada ou uma visita aos conteúdos do Velho Testamento, não como antítese, mas à luz das possibilidades mentais, culturais e espirituais das novas gerações.

A transcendência do ser solicita que a juventude transponha os próprios limites da afetividade, da hipocrisia, do egoísmo, das verdades, da dependência, do sentimento de posse, num esforço de enveredar pelo ser espiritual, num amadurecer psicológico que abre espaços à harmonização consigo mesma e com Deus.

Necessário se faz um trabalho de fortalecimento da cristologia, junto aos jovens deste século, no sentido de realinhar os conflitos de sua época, e poderemos trabalhar com eles em termos de pesquisa, por meio da qual ele possa perceber a interrelação entre ciência e fé, pois estas não são realmente opostas.

É nesse sentido que retomamos a posição de que é preciso começar por nós mesmos, arrumando as nossas próprias mentes, reorganizando nossas resistências e formulando nossos caminhos sempre buscando uma relação dialética sintonia entre ciência e religião.

A transcendência do ser implica essa retomada, sem perder o rumo que nos conduz a Cristo; solicita que, como teólogos práticos, também possamos transpor nossos próprios limites da posse das verdades, das vaidades plenas, dos proselitismos, da afetividade dependente, de modo que, antes mesmo ou durante o tempo em que orientamos o outro, nos conduzamos a nós mesmos, rebusquemos o interior de nosso ser espiritual.

É preciso tomar consciência da realidade, não afundar nos encantos e espantos, e sustentar os ensinamentos cristãos dentro, e não fora, desse contexto

⁶¹ FRANCO, 1995, p. 22.

onde os jovens se encontram, até que estes alcancem níveis mais elevados nessa busca da verdade.

Pauly⁶² convida os jovens a pensar com alegria e seriedade “sobre os dilemas da vida, desejando que cada um deles pense a vida com sinceridade, prazer e compromisso”⁶³, porque somente assim a fé teria algo a ver com a vida deles. Usando o linguajar da juventude, ele fala de Jesus e seu mandamento de amor a si e ao próximo, e deixa ao jovem a liberdade de construção da sua fé: “A fé ninguém ensina, ninguém aprende. A fé se ganha pelo amor que Deus tem pela gente”⁶⁴. Respeitando a liberdade da vivência da fé a seu jeito, da forma e de acordo com o que o jovem quer e pode, o teólogo aposta na juventude e na capacidade dela de ultrapassar as barreiras e enganos do seu tempo. Não revela pretensões de enquadramento religioso, mas pretende ouvir as perguntas dos jovens, antes de oferecer as respostas prontas. Com um estilo literário e próximo do estilo da linguagem jovem, ele nos oferece um largo espaço de reflexões para a teologia, na prática.

No campo da comunicação assertiva, Pauly tece os fios da história do mundo e dos homens; fala de Freud, de Lutero, de Marx como se refere a Adão e Eva; aborda as mudanças biofuncionais e psicossociais da fase adolescente sem pretensões acadêmicas ou linguísticas de alto nível. Numa humildade sadia consegue expressar sua sabedoria e encontrar a abertura necessária da juventude para ouvir a Palavra das Escrituras. E enfatiza:

Jesus usou bom humor para transmitir a mensagem do Evangelho. O povo de Deus pode, com alegria contagiante, demonstrar a satisfação de sermos e termos um corpo criado pelo próprio Deus. Podemos, vindos de todos os povos, dançar alegrias porque valorizamos a diversidade e as diferenças culturais como dádivas de Deus, que destrói o pecado do preconceito racial.⁶⁵

Afirma com honestidade que o conhecimento de Deus é difícil de entender, e mais ainda de explicar. Prova disso é o amor que não se consegue entender de forma racional, mas é por ele que chegamos a Deus.

⁶² PAULY, Evaldo Luiz. **Fé?! Qual é?!** – o jovem e a fé cristã. São Leopoldo: Sintonia, 1998.

⁶³ PAULY, 2000, p. 5.

⁶⁴ PAULY, 2000, p. 5.

⁶⁵ PAULY, 2000, p. 63.

Esse Deus estimula o uso da liberdade de escolher e alerta para perigos do caminho que traçamos. Por isso as igrejas devem acolher esses jovens e, por meio de estudos reflexivos e pela mediação assertiva de teólogos na prática da religiosidade, estimulá-los a buscar seus próprios caminhos.

Para Pauly, Deus precisa ser reconhecido como zeloso “da vida, dos jovens, da natureza”⁶⁶, e que seria uma oportunidade fabulosa para a Velha Igreja, instituição milenar, compartilhar a alegria respeitosa própria do grupo de jovens, porque a Igreja é lugar de Deus, nosso Pai, e é a nossa casa, como filhos d’Ele.

É preciso que não confundamos modalidade comunicante com a noção de catequese, que não façamos impor esta ou aquela linha de pensamento, mas que se permita ao jovem saborear o conhecimento da influência da religiosidade na sociedade, antes e agora. Esses grupos de jovens que fazem parte da liderança da Igreja devem ser orientados por mediadores não no estilo pregador, mas orientador de aprendizagens. Agindo eticamente, deve pregar a fé cristã como o combustível do movimento da juventude em direção a Deus. Esse trabalho deve ser feito sem desvincular o jovem da sua realidade existencial, mas não limitado a ela.

O conhecimento dos grupos, então, faz-se necessário para o desenvolver das linhas de orientações atuais. Nesse objetivo podemos retornar a Bock⁶⁷, que fala dos dramas e poesias da juventude, ou seja, da condição juvenil.

Bock cita alguns estudiosos do tema e dá preferência ao termo *juventude* em lugar de *adolescente*, lembrando que esse jovem que até então havia avaliado o mundo pelos valores da família, da religião, da escola, vai confrontá-los com os novos valores do grupo de pertencimento muitas vezes contestando, outras vezes adaptando-os uns aos outros, mas consciente de que há outros valores e normas no mundo, tanto quanto espaços de liberdade para escolhê-los. E é possível conciliá-los com pontos comuns: “A coragem, a luta para vencer na vida, a noção de construir-se a si mesmo, ser independente, tomar suas próprias decisões e responsabilizar-se por elas, são valores presentes, tanto no grupo familiar quanto nos grupos juvenis”.⁶⁸ Práticas grupais, entretanto, poderão demonstrar coragem e capacidade de decisão, mas nem sempre trarão, na realidade, consequências felizes.

⁶⁶ PAULY, 2000, p. 67.

⁶⁷ BOCK, A. M. M. **Psicologias**. São Paulo: Saraiva, 1999.

⁶⁸ BOCK, 1999, p. 297.

1.3 Resiliência e juventude

A atualidade tem nos revelado aspectos psicológicos, biológicos e sociais entremeados com a capacidade autorreguladora, autossuperadora e autopoietica do ser humano dinâmico. Nesses aspectos, encontramos a temática da resiliência e o componente da fé na superação das grandes perdas, sofrimentos e rupturas que assolam a vida dos jovens.

Aldo Melillo, Mirta Estamati e Alicia Cuestas, no artigo *Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência*, publicado na obra *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*, esclarece que “Resilie vem do latim, significa ‘ voltar a entrar saltando’ ou pular para cima. Curiosamente, também pode significar se afastar, se desviar”⁶⁹.

Hock e Rocca⁷⁰ enfocam as forças de resiliência como pilares ou fatores de proteção que trabalham com o mundo interno e externo para superação das grandes adversidades da existência humana e social.

Os autores falam da resiliência como “uma perspectiva de esperança na superação das adversidades”⁷¹. No Brasil, como em toda a América Latina, o termo e suas implicações não se restringem à visão comportamentalista, tampouco à psicanalítica, mas, por certo, envolvem muito de seus pressupostos teóricos. Em termos brasileiros, a resiliência se estrutura como estudos científicos, assumindo, entretanto, uma dimensão comunitária onde os problemas são evidenciados na relação sujeito-contexto.

Vários trabalhos de pesquisas foram feitos com pessoas que sofreram grandes perdas e sofrimentos, e boa parte delas conseguiu superar as dores e viver a vida de forma sadia. A resiliência não se trata de capacidade de invulnerabilidade, mas de uma capacidade que todo ser humano possui, como um recurso da natureza para complementar ciclo vital do homem, no seu habitat imprevisível.

Entretanto, embora nos recusemos a estipular atributos individuais, os organismos humanos variam em seus graus de resiliência, o que não implica

⁶⁹ MELILLO, Aldo; SUÁREZ Ojeda; ELBRO Nestor e colaboradores. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**; tradução Valéria Campos. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 52.

⁷⁰ HOCH, Lothar Carlos. Rocca L, Susan M.(Org) **Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007.

⁷¹ HOCK, 2007, p. 9.

determinismos. As atitudes resilientes podem e devem ser apoiadas por lideranças assertivas ou pontos referenciais da personalidade na Igreja, na família, na escola, na pastoral juvenil, enfim, na comunidade em geral.

Não sendo uma metodologia, técnica ou mágica, a resiliência está ligada aos motivos existenciais e pode ser ativada por estímulos externos que toquem esses motivos autorreguladores, na capacitação para a superação de sofrimentos ou obstáculos. Trata-se de um conhecimento que envolve diferentes disciplinas, reunindo áreas de saúde, educação, aconselhamento, direito, ciências sociais e também possíveis campos da teologia prática.

A terminologia da palavra resiliência provém de conceitos da física: uma “força de resistência ao choque e de recuperação de impactos”⁷², e envolve a capacidade de plasticidade de materiais, de modo que estes possam retomar a sua forma original depois de deformados. Na psicologia esse termo considera a recuperação diante de alto sofrimento, de perda, de ruptura, de choque, entre outros sofrimentos, resistindo a eles e, posteriormente, superando-os, reconstituindo-se ou ressignificando a dor da melhor forma possível.

Segundo a autora Haim Grunspum⁷³, em sua obra *Criando filhos vitoriosos: quando e como promover a resiliência*, são vários os conceitos sobre resiliência. Entre os diversos, a autora cita o conceito do Institute of Child Resilience and Family⁷⁴: “Resiliência é a habilidade para ressurgir da adversidade, adaptar-se e participar de uma vida ativa e significativa”.⁷⁵

A autora amplia sua análise e explicita conceitos advindos de outros estudiosos:

1. “Resiliência é a capacidade do ser humano para fazer frente à adversidade da vida, superá-la e inclusive ser transformado por ela”;
2. Resiliência significa uma combinação de fatores que permitem a uma criança, a um ser humano, enfrentar e superar problemas e a adversidade da vida e ser capaz de construir com esse;
3. Resiliência é um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam ter uma vida ‘sadia’ num ambiente ‘insano’⁷⁶.

⁷² HOCH, 2007, p. 10.

⁷³ CRESPUN, Haim. **Criando filhos vitoriosos: quando e como promover a resiliência**. São Paulo: Ed. Atheneu, 2005.

⁷⁴ www.rockyview.ab.ca./resiliency/resiliency-concepts.htm

⁷⁵ CRESPUN, 2005, p. 23.

⁷⁶ CRESPUN, 2005, p. 23; citados pela autora na seguinte ordem:

1. GROTBORG, HE. **Guia de la Promoción de la Resiliência em Niños para fortalecer el Espirito Humano**. Fundación Bernard van Leer, 1996;

Hoje, estuda-se a resiliência em diferentes projetos sociais no contexto latino-americano, evoluindo para a resiliência comunitária. Entretanto, trabalhar com a resiliência implica uma dinamicidade que pode sofrer embates de acordo com as novas circunstâncias de vida, das experiências anteriores e até do momento de maior susceptibilidade biopsicológica dos sujeitos.

Embora o trabalho resiliente possa ser também fonte renovadora de forças, para algumas pessoas a repetição dos sofrimentos pode induzir um certo cansaço, a um desgaste de forças para novas investidas.

Para potencializar a resiliência de um grupo ou de uma pessoa, é preciso descobrir os chamados fatores de proteção internos e externos, isto é, os recursos próprios da pessoa, assim como as capacidades que há na família, no ambiente ou na instituição educativa, social, política ou eclesial.⁷⁷

Para esse fortalecimento é preciso que o sentido existencial esteja vinculado à concepção de espiritualidade, de fé religiosa, além da formação adequada de autoestima, de alegria restaurada e sensação de força para controlar a própria vida. Segundo Grunspun, “Os fatores de resiliência são promovidos através da transmissão da espiritualidade, da fé, da religião, e da educação da cidadania, realizadas pela família”⁷⁸.

Similar à pirâmide de Maslow, estudioso das motivações e necessidades humanas, Rocca apresenta a metáfora da *casita* elaborada por Vanistendael em 1996, um símbolo que faz correlações dos elementos constituídos da resiliência com os cômodos de uma *casinha*: o solo corresponde às necessidades básicas de saúde, segurança e alimentação; o sótão, lugar onde ficam outras experiências a descobrir.

O enfoque comunitário e mesmo individual supõe, para o trabalho com a resiliência, a concepção do apoio dos *tutores* em seu papel social para a superação das adversidades, ou de uma *rede* de apoio composta de várias pessoas imbuídas no desejo de ajudar.

2. SUÁREZ OJeda. **Resiliência a capacidad para sobreponerse a la adversidad**. Buenos Aires, Medicina y Sociedad, Vol.16, nº 3, 1993;

3. RUTTER, M. **Resilience, some conceptual considerations**. J Aolesc Health, 14:8, 1993.

⁷⁷ HOCH, Lothar Carlos. Rocca L, Susan M.(Org) **Sufrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007.

⁷⁸ CRESPUN, 2005, p. 158.

A renovação da esperança, sobretudo em nossos jovens, tem-se revelado como um forte sustentáculo dos trabalhos internos das pastorais que focalizam a resiliência. Hock e Rocca enfatizam que “em vários âmbitos e, sobretudo, na pastoral, constata-se vários depoimentos de pessoas que passaram por situações difíceis mas que, sentindo-se acolhidas com carinho e compreensão, encontraram conforto, capacidade e esperança para assumir, com sentido, as dificuldades e sofrimentos”⁷⁹.

O fortalecimento espiritual torna as pessoas, em nome de Deus, aptas a acolherem o próximo com amor, potencializa o processo de cura interior dos jovens que sofrem e necessitam de orientações para seguirem em frente. Esse processo que a psicanálise chama de *escuta* pode oferecer pontos de segurança pelos quais a expressividade se torna ação restauradora.

Percebemos que vários cientistas e autores atuais concordam que a religiosidade, a fé, a participação na Igreja, o acolhimento pastoral, os estudos e debates grupais têm sido, na prática, fatores de proteção frente às adversidades, facilitando os processos resilientes dos jovens. A confiança em Deus, a aceitação de Cristo como o Caminho, Salvação e Libertação, traz uma fortaleza maior que as ordens vitais de sobrevivência. Viver a espiritualidade requer a prática da religiosidade por meio da participação efetiva na comunidade, requer entender a espiritualidade, a fé e a religião como sustentáculos de uma vida resiliente repleta de esperança, equidade e partilha do amor de Cristo.

Grunspun considera que “crer, acreditar, perdoar em nome de Deus é a construção de escudo protetor importante para adquirir resiliência na vida”⁸⁰. Muitos são os teólogos que defendem os cânticos como recursos de apoio à superação de sofrimento. Os salmos, hinos, canções podem ser utilizados, de modo assertivo, no enfrentamento das adversidades, dos sofrimentos, da busca por orientações e de comunhão com Deus. As canções podem ser modos de expressar o nosso amor a Deus, a nós e ao próximo, como clamor, júbilo ou gratidão a Cristo Salvador.

Nessa linha de trabalhar o jovem de forma diferenciada de acolhimento, de aconselhamento, de ações educativas, de pregações dialogizadas, de trocas de experiências, de oportunidades vivenciais de grupo, destacamos o conhecimento teológico no reforço à religiosidade e ao fortalecimento das habilidades resilientes.

⁷⁹ HOCH, 2007, p. 17.

⁸⁰ GRUNSPUN, 2005 apud ROCCA, 2007, p. 21.

Cabe ressaltar que é justamente na adolescência que encontramos uma crise de identidade que acelera as mudanças de comportamento, induzindo nossos jovens a desempenhar papéis. Nesse período de conflito e busca do autoconhecimento faz-se necessária a acolhida dos pais, dos amigos, da Igreja, aqui representada por sua pastoral. Segundo Assis,

Na adolescência, os afetos e os conflitos são ampliados. O adolescente reexamina sua identidade e os papéis que deve desempenhar. Em geral, ocorre um desajuste consigo mesmo, havendo maior necessidade de afirmação pessoal e de busca de autonomia e independência em relação à família.⁸¹

Estratégias terapêuticas, interventivas e preventivas, podem incluir a psicologia transpessoal, a musicalização, os debates temáticos, as expressões imagéticas, as rodas de expressividade, os exercícios de relaxamento e a dinamização, todos meios para se alcançar um fim maior, uma busca do autoconhecimento que proporcione uma vida espiritual plena.

Na linha da saúde mental, das questões socioeducativas, esse fio forte pode nos levar à busca do ser interior que se comunica com o Ser Supremo em plenitude, permitindo o aflorar da resiliência sobretudo em nossos adolescentes e jovens.

⁸¹ ASSIS, Simone Gonçalves de; PESCE, Renato Pires; Avanci, Jordana Quintes. **Resiliência:** enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 159.

2 A práxis pedagógica, o sentimento de pertença e a manutenção do jovem na Igreja

Falar da juventude em qualquer realidade contextual ou temporal é penetrar em caminhos complexos de teorias e práticas, de sonhos e fatos que não se esgotam. Do mesmo modo, abordar o sentimento de pertença ultrapassa os aspectos psicossociais e sócio-cognitivos.

Em termos mais amplos, sabemos que há complexidade extrema no sentido de *pertencer* a um país, uma família, uma instituição religiosa e não se encontrar de fato envolvido neles por inteiro. Nesse eixo, encontramos a juventude atual que, em grande parte, encontra-se distanciada da fé e da Igreja, dos valores universais mais firmes, optando ou se focando nos encantos da mídia, das inovações tecnológicas e da liberdade demasiada.

Viventes numa estrutura democrática que preconiza teoricamente a liberdade e igualdade para todos, não só os jovens de classes sociais média e alta são influenciados pela modernidade e seus estilos de conforto e aquisição de bens. Os menos favorecidos acabam por incorporar e apoiar as ideias consumistas e mitos do esforço pessoal, o que aumenta sua desesperança e sua frustração, enquanto abaixa cada vez mais a sua autoestima.

Incorporando a culpa do fracasso e se debatendo na variedade de obstáculos, os jovens não só desacreditam em si mesmos e nas políticas públicas, como questionam a existência de Deus e das práticas religiosas dos dias atuais.

Muitos jovens concebem a Igreja como autoritária ou enganosa; outros a veem como moralista e fora do tempo, arcaica e pouco útil às comunidades; outras a veem como impeditiva à liberdade de ação e pensamento, incoerente com a natureza humana.

Quase sempre nossos jovens frequentam a Igreja por acompanharem familiares ou amigos; poucos estão comprometidos com a fé, com as orientações cristãs, com os irmãos, com Deus.

É verdade que o mundo mudou. Nossos jovens também. Percepção, valores, ações, razões e efeitos da guerra e da paz, estilos de comunicação, mercado de consumo, sexualidade, família, enfim, o mundo está plural e aberto, ao diversificado,

ao amplo e ao compacto, às novas formas de adaptação, e até a novas verdades absolutas no viver relativo.

Nessas alterações todas as Igrejas tentam, de vários modos, manter seus adeptos, trazer os jovens para seu meio, e tentam alcançar a missão evangelizadora a que se propôs.

No mundo inteiro, Igrejas protestantes investem na juventude por sabê-la ligada ao seu futuro produtivo ou aniquilante. Apesar de todas as alterações ocorridas ao longo dos novos séculos, no Brasil ainda se tem uma forma de evangelizar bem parecida com a fase do Brasil colônia. Em uma modalidade estereotipada, pouco as Igrejas têm feito para atuar de modo mais das próximo de suas vivências, do estilo de pensamento e as configurações desses jovens dos nossos tempos. É preciso algo mais do que já se faz; é preciso revisitar os valores teológicos, científicos e práticos para que se possa ir além do modelo das missões antigas.

Também será necessário cuidar para que essa forma de usar o pastorado não se atenha ao cunho profissional, onde o foco costuma estar no carisma individual do Pastor; o ministério deverá estar aberto a uma comunidade, a uma pastoral que cumpra sua parte na missão confessional, e não a uma que se fecha no sentimento de propriedade do ministro religioso.

A necessária e iminente relação de fé e vida parece mesmo carente de novos paradigmas e de revisões das práticas que possam ser relevantes ou significativas para a juventude, em nossa cultura, mesmo que nos conectemos com as experiências de outros países.

Cardoso⁸² considera os possíveis equívocos entre os conceitos e as práticas de pastoral escolar no atendimento à juventude. Aborda que em dado momento histórico vivido, “[...] a juventude pareceu não ter alcançado as respostas esperadas [...]” nas orientações dos atos cristãos que alicerçam a fé. Os debates revelam que “[...] do ponto de vista dos desafios do evangelho e da teologia em diálogo com a educação [...]”⁸³ a modalidade denominada *capelania escolar* obtinha poucos resultados.

Citando o Salmo do Bom Pastor (Jo. 10.1-18), Cardoso relata o pastoreio assimilado pela tradição bíblica e aplicado a Jesus Cristo; para o autor, ser um bom

⁸² Disponível em: <http://www.cogeime.org.br/download?arquivo=cap1021.pdf> acesso em 15/05/2010.

⁸³ CARDOSO, 2002, p. 115.

pastor está ligado à ideia de “cuidado de vida”, algo ligado ao “bom terreno” e “bem espiritual”, como um dom de Deus.⁸⁴ Essa visão abre espaços à prática do desvelo, do cuidado e da entrega, e denota como função da Igreja o cuidado individual e coletivo no templo com a comunidade e com o povo de Deus.

Uma vez delimitado o trabalho a ser exercido com os jovens, cabe à Igreja entender sua missão educativa facilitadora da compreensão dos jovens sobre o viver e o atuar na sociedade, dentro do conceito libertador, tendo Cristo como referência nesta forma recreadora de vida e sociedade.

Estimulados ao caminho do bem e da justiça, anunciado por Cristo, os jovens tenderiam a denunciar injustiças e a lutar contra os erros sociais e políticos, anunciando a possibilidade de nova vida num mundo onde poderia existir a paz.

Moacir Gadotti⁸⁵, embora não teólogo, tem contribuído bastante para esse tipo de conscientização, nas diferentes classes sociais, fortalecendo o refletir e o analisar das práticas sociais. Esforçando-se por politizar a educação e apoiar os esforços de transformação da nossa sociedade, o autor aparece como um dos grandes homens que, embora distante do trabalho e da vivência religiosa, indica novos caminhos para novas investidas de transformação. Suas ideias essenciais podem ser aproveitadas, trazidas para diferentes campos de estudos e práticas.

As análises históricas de Gadotti⁸⁶ (2005) caminham pelo conceito do Cristianismo, visualizando Cristo como um popular educador, cujos ensinamentos ligavam-se essencialmente à vida, numa pedagogia da concretude, plena de parábolas, extraídas dos fatos e motivadas pelas suas andanças na Palestina. Aborda a eficiência dessa forma de comunicação que relacionava a linguagem erudita com a mentalidade da época e a linguagem do povo, geralmente camponeses, trabalhadores, pescadores. Para gadotti, ainda hoje os cristãos a utilizam, dominando, com certa eficiência, essa dupla linguagem, extraída dos textos bíblicos. Mesmo tendo elevada educação teológica, o autor prega a utilização da

⁸⁴ CARDOSO, 2002, p. 116.

⁸⁵ GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo, Editora Ática, 8 ed. 2005.

⁸⁶ Moacir Gadotti é professor titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) desde 1991 e o atual diretor do Instituto Paulo Freire em São Paulo.

Gadotti é licenciado em Pedagogia e Filosofia, mestre em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra (Suíça) e livre docente pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Possui várias publicações voltadas para a área de educação, dentre elas: Educação e poder. (Cortez, 1988), Paulo Freire: Uma bibliografia (Cortez, 1996), Pedagogia da Terra (Petrópolis, 2000) e Educar para um Outro Mundo Possível (Publisher Brasil, 2007). FONTE: http://pt.wikipedia.org/wiki/Moacir_Gadotti acesso em 11/11/09.

linguagem simples pois com essa é possível chegar aos jovens com “maior influência do que os intelectuais que dominam apenas o discurso erudito”⁸⁷.

Hoje vislumbra-se, dentro de uma consciência de cidadania e religiosidade concreta, a necessidade de educar para um futuro livre, menos opressor, mais humano. Hoje, por vivermos numa sociedade de cunho democrático, temos a liberdade da fé, de expressão, de ir e vir, e já se convive melhor com as diferenças, sem as imposições quanto à opção de religião.

Em uma pedagogia com esperança, o homem, conhecedor das artes, das técnicas, dos estudos, dos instrumentos avançados de comunicação, por meio de novos saberes das ciências físicas, químicas, médicas, biológicas, entre outras, fez a substituição de estilos de vida e valores⁸⁸.

O pensamento científico, em busca da verdade factual, objetiva e comprovada, atrelado aos movimentos socialistas, comprometido, esse último, com a causa popular e com a transformação social, reacende a esperança de nossos jovens como seres históricos, sociais e solidários.

A práxis pedagógica, que envolve o exercício da prática da fé por meio da solidariedade, é um convite à reflexão de nossa postura diante da proposta do Reino de Deus na esperança de modificação do Reino dos Homens. Introduzir tal debate à educação cristã, conseqüentemente às escolas dominicais, é fomentar, no educador cristão e em seu alunado, o entendimento do que é o servir ao próximo, sem se fixar num campo religioso, mas, de compreensão da missão de cada homem como ser cristão que possibilita o fortalecimento da fé.

2.1 O cuidado pastoral com o sentimento de pertença do jovem

A ciência de modo geral afirma que o ser humano é pleno de necessidades e conseqüentemente sua dinâmica de vida o empurra em direção a satisfazê-las e preencher ausências e carências acrescidas das ansiedades que as gerou. Mas além dessa força natural, biológica, e que se tornou psicossocial, o homem é um ser

⁸⁷ GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo, Editora Ática, 8 ed. 2005. p. 51.

⁸⁸ Inclusive ao trocar o método dedutivo pela indução científica, altera bastante os estudos filosóficos e religiosos.

que não se esgota na sua individualidade; ele é coletivo, multifacetado, histórico, cultural.

Boff considera que o ser humano que se propõe a lutar pelos direitos e que possui o desejo de justiça deve trazer em si, de forma inerente, o dom da *sacralidade*; capaz de entrar em sintonia com o mundo e comungar com o Pai. Segundo Boff, “O ser humano é um ser de cuidado, mas ainda, sua essência se encontra no cuidado. Colocar cuidado em tudo que projeta e faz, eis a característica singular do ser humano”⁸⁹.

O homem pertence a si mesmo, à natureza e a Deus, não como propriedade mas como parte de um sentido maior. A humanidade pensadora tem buscado encontrar respostas para a essência humana. Buscou-as nos mitos e ritos, nos pressupostos filosóficos, nas diferentes religiões, nas ciências exatas e humanas, e continua a fazê-lo de forma infinita, tal qual seu anseio de infinitude.

Mesmo hoje, no mundo da virtualidade, ainda se encanta com deuses, heróis, visões holísticas e teorias do segredo sobre forças do Universo. Boff acredita que desde o início dos tempos da vida humana já deveríamos perceber algo inerente ao nosso ser como sendo “[...] habitado pela divindade”⁹⁰ e que, portanto, na vida social somos muito mais que corpo e psiquismo.

Abordando a fábula mito do cuidado, Boff penetra nas suas concepções e desemboca na natureza do cuidado e fala da fenomenologia desse cuidar, como este “[...] se torna um fenômeno para a nossa prática [...]”⁹¹. O cuidado é algo que é experimentado e faz parte de nós, faz parte do ser existencial que somos, e sem ele “[...] deixamos de ser humanos [...]”⁹². Está, pois, presente em todas as nossas construções cognitivas e em nossas construções práticas.

O cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, suas buscas, de seus sofrimentos e de seu sucesso, enfim, de sua vida.⁹³

Desse modo, muitos que amam se desvelam, atentam, cuidam do ser amado. Dentre estes, o autor destaca o sacerdote ou pastor, que se inclina e

⁸⁹ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela Terra. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 35.

⁹⁰ BOFF, 2007, p. 38.

⁹¹ BOFF, 2007, p. 89.

⁹² BOFF, 2007, p. 80.

⁹³ BOFF, 2007, p. 91.

desvela no cuidar das pessoas, atentando à espiritualidade e à vida religiosa do indivíduo.

Por sua própria natureza, o cuidado inclui, pois, duas significações básicas, intimamente ligadas entre si. A primeira a atitude de desvelo, de solicitude e de atenção para com o outro. A segunda, de preocupação e inquietação, porque a pessoa que tem cuidado se sente envolvida e afetivamente ligada ao outro.⁹⁴

No relacionamento com a juventude o orientador religioso, seja ele pastor ou evangelizador comunitário, estará participando ativamente da construção da identidade do sujeito e suas buscas para o sentido de sua existência e as reflexões sobre seu compromisso com o filho de Deus.

Considera que uma das ânsias da juventude é também sentir-se ativa e produtiva, cuidar de si mesma de forma independente. Coloca o trabalho, pois, como parte da dinâmica da vida, mas que este brota de uma forma consciente para além das formas de sobrevivência, em projetos e estratégias.

Desse modo, o trabalho é algo que pertence a todos e deve estar contido nos planos e práticas da vida do homem como habilidade do ser; na sua relação com a natureza.

O processo de intervenção na natureza começou a partir de anos atrás, quando então se inventou o instrumento. Tornou-se uma constante a partir do homo sapiens, do qual descendemos diretamente, há cerca de 150 mil anos. Substituiu-se como processo orgânico a partir do neolítico, há cerca de 10 mil anos, quando o humano se pôs a construir casas e vilas e a domesticar plantas e animais, processo esse que culminou com a tecnociência de nossos dias.⁹⁵

Então, um dos modos de ser no mundo, diz o autor, é situar-se sobre coisas, pessoas, fatos, para dominá-las. Mas, o outro modo de ser no mundo, esse que se faz entremeado pelo cuidado, numa relação de reciprocidade entre humanos, pleno de valores e fortalecimentos, de unir-se aos outros, sem dominações com o outro, “[...] não é pura intervenção mas inter-ação e comunhão[...].”⁹⁶

Essa inter relação que une, revela aos homens a existência que sustenta essa união de onde provém o cuidado, e este é o “[...] valor supremo que tem

⁹⁴ BOFF, 2007, p. 92.

⁹⁵ BOFF, 2007, p. 93-94.

⁹⁶ BOFF, 2007, p. 95.

caráter de mistério[...]esse mistério não mete medo, fascina e atrai, como um Sol [...] É chamado também Deus”.⁹⁷

Para o autor é desafiante “[...] combinar trabalho e cuidado [...]”⁹⁸ pois misturam-se aí “[...] materialidade e espiritualidade [...]”⁹⁹. O desafio está na união de ambos, sem ditadura nem subjugações. E Boff denuncia:

Mais e mais pessoas, na verdade dois terços da humanidade, são condenados a uma vida sem qualquer sustentabilidade. Perdeu-se a visão de mundo como ser-de-relações ilimitadas, ser de criatividade, de ternura, de cuidado, de espiritualidade, portador de um projeto sagrado e infinito.¹⁰⁰

Esta é a urgência do trabalho de pais, educadores e do missionário religioso: resgatar essa ternura, esse cuidado, essa espiritualidade, de modo que o homem retome essa inerência abandonada e que está na sua essência. Será preciso o retornar do sentimento de encanto com o outro, que provocou o desejo do cuidado.

Boff¹⁰¹, citando Goleman e sua concepção de inteligência emocional, lembra que tudo começa no coração, antes da mente, e sugere que deixemos retornar o ânimo que existe em cada um de nós e nos permitamos a solidariedade verdadeira por verdadeira compaixão, afeto e cuidado.

Os jovens, fragilizados ou não pela pobreza, pela doença, pelo abandono, pelo desemprego, são ansioso do cuidado, em todas as suas possibilidades. Por meio do cuidado, nós os alcançamos e os ajudamos trazendo-os ao nosso convívio, ao alcance da transcendência e a partir de sua própria natureza, experiências e esperanças. Vendo o amor como um “[...] fenômeno cósmico e biológico”¹⁰², Boff afirma que a ampliação do amor se encontra no processo de interação social fundamentando a sociedade de modo mais humano e menos pragmático no sentido da dominação. Boff não acredita que tenha sido a luta pela sobrevivência o ponto chave da evolução, mas sim as formas de cooperação entre os humanos. “A própria linguagem que caracteriza o ser humano surgiu no interior deste dinamismo de amor

⁹⁷ BOFF, 2007, p. 96.

⁹⁸ BOFF, 2007, p. 97.

⁹⁹ BOFF, 2007, p. 97.

¹⁰⁰ BOFF, 2007, p. 98.

¹⁰¹ BOFF, 2007, p. 102.

¹⁰² BOFF, 2007, p. 111.

e partilha”¹⁰³. E assim ele orienta sobre a justa medida do cuidado que perpassa, como essencial, por todo esse amor e prática, pois nada é linear nem ligado a um só fator.

Tudo se expande e dá abertura a muitos outros nascimentos; mas há também choques e rupturas em todas as energias do Universo. A cada desequilíbrio, um novo equilíbrio e nada cessa por inteiro; há um movimento universal e existe no homem que aprende, sofre, sorri e se reequilibra.

O sujeito, entretanto, para se reerguer não conta apenas com a sua auto-organização, ele precisa do apoio do outro em muitos momentos da vida, e a juventude é um desses momentos, em que o jovem tem muito a superar, a aproveitar e a decidir.

A natureza, criada por Deus, permite alto grau de liberdade, tanto quanto de limites. E o jovem precisa usar o coração, a mente, a ética e a fé para dirigir-se ao melhor caminho que preserve sua humanidade.

Concretizar o cuidado com a juventude é também lhe permitir ser e crescer; e lhe abrir as portas do coração ou da alma para a acolhida na justa medida. É lhe permitir ser cuidadosamente recebido para que a sua inclinação ao cuidado se inicie como auto-construção e se propague em construções múltiplas e ressonantes. É fazer o jovem, a partir de si mesmo e sua natureza, a sentir-se parte integrante dos grupos que oram e amam a Cristo que tem o cuidado maior de todos.

Deixar o jovem sentir-se parte do Universo, do Planeta e da vida; apoiá-lo na elaboração de si mesmo como um ser histórico e cultural e embasar os seus caminhos de reflexão e escolha através das palavras de Deus, é abrir as portas para a juventude e edificar a noção de pertencimento que não se restringe à Igreja.

O compromisso pastoral é um compromisso com Deus, com o outro, através da solidariedade, do cuidado, do zelo pelo ser e pelo espírito e, assim, “[...] alimentar a brasa interior da contemplação e da oração para que nunca se apague [...]”¹⁰⁴.

Acolher o outro supõe deixá-lo encontrar a si mesmo, enquanto encontra sua parte mais profunda de ser, e nesse cuidado a partir de si próprio, o jovem descobrirá que nunca esteve só; Deus se fez presente todo o tempo.

¹⁰³ BOFF, 2007, p. 111.

¹⁰⁴ BOFF, 2007, p. 151.

2.2 O cuidado, a ética e a moral nos dias atuais

Leonardo Boff¹⁰⁵ nos incita a reflexões, considerando os caminhos pelos quais a história dos homens percorre, como uma batalha a ser travada, entre dois grandes e prováveis finais: na direção de uma queda profunda que ele denomina de *abismo*, onde todos serão tragados, ou na direção da culminância, onde exista a paz e uma alegre celebração da vida.

Percebe-se a preocupação existente com o nosso novo cérebro, contemplado com uma nova consciência planetária, alertando para a urgência de uma aliança entre as várias nações do mundo, alertando ainda que elas se apercebam da necessidade premente de se descobrirem e atuarem em conjunto, em uma *casa comum* onde a coexistência pacífica e proveitosa possa ocorrer. Nessa linha de pensamento, diz Boff, será necessária a existência de “[...] um cuidado especial com a terra e seus ecossistemas.”¹⁰⁶

Correlacionando esse necessário zelo pelas bases da nossa sobrevivência saudável, o autor faz uma constatação que ele próprio considera indiscutível na direção da ética e da moral, da noção do bem e do mal, do certo e errado, do justo e injusto, pois ainda estamos tateando esses valores: a união planetária fortalece nossa sobrevivência, ações e feitos. Enquanto muitos valores se perdem, junto a eles estarão nossos pontos referenciais direcionando ou orientando, como uma bússola, os caminhos a serem escolhidos ou traçados no alcance das metas.

Como um grito de alerta, considera que se não encontrarmos esses pontos comuns, o poder avassalador da nossa liberdade para construir ou destruir poderá por fim à biosfera onde está inserida toda a espécie humana.

Falar da crises parece muito pouco, porque elas sempre existiram na linha dialética da história do mundo e da história das ideias, mas Boff destaca as crises atuais que afetam o nosso sentido existencial e portanto, nos impõem reflexões sobre os fundamentos dessa existência, esses mesmos fundamentos que hoje se encontram fortemente condenados pela fase pós-moderna, pelos seus representantes e adeptos.

Portanto, o autor acredita que é preciso revisitar a origem da ética e da moral, remontando ao arcaico pensamento humano, de modo a não perder suas

¹⁰⁵ BOFF, Leonardo. **Ética e Moral**: a busca dos fundamentos. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

¹⁰⁶ BOFF, 2003, p. 9.

raízes plenas de significados. Considera, então, a possibilidade consequente de uma *inspiração promissora* sobre a qual o novo pensamento possa se apoiar, como numa “luz criadora e libertadora”¹⁰⁷ apontando direções de esperança.

Aqui a esperança é ressaltada como o cuidado com uma ordem universal que é também ancestral, tão antiga quanto a criação, contida nas direções autocriativas e autoregulativas do próprio universo. Nestas ordens, encontram-se as leis gravitacionais, a força e tantos outros efeitos no sentido da harmonia dinâmica universal. Esse cuidado se potencializou com o surgir da vida há bilhões de anos, desde a sua primeira e elementar manifestação até à complexidade de um cérebro planetário. Com ele, vieram os nossos órgãos do afeto, da ternura, da destreza, da comunicabilidade. Todo esse surgimento da *amorosidade da inteligência* é orientador de nossas ações, que podem ser de paz ou de guerra, de responsabilidade cuidadora ou de destruição gananciosa. “Sem cuidado, nada que é vivo sobrevive”¹⁰⁸, e é esse cuidar emergente que está pulsando na consciência coletiva, numa retomada da ontologia humana, para que possamos sobreviver e transcender.

Criar alianças entre homens, grupos e nações, na totalidade da cadeia da vida; do cuidado uns com os outros, na alegria das diferenças e etnias e culturas, físicas e psicossociais; todos em plena comunhão, num recomeço de perdão, sem ressentimento, de modo dialogizante. “Será preciso, então, revisitar o que é mecânico e material, o que é linear e determinístico, dualista e reducionista, atomizado e compartilhado”¹⁰⁹, pois tudo isso faz romper a matéria e o espírito, Deus e o homem. Talvez os opostos sejam necessários para esse revisitar, em revisões periódicas para aproximar sempre os homens entre si e na sua relação com Deus.

Nessa dimensão antropológica, em seu processo de reencantamento e sustentabilidade quanto à natureza em direção ao Supremo Ser, pode ser possível o nascer de uma nova *ética* e uma nova *moral* que traga mais segurança, mais certezas, destituída de interesses particulares e falsos juízos no direito e na justiça, bem como alterações na *lógica* dominante que abraça nosso jovem nos dias atuais.

Para Leonardo Boff, a *religião* e a *razão* são fontes dessa *nova ética*, e o foi desde as primeiras organizações humanas. Para melhor explicar a diferença entre ética e moral, o autor mostra que não são sinônimas, embora as usemos de forma

¹⁰⁷ BOFF, 2003, p. 11.

¹⁰⁸ BOFF, 2003, p. 22.

¹⁰⁹ BOFF, 2003, p. 25.

conjugada. A ética faz parte da filosofia e envolve princípios e convicções. A moral faz parte da vida prática, concreta, expressa em usos, em costumes e hábitos, tendo como valores culturalmente estabelecidos em coerência com o que foi consagrado pela sociedade da qual o jovem faz parte, podendo mesmo esses valores serem questionados pela juventude.

Hoje se vê a separação entre razão e emoção, homem e mulher, justo e legal, público e privado, numa ética de interesses, “meios e fins”¹¹⁰. O poder dominante usa o saber a serviço de si mesmo, sem se ater ao próximo, nem mesmo à natureza que o acolhe e cria. A ética tornou-se um mobilizante instrumento de normatização que torna escravo o homem livre e espiritual. Sem essa espiritualidade, o homem não mais tem condições de amar nem cuidar; chega até a incorporar o outro, mas o domina, submete-o ou o destrói.

Nessa visão Boff ainda se mostra esperançoso, pois encontra como saída a nossa libertação do individualismo egóico para irmos em direção ao outro. Esse outro faria desabrochar o *ethos* que ama, e cujo amor pode ser incondicional, universal, fraternalmente contido nas orientações cristãs. Esse *ethos* de amor e cuidado seria inclusivo, humanizador, tendo Cristo se revela nesse outro, assim como em nós mesmos, pois o próprio Cristo se doou ao outro por Seu amor incondicional ao ser humano.

Precisamos de revolução ética, mais do que precisamos da política, porque é urgente o despertar de um profundo sistema de fraternidade, talvez o único poder capaz de impedir a desumanização. Por isso é lembrada aqui a Lei Suprema do Universo, cujo ponto alto de seu sistema integrado é a solidariedade e a cooperação, visto que todos somos interdependentes na totalidade existencial. Segundo Boff, foi a “solidariedade que permitiu o salto da animalidade à humanidade e a criação da solidariedade que se expressa pela fala”¹¹¹.

¹¹⁰ BOFF, 2003, p. 42.

¹¹¹ BOFF, 2003, p. 54.

2.2.1 Viver solidariamente

Na prática de seus ensinamentos, Jesus Cristo demonstrou o amor que propicia ao homem dignidade e a inclusão social deste (Mt 9.35ss). Sair do discurso das escrituras e partir para ações concretas, promover a obra junto ao próximo é testemunhar a fé entre as pessoas, é servir. Nesse serviço, sem intencionalidade de ganhos e promoções pessoais, encontramos o princípio da solidariedade.

Em 1 Coríntios 12.26 encontramos: “se um membro sofre todos sofrem com ele.” Ao fundamentarmos o exercício de prática solidária caminhamos para o exercício do verdadeiro entendimento do amor ao próximo, meio pelo qual se torna possível amar ao próprio Deus. (1 Jo 4.20)

Na conjuntura, promover a experiência da solidariedade e da compaixão é uma árdua tarefa. Vivemos um tempo do show da fé; comercializa-se o sagrado de tal maneira que vemos nessa ação mercadológica o profano. Na sociedade pós-moderna materializa-se o religioso, busca-se o ter e não o ser; idolatra-se a estética, a fama e não se resgata a responsabilidade, o compromisso moral e o ensinamento bíblico que faz um convite ao discipulado que Jesus assumiu carregando a cruz.

Aprofundar a unidade entre educação cristã e missão é fortalecer a Igreja no resgate ao convite de Jesus para que busquemos, acima de tudo, o Reino de Deus e a Sua Justiça Celestial.

Um dos grandes problemas ao convite para o discipulado de Cristo é modificar a nova geração e seu entendimento da perspectiva da cruz. Precisamos de líderes em nossas igrejas como foram Moisés e Josué; precisamos derrotar tudo que se opõe à marca da cruz e restaurar a união entre o homem e Jesus Cristo. É preciso desvincular-se das amarras pessoais e renunciar a exclusão de pessoas e classes sociais; dispor-se a entender o Reino de Deus sendo o último e o servo de todos (Mc 9. 36; 10.43-45).

Percebemos, pois, que Jesus, filho de Deus, não veio a terra ordenar e fazer-se grande em feitos, mas para ensinar a comunhão entre os homens e o fez em verdadeiro exercício de entrega, fraternidade e união evidentes em diversos textos da Bíblia:

João, 3.16: “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.

João, já no capítulo IV: “Nós amamos porque Deus nos amou primeiro. Deus é amor, quem permanece em Deus permanece no amor, e o seu amor vai sendo em nós aperfeiçoado”

Em João 13, depois de ter lavado os pés dos discípulos, Jesus ensina: “Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros”.

Em Lucas 22: “No meio de vós, eu sou como quem serve”, diz Jesus.

Em Mateus 20, Jesus diz de si mesmo: “que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em favor de muitos”.

2.2.1.1. Solidariedade e Teologia Diaconal Cristã

O testemunho bíblico, tão necessário e requisitado pelos cristãos no tempo e espaço, realçando o ministério de Jesus, tem exigido dos homens uma grande coragem, intensa fundamentação e um “fazer” eficaz. Embora pouco divulgados, existem estudos e pesquisas na América Latina, em especial no Brasil, que atestam esse “fazer” levando em conta o nosso estilo de viver - cultural, sócio-político e religioso - contribuindo assim com a prática teológica.

Sabemos que a diaconia tem sido associada ao “assistencialismo”, protetor e emergente na vida das pessoas; é também considerada em seu papel de “proclamar o evangelho”, em discursos propagadores e persuasivos considerando a espiritualidade sem atentar para a prática, além de estar associada a uma ideia e prática de caridade, individualizando problemas inerentes à comum idade.

Por toda essa maneira de encarar a diaconia, diz Neto¹¹² (2001) que ela tem “permanecido como uma atividade secundária na Igreja” até que esses novos trabalhos ecumênicos permitiram uma atenção maior, o que a faz emergir, na América Latina, como uma das disciplinas no campo teológico.

É sobre esse “novo momento de busca teológica” que nosso autor destaca como um “momento de muita luz”, que incentiva questionamentos, que avalia as vivências e faz planejar e projetar novas formas de ação – uma oportunidade

¹¹² GAEDE NETO, Rodolfo. **A diaconia de Jesus**: uma contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. São Leopoldo: Sinodal: Centro de Estudos Bíblicos: São Paulo: Paulus Editora, 2001.

inigualável de reflexões e iniciativas que se esgotam justamente por ser um *exercício da verdade*.

Como nova disciplina nos estudos de teologia como ciência e prática, a diaconia se mostra no campo da interdisciplinaridade, buscando e ampliando fundamentações teológicas, unidas essas com a vida, com a realidade ou com contextos em que se desenvolveu e desenvolve.

Consideram-se os Evangelhos e a própria vida e ação de Jesus entre os homens, campo fértil para abrigar o nascimento de uma diaconia mais próxima da solidariedade humana em suas múltiplas dimensões.

Foram procurados textos como Mc 10.35-45 que, pela riqueza histórico-teológica, trazem mensagens preciosas, como a subida de Jesus e seu grupo de seguidores a Jerusalém, verificando-se neles (os textos quase vivos) as dimensões “práticas, proféticas e comunitárias”¹¹³ em consonância com as questões espiritualizadas.

Quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos servirá (Mc10.43). A luz desta ordem são interpretados, na seqüência, os textos de julgamento final (Mt 25.31-46) do Bom Samaritano (Lc 10.25-37) e do lava-pés, juntamente com o novo mandamento (Jo 13.1-35). A interpretação tem também como pano de fundo a pergunta pela possível presença de elementos prático, profético e comunitário da diaconia.¹¹⁴

Esses textos, citados por Neto, e outros textos bíblicos denotam as ações de Jesus na sua relação viva e prática com o outro, dentre eles crianças, mulheres, pessoas pobres, pecadoras, pessoas sãs e doentes. Os enfoques são, pois, mesclados tanto aos ensinamentos de base religiosa quanto aos de base social-vivencial.

Essa realidade expressa a necessidade urgente de se repensar e trabalhar a diaconia como um movimento de contradição a todas as formas e produtos desse processo de exclusão. Desse modo o “Dai a Deus o que é de Deus”¹¹⁵ e aos governos o que é deles apresentará uma conotação diferenciada, como uma luta

¹¹³ GAEDE NETO, 2001, p. 11.

¹¹⁴ GAEDE NETO, 2001, p. 11.

¹¹⁵ De maneira extremamente sábia Jesus faz calar a voz das lideranças judaicas com as palavras “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mc 12,13-17) estabelecendo o entendimento de que todo cristão deve obrigações tanto ao mundo terreno quanto ao mundo celestial. Dando a Deus o que é de Deus e tendo como pressuposto que o homem pertence a Deus pois foi feito à sua imagem e semelhança (G1.26), sua obediência aos princípios da cidadania divina deve ser primazia.

teológica e religiosa, bem coerente com a obra de Cristo, ao proclamar a igualdade entre os homens, em sua prática e seus ensinamentos; entre eles “Quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos servirá” (Mt 20.26), de tal modo que essa reflexão possa se estender, para além dos sofridos, ou seja, consciência daqueles que detêm o poder e abusam dele ou trabalham na manutenção dessas enormes desigualdades sociais. Não precisamos esperar o gozo da eternidade; esta começa pela vida e dignidade do ser humano.

2.2.1.2 Solidariedade e Identidade Jovem no Mundo Urbano

Abordando a diaconia em termos do trabalho teológico, dentro da visão de exclusão cultural e de oportunidades sociais, podemos falar dela tanto numa conotação bem social, e ao mesmo tempo humanizada, cristã, quanto individual e coletiva.

Falar em diaconia social é envolver a Igreja em prol do bem social, no sentido recriador da cidadania, facilitando, pela palavra, pela oportunidade dialogizante-comunicante, uma reflexão mais crítica e transformadora da sociedade. Seria adotar cada sujeito e grupo social em seu papel de sujeito histórico-cultural capaz de fazer de suas obras uma práxis humana e expressão de Deus.

É pela palavra e pela obra que nos revelamos e podemos revelar a perfeição de Deus. E, como dizem os sábios evangélicos, este jeito de ser e de servir, de forma divina, é a diaconia.

Comblin (2003)¹¹⁶ afirma que desde o início do século XX o eixo de toda revelação cristã é a escatologia. Ela referencia os tratados de teologia cristã, atingindo sua formulação no Apocalipse de João. Na percepção, desse autor, a cidade de Roma é o centro de tudo o que se opõe a Deus, vendo aqui a questão da supremacia, do orgulho e da dominação. Segundo ele, é nas cidades que se manifesta a opressão dos excluídos, onde se matam os mártires, testemunhas de Jesus Cristo. Para o autor, a Babilônia do passado estaria hoje em todas as cidades do mundo, na repetição dos mesmos erros do passado, e cita algumas delas onde estão as grandes organizações que concentram as maiores forças de dominação do mundo, explorando e subjogando grande parte da humanidade.

¹¹⁶ COMBLIN, José. **Os desafios da cidade no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2003.

Dentro dessa concepção, a nova Jerusalém do passado, em conflito com essa Babilônia atual e concreta, é a cidade do povo de Deus onde não poderá existir poder, mas sim a força e a fé do povo, como testemunhas de Deus.

A cidade de Jerusalém é a cidade de Deus, diz Comblin, e Deus é liberdade e criação, presente nos laços que construímos como habitantes das cidades, no conjunto de nossas ações, nos esforços de serviço mútuo, na dedicação de cada um e de todos. E cada povo precisa de suporte material, histórico, de um espaço e de uma história para que as criaturas se reúnam e se ajudem correta e mutuamente. Segundo Comblin, “sem cidade o povo ficará no ar, numa indefinição, no mundo das idéias e não da realidade. Pois o povo de Deus é realidade corporal, material e não é feito somente de puros espíritos isolados no mundo material.”¹¹⁷

É, portanto, com o corpo que o homem pensa, sente e age: é com ele que o povo se comunica, e isso exige um local onde viver o céu como realização final, e para alcançá-lo não é preciso subjugação, exclusão e rituais sem sentido. O que pode salvar é a caminhada para a nova Jerusalém, vista como uma construção de amor e de fé, pois o que se perpetua não será a cidade material, mas o amor que as construiu, diz Comblin¹¹⁸, na luta contra o individualismo, afastando-se as leis da competitividade e da exclusão, que olham os diferentes como se não fossem obra de Deus.

Dentro dessa reflexão, nosso autor tece opiniões sobre as novas moradas separatistas, com apartamentos e garagens que isolam uns aos outros; as compras em supermercados que favorecem o anonimato e excluem as relações humanas; os automatismos tecnológicos que substituem a preciosa comunicação entre as pessoas; o uso do tempo com excesso de tarefas diversificadas e refeições ligeiras e solitárias, impeditivas de reais diálogos entre famílias.

Afirma Comblin¹¹⁹: “Todos os progressos tecnológicos têm por resultado um maior isolamento do sujeito”. Cada um tem seu televisor, seu carro, seu computador, relacionando-se virtualmente, sem tempo de olhar e ver o outro, principalmente aquele que não pode ter TV, nem carro, nem quarto, nem computador, e, muitas vezes, nem refeições.

¹¹⁷ COMBLIN, José. **Os desafios da cidade no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2003. p. 77.

¹¹⁸ COMBLIN, 2003, p. 79.

¹¹⁹ COMBLIN, 2003, p. 79.

Nessa reflexão, entra a diaconia política e o respeito corpóreo às necessidades humanas. Para nosso autor, a diaconia tem necessidade de existir, porque as cidades não são governadas de forma democrática e porque, dentre muitas questões, as instituições e espaços que se dizem democráticos não funcionam para os excluídos, pois fazem intervenções “desviadas, manipuladas, distorcidas”¹²⁰. É onde nem a lei escapa, pois ela é reinterpretada por excelentes advogados que encontram brechas para a (in) justiça e a (im)punidade.

A diaconia estaria presente justamente porque a Igreja pode favorecer os fracos diante da opressão dos poderosos, precisa ajudar na restauração da igualdade e da justiça. Ela pode surgir de várias formas, desde a ajuda jurídica às pessoas injustiçadas à educação dos homens em suas decisões políticas e de uso de direitos humanos.

Ela pode e deve estar presente na vida prática, ao investigar e denunciar casos de fraudes, corrupções, desvios, assédios e várias manobras do poder. Ela pode e deve estar presente na educação e na formação religiosa e de cidadania, facilitando aos cidadãos o conhecimento, a fiscalização e os movimentos em prol de direitos e liberdade.¹²¹

Boff¹²² aborda a questão ética do humano. Dentro dessa mesma linha de cidadania, respeito e conscientização prática, fala do “saber cuidar” e de se ter compaixão pela Terra, terra essa onde Jesus nasceu, pisou, ensinou e “morreu” para que pudéssemos acordar e renascer em Deus. Ele vê a terra como dimensão material e terrena da existência e o céu como dimensão espiritual desse existir, mas considera a condição humana em toda a sua fragilidade, erros, enganos e formas superiores de ser pessoa.

Para Boff, Jesus foi um ser pleno de cuidados, espalhando os princípios do bem e do amor, priorizando o amor a Deus ao lado do amor ao próximo como dois mandamentos inseparáveis. Também destaca o poder dos homens na história desses cuidados, como Francisco de Assis e a fraternura do irmão universal; de

¹²⁰ COMBLIN, 2003, p. 82.

¹²¹ A isto chamamos de educação para a cidadania, com todo o respaldo dos estudos e textos evangélicos concernentes aos cuidados com o povo de Deus. Para melhor compreensão indicamos a leitura da obra *Novos Caminhos para a Educação Cristã* do Dr. Júlio Zabatiero, Ed. Hagnos.

¹²² BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela Terra. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2007.

Gandhi na sua política de cuidados e de não violência; de Tereza de Calcutá com seu princípio de misericórdia e cuidados com o sujeito, com o social.

Abordando o princípio de gentileza, traz de volta a filosofia da palavra, dizendo que todas as palavras são geradoras dos significados da existência, tanto corpóreo-material quanto espiritual.

Nelas, os seres humanos acumulam infindáveis experiências positivas e negativas, de busca, de encontro, de certeza, de perplexidade e de mergulho no Ser. Precisamos desentranhar das palavras sua riqueza escondida.¹²³

O cuidado aparece aqui como uma preocupação também dialogizante, aberto ao dizer, ao saber, ao necessitar do outro. É como “desvelo, solicitude, zelo”¹²⁴, pois na linguagem oferece-se a si mesmo e encontra-se a si mesmo na palavra de Deus, nos textos do Evangelho, na receptividade comunicante que oferecemos como criatura de Deus.

O cuidado é relacionado com responsabilidade, mas ao mesmo tempo com conscientização, educação, evangelização. O desvelo e a atenção são atrelados ao desejo de crescimento e desabrochar do outro, além de si mesmo; e “nesse jogo de relações o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua autoconsciência e sua própria identidade”¹²⁵ como pessoa e cristão, como ser histórico e social.

A espiritualidade não está no céu; se tal fosse, Cristo não teria vivido na Terra. A nova forma de evangelizar, cuidar do rebanho, não pode ignorar as modificações que se processaram no mundo objetivo e no mundo subjetivo do homem. Não se pode desprezar a certeza de que o corpo e a mente também mudaram. Novos potenciais dos sentidos; excesso de cuidados para processamento mental; carga energética acumulada diante dos afãs da modernidade com consequente uso forte da agressividade; redes de saberes e intercomunicações que bombardeiam e incentivam novas investidas; tendência à solidão e à virtualidade consentida, tudo isso precisa ser acompanhado, sem que se tente desacelerar ou negar o progresso tecnológico-cultural.

Esse conjunto de experiências - o individualismo, os interesses pessoais, a concretude do desejado - fez-nos esquecer que somos filhos da terra, e filhos de

¹²³ BOFF, 2007, p. 90.

¹²⁴ BOFF, 2007, p. 91.

¹²⁵ BOFF, 2007, p. 92.

Deus! O que precisamos é reformar, dentro dessa realidade, o espaço da palavra, ou melhor, do próprio homem em seu poder de comunicação com Deus. É preciso fazê-lo de forma concreta, lógica, destacar nosso poder de querer e de transformar o que consideramos inadequado às nossas vidas como pessoas e filhos de Deus. Boff¹²⁶ diz que “a relação não é do domínio sobre, mas de con-vivência”; nada é imposto ou dirigido como verdade imposta. Não há determinação ou subjugação sobre o que fazer; há comunhão e interação¹²⁷. Para o autor, somos re-ligados (religião) uns com os outros e todos com o Ser maior como um “Elo derradeiro” que “sustenta e dinamiza” toda a nossa existência e a do Universo.

(...) valor Supremo que em tudo se vela e se revela. Esse valor supremo tem caráter de Mistério, no sentido de sempre se anunciar e ao mesmo tempo de se recolher. Esse Mistério não mete medo. Fascina e atrai como o Sol. Deixa-se experimentar como um grande Útero acolhedor que nos realiza supremamente. É chamado também Deus.¹²⁸

Nesse conjunto ideativo, Boff destaca a nossa velha e fantástica possibilidade de emoção, envolvimento, aquela felicidade de rejubilar-se com a alegria do amigo, de chorar pela dor do outro. Embora sejamos orgulhosos da nossa razão, não seria o logos, nossa maior força, mas a comunhão com o outro que nos permite amar e respeitar as diferenças. O que nos dá essa característica mais humana é o *phatos* como sentimento que nos une e nos encanta, que nos leva à veneração de algo maior.

Golleman¹²⁹ já dizia que a “mente emocional” é preponderante ao processo racional. Foi com dimensões similares ao sentimento que Cristo cuidou do ser humano, com seu amor e misericórdia, ao lado do senso de justiça e de verdade.

De acordo com essa análise, ainda Boff considera que será preciso desenvolver uma dimensão em nós, essa que permite:

[...] conceder direito de cidadania à nossa capacidade de sentir o outro, de ter compaixão com todos os seres que sofrem, humanos e não humanos, de obedecer mais à lógica do coração, da cordialidade e da gentileza do que à lógica da conquista e do uso utilitário das coisas.¹³⁰

¹²⁶ BOFF, 2007, p. 95.

¹²⁷ BOFF, 2007, p. 95.

¹²⁸ BOFF, 2007, p. 96.

¹²⁹ GOLLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2000.

¹³⁰ BOFF, 2007, p. 102.

Assim, a diaconia social, no trabalho, na política, na vida religiosa, supõe esse *phatos* como sentimento e religação com o próximo, tanto quanto do logos na busca da verdade contida nos evangelhos, vivenciada nas ações de Jesus e repensada a cada momento por nós em nossa práxis.

A diaconia no trabalho, na família, nas comunidades, precisa perpassar pelo sentimento tanto quanto pela revisão e restauração do sentido de democracia. Uma empresa, uma organização, não é sustentada apenas por dinheiro, verbas, planos orçamentários, execuções sem humanização; “ela é uma comunidade de pessoas humanas [...] todos colaboram para que a empresa funcione e preste serviços à grande comunidade nacional ou humana em geral”¹³¹.

Diante disso, afirma o autor que “a melhor diaconia é organizar os trabalhadores em todos os níveis para que recebam na economia a voz que devem ter, pois na economia reina a lei da selva e os leões são donos da terra”¹³². Para ele, esta é uma diaconia para “heróis” e não pode ser para todos os “cristãos”.

Nossa cultura está dominada pelo mercado; somos consumidores de objetos e também de cultura. Um telespectador consome música, imagens, receitas, estilos de vida e lazer, tipos de arte, esporte e a diaconia precisaria estimulá-lo a compartilhar beleza de ser, leveza ao existir, criar, pensar, expressar, facilitando a si e ao outro um projeto, uma realização.

Talvez seja este o tempo real em que a experiência religiosa seja revista em seu vínculo unilateral ao campo da fé e da vivência na Igreja. Talvez seja esse o momento em que ela deva formar redes e conexões com as demais experiências da vida cotidiana do ser humano. Amar a Deus e amar ao próximo se manifesta no comportamento de cuidado e entrega nas palavras do Evangelho, nos exemplos da vida e obra de Cristo, dos homens, dos grupos sociais, na interação dos que cuidam dos rebanhos percebendo a diversidade e a necessidade das diferentes “ovelhas”.

¹³¹ COMBLIN, José. **Os desafios da cidade no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 84.

¹³² COMBLIN, 2003, p. 85.

2.3 Alvos da educação cristã com a juventude

Teorias existem aos montes. São organizações expressas e semanticamente verbalizadas para dar conhecimento ao mundo das nossas ideias, pressupostos e probabilidades. Muitas delas, com respaldo científico e filosófico, derrubaram ou resgataram diferentes concepções de vida, de homem e de mundo.

Uma longa fase medieval defendeu a ideia central de que Deus é Uno, Supremo, Perfeito, tudo vê e comanda. Esse teocentrismo, embora por vezes aniquilando do valor decisório do homem, a quebra da autonomia deste e trazendo consigo ações hediondas em nome da Religião, também nos ofereceu caminhos a seguir e metas a alcançar.

Os conceitos e práticas de punições, escravidão, subjugação, foram gradualmente substituídos pelos conceitos de perdão, liberdade e igualdade a partir da noção de que somos irmãos, filhos de um mesmo Pai, salvos pelo amor do Cristo e guiados pelo Espírito Santo de Deus.

A Bíblia, em especial o Novo Testamento, permaneceu para guardar e divulgar a palavra de Deus entre os homens, apesar de tudo: apesar da Igreja impositiva, apesar das atrocidades do governo em sua parceria com o catolicismo, apesar dos conceitos iluministas e apesar de toda a progressão da ciência e da tecnologia em plena comunicação com o mundo inteiro.

Zabatiero nos fala em “Educar para o reino de Deus e a missão da Igreja”¹³³, e lembra que Jesus, nas suas pregações, não se restringiu a falar de si a não ser como filho de Deus, na missão de conduzir os demais filhos ao Reino do Pai. E afirma que o serviço que Jesus prestou a este Reino “[...] no sentido de soberania divina [...]”¹³⁴, também é responsabilidade da Igreja desenvolvê-lo para cumprir a “[...] missão do reino [...]”¹³⁵. Apresentando alguns aspectos do sentido dessa expressão, o autor sintetiza:

Reino de Deus é a sabedoria que pertence a Deus, a glória e a majestade, inerente a Seu Ser divino: a soberania indica principalmente, a ação de Deus como Senhor de todas as coisas, enquanto majestade e glória sinalizam o caráter de Deus – digno de todo louvor e honra.¹³⁶

¹³³ ZABATIERO, Júlio. **Novos caminhos para a educação cristã**. São Paulo. Hagnos, 2009. p. 11.

¹³⁴ ZABATIERO, 2009, p. 11.

¹³⁵ ZABATIERO, 2009, p. 11.

¹³⁶ ZABATIERO, 2009, p. 11.

O educar para o Reino supõe, portanto, uma forma de guiar o homem para o caminho da justiça, onde estaria presente o amor ao próximo e uma vida de dignidade. Educar, na visão do autor, é estimular as criaturas “[...] ao compromisso com a missão do Reino no mundo – assim como o fez Jesus.”¹³⁷.

Para Zabatieiro, o homem, tendo sido criado à imagem e semelhança de Deus, perdeu-se em sua falta de humanização, não mais foi o homem o representante de Deus na Terra; nem mesmo soubemos cuidar da natureza que Deus nos confiou e do próximo que Ele irmanizou conosco. Para o autor, precisamos alterar esse processo desumanizador e zelar pela nossa relação com o Pai. Esse é o processo de salvação.

Trazendo essa teoria ao processo evangelizador, o trabalho se faz também educativo na medida em que se possibilita a reconstrução de valores comunitários, desta vez mais humanos, onde preconceitos, estigmas, violências e outras injustiças não encontrem espaços no coração e nas práticas sociais. Nessa abordagem mais próxima do real, visualizando os “[...] aspectos teológicos da educação cristã [...]”¹³⁸, o autor enfatiza a “[...] educação para a cidadania [...]”¹³⁹ com o total respeito à diversidade étnica, às minorias até então excluídas dos direitos sociais.

Viver a cidadania é viver de forma responsável a liberdade, pois cidadão é quem participa ativa e decisivamente da polis, do seu mundo. Cabe, portanto, repensar a concepção de liberdade que anima a cidadania.¹⁴⁰

O autor questiona o apego excessivo à liberdade individual e à liberdade política, em que não se concebe por cidadania e cristandade. Considera Zabatieiro que a liberdade está relacionada não ao domínio de objetos e sujeitos; ela se apresenta como algo criativo, por meio do qual o homem possa projetar ao futuro, projetos dignos de uma humanidade livre e valorizada, não fechada ou absolutizada, mas construída a “cada dia”¹⁴¹. E é essa cidadania cristã que nos permitiria refletir

¹³⁷ ZABATIERO, 2009, p. 12.

¹³⁸ ZABATIERO, 2009, p. 15.

¹³⁹ ZABATIERO, 2009, p. 15.

¹⁴⁰ ZABATIERO, 2009, p. 17.

¹⁴¹ ZABATIERO, 2009, p. 18.

os exemplos de Jesus, pois é preciso que ajudemos na construção da identidade da Igreja e do cidadão cristão, “[...] a partir da identidade messiânica de Jesus”¹⁴².

A educação cristã, então, não prescindir a da vitalidade que caracteriza principalmente a juventude em seu “[...] amor pela vida”¹⁴³. No sentido mais amplo que a saúde do corpo, a vitalidade estaria vinculada ao revisar os estilos de vida e as reconstruções das formas cristãs de ser pessoa. A espiritualidade é vista, portanto, como reabertura de obstáculos, para que possamos usar a liberdade, de viver e sorrir, de modo cristão.

Abordando os aspectos pedagógicos da educação cristã, Zabatieiro valoriza o papel do educador cristão considerando, entretanto, a necessária revisão da sua “pedagogia antiquada”¹⁴⁴ dando ênfase à aprendizagem intelectual ou conteudista e pouca ênfase ao vivencial. “É ainda uma pedagogia individualista e alienante, pois não capacita o aluno a viver comunitariamente nem a entender a sua realidade para poder transformá-la”¹⁴⁵

Com essa abordagem o autor enfatiza a qualidade da pedagogia aberta ao diálogo e repleta de valores teológicos numa acolhida ao humano individual e coletivo.

Com base nas análises dos objetos e dimensões que constituem a proposta freiriana, Zabatieiro orienta que nos encontros educacionais cristãos devem ser pontuadas questões didáticas para as práticas. Considera que essa didática supõe uma “prática bem refletida, uma teoria bem praticada, compartilhada em comunidade, e sempre a serviço do reino”¹⁴⁶. Citando Groome, Zabatieiro aborda os cinco momentos dessa prática como passos flexíveis, pois podem ser alterados e alternados, em coerência com a situação vivida.

Entretanto, Zabatieiro alerta que essa modalidade de educação tem como base os cinco passos¹⁴⁷, não pode ser confundidas com métodos e técnicas de ensino. Ao promover e animar os encontros, o educador cristão se mostra por inteiro em sua fé cristã, e sua orientação, bem como as formas didáticas utilizadas, são apenas instrumentos que podem ou não alcançar os objetivos a que se propõe.

¹⁴² ZABATIERO, 2009, p. 19.

¹⁴³ ZABATIERO, 2009, p. 21.

¹⁴⁴ ZABATIERO, 2009, p. 25.

¹⁴⁵ ZABATIERO, 2009, p. 25.

¹⁴⁶ ZABATIERO, 2009, p. 38.

¹⁴⁷ Ação presente, reflexão crítica, diálogo, caso e visão.

O autor aborda a dimensão educativa do culto e a participação corpórea, aliada à espiritualidade, dos cristãos do novo século:

O corpo dos cristãos passou a fazer parte viva dos cultos; palmas, movimento, dança, coreografia se tornaram comuns em muitas Igrejas; ritmos, melodias, letras brasileiras foram incorporados ao culto; o ministério de adoração passou a ser enfatizado, e muitos jovens se envolveram com a música e o louvor na igreja; emoção que anteriormente tinha pouco lugar no culto, passaram a ocupar lugar central – alegria, exaltação, autoafirmação.¹⁴⁸

Apesar da adesão dos jovens à Igreja, os encontros cristãos correm o risco de perder a riqueza espiritual do louvor, pois os jovens ficam embevecidos com CDs famosos anunciados pela mídia, e não com o louvor de Deus. Para o autor, “[...] o culto é primariamente encontro de adoração a Deus [...]”¹⁴⁹ e como tal é essencial à formação da juventude cristã. O culto, então, não precisa ser *show* nem *aula*, nem deve dar ao jovem a impressão e sensação de que “[...] a vida cristã é apenas felicidade, busca de bênçãos e comunhão entre irmãos [...]”¹⁵⁰.

Para Zabatiero, há uma lógica litúrgica que, por compromisso com Deus e com a missão, não pode ser esquecida por quem se utiliza de uma pedagogia cristã. A teologia que hoje aparece nos cânticos precisa focalizar a vida e os valores cristãos, precisa de educadores cristãos que realmente sigam as palavras de Jesus. O autor alerta para uma pedagogia criativa que possa manter o jovem na Igreja, mas que trabalhe no sentido de uma “[...] espiritualidade cristocêntrica, baseada na Graça de Deus e voltada para a solidariedade cristã – a missão para a glória de Deus”¹⁵¹, e completa: “O grande alvo pedagógico de Jesus era promover a compreensão dos homens acerca do reino, com seu decorrente comprometimento. O conteúdo do ensino de Jesus, podemos dizer, era teológico”¹⁵².

O convite e o desafio estão feitos, por certo as lideranças protestantes os aceitarão, pois elas também são movidas pelas graças de Deus, pelos ensinamentos de Cristo e pela esperança de um mundo melhor.

¹⁴⁸ ZABATIERO, 2009, p. 54.

¹⁴⁹ ZABATIERO, 2009, p. 55.

¹⁵⁰ ZABATIERO, 2009, p. 55.

¹⁵¹ ZABATIERO, 2009, p. 65.

¹⁵² ZABATIERO, 2009, p. 71.

2.3.1 Juventude e fé

Fowler fala da “[...] alma sem corpo [...]”¹⁵³ e este sem roupas, sem entrosamento com os outros, sem tarefas a desempenhar, quando se refere ao homem sem fé. Para ele, a fé oferece força na dor, ajuda a organizar os espaços de nossa vida, é sustentação e ao mesmo tempo é um fenômeno realizante, e pleno de mistérios. A dinâmica da fé é percebida pelo autor como correlata à maneira como criamos e mantemos nosso sentido existencial. Considera a fé algo fundamental e universal, algo que se concretiza nas expressões, nos símbolos, nos rituais e nos comportamentos ético-religiosos.

A fé é inesgotavelmente misteriosa. A vivacidade e o crescimento contínuo na fé, requerem auto-exame e disposição para o encontro com as perspectivas da fé de outras pessoas. Qualquer um de nós pode ser iluminado em nosso esforço de nos relacionarmos com o sagrado, pela integridade que encontramos nas atitudes de fé de outras pessoas, quer sejam religiosas ou não.¹⁵⁴

O autor considera a fé como social e conduzida à aproximação com o outro. É, pois, interativa, supõe proximidade comunitária, linguagens específicas, rituais e outros comportamentos. Mas lembra que há dois ramos que convergem da fé: um é aquele em que a fé pode ser explicada, compreendida, aliada aos processos concretos da vida humana; outro é a fé que vai além dessa realidade papel, que jamais estará fechada ou restrita às nossas teorias e práticas. Mas é justamente no modo de encaminhar nossa vida, nossos relacionamentos e feitos que podemos atingir os graus mais supremos da fé.

Abordando a dinâmica da fé e a forma de darmos ordenação às nossas vidas, em relação às ânsias que temos, Fowler afirma:

Os valores divinos em nossa vida [...] nos tocam incondicionalmente. Nossa real adoração, nossa verdadeira devoção dirige-se aos objetos de nossa preocupação última. A preocupação última é o assunto mais poderoso do que a crença que se alega ter em um credo ou conjunto de proposições doutrinárias.¹⁵⁵

¹⁵³ FOWLER, James W. **Estágios da Fé: A psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido.**[trad] Júlio Paulo Tavares Zabatiero. São Leopoldo- RS. Ed Sinodal, 1992. p. 11.

¹⁵⁴ FOWLER, 1992, p. 10.

¹⁵⁵ FOWLER, 1992, p. 16.

Assim, a preocupação última seria bem humana, centralizada na vida em seus diferentes aspectos. Sob esse ângulo perceptivo, a preocupação última poderá estar no ego, na família, no trabalho, na comunidade ou na Igreja. “Ela modela as formas em que investimos nossos amores mais profundos e nossas lealdades mais caras”¹⁵⁶. A fé e a identidade parecem indicar forças diferenciadas.

A fé aparece como mais pessoal e mais enriquecida, geralmente tem a base sustentada numa tradição religiosa, supõe uma certa inclinação que envolva a personalidade em direção a tudo o que existe e é percebido pelo sujeito, inclusive a religião, mas implica uma “[...] capacidade de viver além de um nível mundano; de ver, sentir e agir em termos de uma dimensão transcendente [...]”¹⁵⁷

Nesse sentido, difere da crença em seus conceitos e conclusões a partir da experiência vivida. “A crença pode ser um dos modos pelos quais a fé se expressa”.¹⁵⁸, esta última implica uma confiança e um sentido profundo, que não se restringe às experiências do mundo.

A fé implica um modo específico de reconhecer o objeto e não apenas significa crenças ou credo. A fé hoje não mais se reduz a crenças e credos amarrados às doutrinas. “Porém se compreende a fé como confiança no outro e como lealdade a um centro transcendente de valor e poder – então a questão da fé – e a possibilidade de fé religiosa torna-se novamente viva e aberta”.¹⁵⁹

Fowler, citando Smith, convida-nos a representar a fé e tira suas conclusões sobre ela. Para ele “[...] a fé e não a crença ou religião é a categoria mais fundamental na busca humana de relacionamento com a transcendência.”¹⁶⁰, a fé se apresenta como uma certa tendência universal, mesmo entre uma multiplicidade de culturas e crenças. Todas as tradições religiosas falam dela correlacionando valores e poderes transcendentes.

Para o autor, a fé é um empreendimento e supõe relacionamentos muito pessoais. Pela fé se coloca o coração em outros sujeitos ideais, em algo maior como um Deus ou deuses. Assim, cada sujeito investe lealdade forte e tenta sintonizar-se com poderes divinos que possam garantir em nós a força de ser quem somos e que podemos ser. “Os centros de valor e poder que tem valor divino para nós, portanto,

¹⁵⁶ FOWLER, 1992, p. 16.

¹⁵⁷ SAMITH, apud FOWLER, 1992, p. 21.

¹⁵⁸ FOWLER, 1992, p. 21.

¹⁵⁹ FOWLER, 1992, p. 24.

¹⁶⁰ FOWLER, 1992, p. 24.

são aqueles que nos conferem sentido e dignidade e prometem nos sustentar em um perigoso mundo de poder”, acrescenta Fowler.¹⁶¹

Nossos jovens, portanto, sentir-se-ão comprometidos e confiantes, reforçados em sua identidade e sua fé, na medida em que poderão se filiar a certas comunidades, grupos ou instituições que lhes facilitem se tornarem parte do que amam e no que confiam; onde o grupo mantém significados comuns ou partilhados, bem como esperanças similares, todos em direção a centros elevados de valor e poder.

Mas é preciso que saibamos que a fé não fica restrita aos modelos e valores que nós construímos ou incorporamos. As tradições da fé, no sentido da religiosidade, não podem se restringir ou ser pensadas em termos pragmáticos apenas. A fé em Deus não só nos ajuda a superar dores e desesperos, não só nos ajuda a amenizar a dor da finitude e da identidade não reconhecida; ela nos ajuda a vencer a centralização em nós mesmos, nos vincula à grupos e nos permite o pacto da lealdade e da confiança no outro. Ela favorece a renovação do nosso ser e nosso espírito e pode nos conduzir realmente a sermos homens de boa fé.

A juventude se encontra numa fase histórica da perda da fé; há pouca fé em si mesmo, na família geradora, na escola, na sociedade, na igreja. As decepções que marcam e ferem a alma, favorecem as descrenças, o não envolvimento nos afetos, a desconfiança e a preferência pela anulação do desejo da fé.

Pauly, numa linguagem bem coloquial e específica do jovem meio largado da atualidade liberal, acredita que com essa liberdade expressiva a fé da juventude possa ter “[...] algo a ver com a vida [...]”¹⁶². Ele escreve diretamente para o jovem e diz que este é o seu “[...] modo evangélico de que a fé só é possível na liberdade [...]”¹⁶³.

Apresenta a ideia de que é preciso a escuta da verdadeira linguagem da juventude, diferente da linguagem que as igrejas se utilizam em suas tradições religiosas. Aqui se fala a língua da esquina, da praça, do shopping. Esta é uma língua que os jovens precisam ensinar para a Igreja e a Igreja precisa ter desejo de aprender.

¹⁶¹ FOWLER, 1992, p. 27.

¹⁶² PAULY, Evaldo Luiz. **Ética, Educação e cidadania**: questões do fundamento teológico e filosófico da ética da educação. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

¹⁶³ PAULY, 1998, p. 5.

A seu modo, o autor convida a juventude a encarar suas responsabilidades ao invés de jogá-las nos ombros do governo, da família, da escola, da Igreja e de toda sociedade civil, e afirma que os jovens podem fazer isso de três maneiras: de modo *indireto*, na escolha dos representantes políticos; de modo *direto*, atuando em entidades civis da sua cidade, colaborando com a liberdade democrática e, finalmente, de forma alegre, participando de um grupo de jovens da Igreja ou da escola, mostrando que nesses grupos é possível fazer o máximo para “[...] crescer na fé, na cidadania, nos afetos da vida”¹⁶⁴.

Nessa postura, o autor conceitua a ética como “[...] o efeito como escolhemos os caminhos por onde queremos andar [...], o jeito que escolhemos para viver com os produtos da fé”¹⁶⁵. Pauly ainda enfatiza a ética como decisória, tanto individual quanto coletivamente e considera que a ética da juventude supõe sua capacidade de escolher o melhor caminho.

Na mesma linha de pensamento e linguagem, o autor fala sobre viver em família, sobre a questão do amor como um aprendizado na comunidade de fé; discorre sobre a escola e a educação, sobre namoro e sexo, drogas e violência e, finalmente, sobre política e cidadania. Ainda convida o jovem a participar de grupos da juventude, a promover pesquisas sobre necessidades do município, a apoiar os educadores e outros setores da sociedade. “Sua Igreja tem tudo a ver com isso! Foi o que nos ensinou Jesus: nem só de pão vivem as pessoas, mas de toda palavra que procede de Deus”¹⁶⁶.

Não pretendemos neste trabalho oferecer modelos de linguagem e evangelização como estes em toda a sua abertura orientadora, mas buscamos enfatizar a proximidade que se pode estabelecer ao penetrarmos no mundo representativo da nossa juventude. Não só nos sentiremos pertencentes, mas eles próprios poderão ampliar o sentido de pertencimento ao encontrarem elos e acolhida sem preleções e imposições. Talvez assim possam ter fé na capacidade de sua expressão e na capacidade do outro em saber ouvir.

¹⁶⁴ PAULY, 1998, p. 38.

¹⁶⁵ PAULY, 1998, p. 42.

¹⁶⁶ PAULY, 1998, p. 46.

2.3.2

Juventude e educação na fé

São inúmeras as teorias que analisam o homem de forma isolada ou em sociedade. Numa postura mais aberta e menos radical, vemos teorias interacionistas, valorizando os aspectos da natureza humana e sua interação com o ambiente ou contexto onde vive o homem.

Desse modo, temos conceitos que falam do aprendizado de vida e mundo onde a cultura e a história estão presentes e onde se faz brotar a busca de transcendência que nos leva a Deus.

Uma das grandes questões do homem parece ser aquela que se refere a sua origem e significado. Como um poderoso organizador, nosso cérebro insiste em buscar sentidos para as impressões que recebe, organiza nossas emoções e sentimentos na tentativa de respostas satisfatórias.

Pensar sobre si e sobre o mundo conduz o homem a questões filosóficas e existenciais e estas, indicam o caminho para a religiosidade. Embora existam aspectos estruturais no humano, cada sujeito é flexível, maleável, mas nunca modelado. Suas crenças são construídas a partir da sua inerência criativa e rebuscadora em interação com o contexto nutridor e estimulador. Ao garantir a construção de sua identidade e de seu pensamento, o homem se torna natureza e cultura, e é nessa interação que se edificam suas crenças, sua fé, sua escolha religiosa.

Esta busca de sentido e verdade persiste em todos os tempos históricos e em todas as gerações. Se a juventude se deparar com o controle do seu pensamento e a imposição preletiva de normas, verdades e ordens, ela tende a se afastar ou se rebelar.

É, pois, na origem do próprio protestantismo que encontramos razões para dar espaço à liberdade de pensamento, à expressão de dúvida com busca de respostas, sem preleções e imposições determinantes. Esse é o novo espírito da nossa juventude; talvez um tanto distanciado do sentimento do outro em prol de seu subjetivismo unilateral, mas deixando espaços de abertura para uma consciência mais coletiva, multilateral, se bem mediados em sua construção de aprendizados.

Parece bom lembrar que o panorama do protestantismo atual no Brasil deverá ser do conhecimento dos nossos jovens protestantes, pois implica uma análise deste novo momento brasileiro onde o jovem tem acesso direto a discussões sadias sobre as mudanças religiosas, suas bases originárias e os caminhos a que elas podem conduzir.

A transparência das ideias em conjugação com a vivência do Evangelho, em lugar de afastar, tende a aproximar, a atrair a confiança do jovem. Jardimino recomenda “[...] uma integração entre fé e vida, uma busca de novos paradigmas para a função pastoral [...]”¹⁶⁷, recomenda urgência de modificações na formação dos pastores, e nessa posição a educação, também a educação pastoral, “[...] deve ser interlocutora das necessidades e anseios do mundo de hoje e manter um dialogo interdisciplinar para refletir criticamente sobre a vida e ação na igreja, frente aos desafios do nosso tempo.[...]”¹⁶⁸.

O autor percebe a prática pastoral como possível “[...] ponto de intercessão entre fé e vida [...]”¹⁶⁹, pois ao mesmo tempo que se apontam as novas características sócio-tecnológicas, abre-se o uso do testemunho evangélico na Igreja a fim de fortalecer a missão cristã.

A juventude atual está crescendo num mundo globalizante repleto de incertezas, de convites a desafios, e ao mesmo tempo, num mundo sedutor aos desvios de caminhos que não garantem o equilíbrio emocional necessário para uma vida plena e de comunhão com os valores religiosos. No intuito do despertar da liberdade reflexiva, a educação cristã terá de acolher esse jovem que convive com a certeza de que nada pode sustentar respostas absolutas sobre si mesmo, sobre seu trabalho, sua origem e seu destino.

Para que a educação cristã alcance sua missão, terá que facilitar ao jovem um ambiente que permita a expressão das dúvidas, das interpretações da vida, das angústias, dos medos e inseguranças tanto quanto da expressão das certezas intelectuais que, por vezes, diferem daquelas que entendemos no Evangelho.

Ressalta-se que tanto a educação quanto a juventude são construídas historicamente e estão sempre sujeitas a alterações de paradigmas e a várias formas de atuação frente a novas necessidades. A contemporaneidade tende a

¹⁶⁷ JARDILINO, José Rubens. **Pastoral:** perspectivas históricas e desafios atuais. In: Revista Simpósio, nº 36. São Paulo: Aste, 1993, p. 30-31.

¹⁶⁸ JARDILINO, 1993, p. 31.

¹⁶⁹ JARDILINO, 1993, p. 31.

configurar um indivíduo em sua autonomia e para tal será iminente o uso de sua racionalidade, tanto quanto de sua espiritualidade, na procura de si mesmo e das origens dessa existência, no concreto e na transcendência.

Hoje, numa visão mais aberta, construtivista, interacionista e sócio-histórica, estudam-se jovens por meio de métodos e áreas diversas, numa tarefa inter, multi e transdisciplinar. Configuram ideias e pesquisas que envolvem áreas de conhecimento diversificadas, na tentativa de melhor penetração no mundo configuracional desses jovens, numa tentativa de leitura dos seus mundos, para melhor poder alcançá-los.

Como um ser em constante devir, a juventude jamais estará completa, pronta, concluída. Seu processo dinâmico de vir a ser não se restringe aos componentes físicos e energéticos de sua corporeidade, intelectualidade, espiritualidade; ela se faz para além do indivíduo e do aqui e agora. Essa dinamicidade possibilita, penetrar pelos caminhos da história e suas contribuições dialéticas e, por certo, também poderá desembocar na complexidade do transcendente, para além do tudo e do nada, em dimensões que nenhum de nós ainda está pronto para explicar.

Entretanto, a missão religiosa, em especial a que abordamos – a protestante – implica um esforço e um compromisso desta como mediadora da construção da relação do jovem com a sua busca e respostas sobre Deus e as modalidades de Sua expressão no mundo dos homens.

Consideramos a edificação, do jovem, do sentimento de integração como filho de Deus e participante da Igreja, uma responsabilidade que perpassa pela educação e pelo respeito ao tempo-espaço históricos, bem como pelas aquisições que o jovem obteve nessa realidade vivida.

Educar é, pois, uma tarefa de destaque, mas não como uma concepção impositiva de verdades irrefutáveis; e nesse caso o papel das missões se mesclam aos conceitos educativos e formativos da juventude do nosso século.

3 A Pastoral Juvenil e o Protestantismo de missão no Brasil

Antes de apontarmos historicidade reveladora das raízes do Protestantismo de Missão no Brasil, esclareceremos, de maneira simples e objetiva, a origem da palavra Igreja e sua importância contextual.

No dicionário Aurélio encontramos, numa linguagem comum, o vocábulo Igreja como: “1- Templo Cristão. 2- Autoridade Eclesiástica. 3- A comunidade Cristã. **Igreja Matriz** ou Capelas de uma dada circunscrição”.¹⁷⁰

Percebemos que, na grande maioria das vezes, encontramos uma interpretação conceitual da palavra *igreja* como um edifício; prédio; construção; local onde se realiza regularmente o culto cristão. Ou seja, na linguagem comum, o termo *igreja* é entendido como um estabelecimento religioso onde acontecem encontros para adoração e agradecimento.

No entanto, o termo Igreja traz um significado muito mais amplo e relevante. De acordo com Brown, apud Santiago:

A palavra igreja, do grego “ek klesia”, admite, em primeira análise, a tradução para “assembléia”, “reunião”, “congregação”. Deriva-se do vocábulo “ek-kaleo”, que se empregava para a convocação do exercito para reunir-se; de Kaleo, então, “chamar”. No Novo Testamento a palavra “ek klesia” surge como “o evento através do qual Deus cumpre sua eleição através da chamada pessoal, [...] por esta razão, pode-se falar dos “Kletoi”, ‘os chamados’, ao se referir à comunidade cristã primitiva.”¹⁷¹

Numa linha de pensamento mais ampla, e reflexiva, podemos entender o significado da palavra Igreja como um ajuntamento de pessoas professando a fé, pessoas que atendem a uma convocação divina, que se reúnem com propósitos religiosos.

Nos registros da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira a palavra Igreja aparece como:

[...] a reunião universal dos remidos de todos os tempos, estabelecida por Jesus Cristo e sobre ele edificada, constituindo-se no corpo espiritual do Senhor, do qual Ele mesmo é a cabeça. Sua unidade é de natureza

¹⁷⁰ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio. Século XXI Escolar: **O dicionário da língua portuguesa**. 4 ed. Ver. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

¹⁷¹ SANTIAGO, Rita Cristina Coelho de Almeida. **Igreja – uma comunidade terapêutica para a infância e juventude**. São Leopoldo: EST / IEPG, 2007. 102f. p. 984-993 (grifos do autor)

espiritual e se expressa pelo amor fraterno, pela harmonia e cooperação voluntária na realização dos propósitos comuns do Reino de Deus.¹⁷²

Direcionados pela experiência espiritual e fraterna, cristãos assumem a postura de testemunhas das maravilhas divinas; adoram e glorificam a Deus e anunciam o Evangelho por meio do cuidado, da compaixão e da solidariedade dispensada ao próximo.

Por esse motivo, podemos pensar a Igreja como um grupo de pessoas comprometidas com o anúncio do Evangelho e com a preservação dos ensinamentos de Jesus Cristo. A Igreja torna-se, então, universal, independente de denominação. Na Igreja, é possível colher os frutos do Evangelho que fortalece a confirmação da fé, corroborando para a compreensão da Igreja como Corpo de Cristo.

Uma vez descrito, mesmo que de maneira simplória, o conceito revelador da igreja como uma reunião de pessoas que compartilham a mesma profissão de fé, torna-se essencial abordarmos, igualmente de forma sucinta, a função da pastoral e sua contribuição para o futuro de nossos jovens.

Falar do sentido da pastoral requer viajar pelo tempo lembrando a figura de Jesus Cristo apresentada em Jo 10.1-18 como o *bom pastor*, Aquele que veio ao mundo para garantir que todos “tenham vida e a tenham em abundância”¹⁷³ ; requer pensar o pastoreio como uma maneira de comprometer-se com o cuidado e com a proteção quem garante ao homem a continuidade da vida.

Segundo Libânio, a palavra pastoral adquiriu “idéia de autoridade, de desvelo, de companhia, de relação interpessoal e finalmente de entrega de si até o dom total da vida àqueles que servem”¹⁷⁴.

Diante de um mundo já considerado pós-moderno, o sentido da prática pastoral, principalmente a pastoral da juventude, ganha um terreno de dimensão coletiva em torno do exercício da prática da fé e, por consequência, da prática do Evangelho. Distanciando-se de um conceito delimitado de ministério específico do pastor ou, mais recentemente, da pastora, identificamos uma compreensão mais aberta dos objetivos da pastoral como Igreja mais ativa no mundo plural, envolvendo, em uma comunidade de fé, seus jovens membros.

¹⁷² Declaração Doutrinária da CBB. In Revista Compromisso. 4. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 2003, p. 9.

¹⁷³ BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução Centro Bíblico Católico. 34 ed. São Paulo. Ed. Ave Maria, 1982.

¹⁷⁴ LIBÂNIO, João Batista. **O que é pastoral**. São Paulo. Brasiliense, 1982. p. 22.

Vislumbrando a Igreja em sua totalidade encontramos membros e pastores que se completam e completam a Igreja no intuito de contribuir para o desempenho da missão do ministério pastoral alinhado às perspectivas dos jovens na atualidade.

Todavia, uma ação pastoral centralizada na figura do jovem deve atuar não somente no fortalecimento de pertença ou no fortalecimento da confessionalidade, mas, atuar fortemente em todas as áreas da existência do homem, uma atuação voltada para todo um *universo* fora da Igreja.

Repensar a pastoral, numa dimensão social abre portas para um diálogo com a comunidade jovem, alimenta uma reflexão crítica sobre a realidade e contribui para uma sociedade mais coerente e justa em prol do bem da vida.

Em sua dimensão social a Igreja, representada aqui por sua pastoral juvenil, deve valorizar princípios da ética e da moral universalizando a dignidade humana como escopo de sua missão, que deve estar concatenada à luz do Evangelho de Jesus Cristo, uma proposta atrelada ao projeto inicial dos missionários protestantes que, durante o século XIX, em sua maioria originária dos Estados Unidos da América, se instalaram no Brasil tornando sua permanência definitiva. Em seu escopo, além de um sentido civilizador, havia a intencionalidade de educar e evangelizar.

[...] O século XIX é um momento de grandes mudanças, tanto em termos de teologia e das estruturas eclesiais. É o momento em que, mais do que nunca, sentiu o peso do individualismo, mas é também o momento de grandes obras e de grande expansão missionária.¹⁷⁵

Logo que instalaram suas missões, protestantes abriram suas Igrejas, suas escolas paroquiais e seus colégios. Em suas formas de ensinar havia métodos e práticas consideradas inovadoras para a época.

[...]a educação protestante instalada no Brasil caracterizou-se por fatores que a tornaram atrativas, especialmente às elites liberais, tais como: localização das escolas em função da classe social a ser influenciada; aparência estética dos edifícios construídos, de estrutura sólida e imponente; ambiente interno das escolas com nova concepção pedagógica – ausência de estrado nas salas, aproximando alunos e mestre, carteiras individuais, auditórios para programas coletivos, material didático,

¹⁷⁵ [...] El siglo XIX es tiempo de grandes transformaciones, tanto en el plano de la teología como en el de las estructuras eclesiais. Es la época en que, más que nunca, se deja sentir el peso del individualismo; pero es, también, la época de grandes obras colectivas y de una importante expansión misionera.

CERNI, Ricardo. **História del Protestantismo**: El Estandarte de La verdad. Capellades, Barcelona, 1995. p. 154. (Tradução própria)

laboratórios, equipamento musical, etc.; além do conteúdo identificado com valores liberais, da cultura e do modo de vida norte americano[...]¹⁷⁶

Tendo como característica a convicção de que eram portadores de uma exemplar civilização, protestantes missionários criticavam veemente os hábitos da Igreja Católica.

Os católicos romanos aqui em todo o seu culto são ainda mais insensatos que os chineses, dos quais, ou de outros como eles, parecem ter imitado o absurdo costume de soltar toda espécie de fogos de artifício no seu culto. O espetáculo das suas ridículas cerimônias – ou melhor, a forma vergonhosa na qual nossa pura e santa religião se exhibe aqui, (...) torna este lugar, no meu modo de pensar, num dos mais miseráveis do mundo.¹⁷⁷

Em uma época considerada pelos missionários empobrecida pela insensatez, pela falta de cultura e das artes cênicas, de plena ignorância do saber, os protestantes assinalavam ser de uma cultura superior e avançada – sem mencionar a subjetividade religiosa – e, portanto, estariam aptos para civilizar o povo brasileiro.

Sendo o protestantismo uma religião transmissora de suas concepções por meio da leitura da Bíblia, do seu hinário e da sua literatura devocional e também doutrinária, tornava-se imprescindível acabar com o analfabetismo brasileiro. Era preciso, rapidamente, ensinar ao povo a leitura.

Por esse motivo, iniciou-se a expansão protestante em torno das camadas menos favorecidas da sociedade brasileira. Segundo Rubem Alves:

O protestantismo se entende como o espírito da liberdade, da democracia, da modernidade e do progresso. O Catolicismo, por oposição, é o espírito que teme a liberdade e que, como consequência, se inclina sempre para soluções totalitárias e se opõe à modernidade. [...] Se perguntarmos à história:

- De que lado estás? Qual o teu destino?

Ela responderá:

- O catolicismo é o passado de onde venho. O protestantismo é o futuro para onde caminho.¹⁷⁸

¹⁷⁶ MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil**. São Bernardo do Campo: Juiz de Fora: Editeo Editora da UFJF, 1994. p.133.

¹⁷⁷ A carta do Rev. Boy, Capelão Inglês trabalhando entre os marinheiros, no Rio de Janeiro, em 1819 citada por REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984.p. 35.

¹⁷⁸ ALVES, Rubem. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática, 1979. p. 38.

Surgiram, então, as escolas paroquiais e os colégios. As escolas paroquiais ajudavam na implantação e permanência do protestantismo como um progresso da obra educativa missionária.

Alguns resultados desse esforço educativo são conhecidos: magistério feminino, classes mistas, novos métodos disciplinares e pedagógicos, valorização do trabalho, entre outros, mas o marco era o apoio à pregação conversionista e os colégios voltados para introduzir a ideologia. As ideologias religiosas pregam o desafio universal: esperança de salvação e livramento, para que não se perca o sujeito em sua estrada até o Reino de Deus.

3.1 Possibilidades metodológicas para uma pastoral da juventude junto ao objetivo do Protestantismo de Missão

A juventude é uma realidade objetiva que muitas vezes é discutida de modo geral, dentro de certos parâmetros, e quase vista como um padrão, como se todos os indivíduos que a compõem fossem similares ou iguais. Uma linha metodológica para lidar com essa juventude teria de começar pela noção de especificidade, peculiaridade e diversidade desse grupo.

Aran, apud Alcudia, 2002, diz que é muito fácil aceitarmos que os alunos diferem um dos outros, mas que o difícil é justamente usarmos a prática educativa para tratar essas diferenças e facilitar o rico processo do ensino e da aprendizagem.

Antes de tudo, é uma questão de posicionamento filosófico, ético ou ideológico: até que ponto a equipe escolar está de acordo em aceitar que cada um dos alunos tem direito a que o ensino se adote ao máximo possível as suas possibilidades e limitações?¹⁷⁹

Somente a partir de uma posição bem definida sobre os aspectos filosóficos, éticos ou ideológicos um educador ou evangelizador, numa abordagem pedagógica-religiosa, poderia estabelecer pontos de destaques temáticos e estratégias metodológicas coerentes com a peculiaridade e diversidade dos jovens, na escola ou na Igreja.

¹⁷⁹ ALCUDIA, Rosa. Et al. **Atenção à diversidade**. Porto Alegre. Artmed, 2002. p. 11.

Nesse sentido, aquele que estará como mediador do processo da aprendizagem em relação à inerência dos alunos e diversidades, terá de estabelecer consonância com as modalidades educativas onde se encontram as metodologias e as temáticas que se pretende alcançar.

Essa diversidade, entretanto, não inclui apenas o sujeito componente dessa juventude, em suas ideias, sentimentos, experiências e expectativas; penetra também pela diversidade curricular, pois currículo é vida e sua dinâmica não supõe fechamentos ideativos nem preleções unilaterais no sentido interpretativo. A hermenêutica supõe um valor extremo que não poderá ser descartado sob a égide da certeza, seja ela histórica, matemática ou bíblica. Como diz Rubem Alves, em sua obra *Entre a ciência e a sapiência*, “não há método para se ter boas ideias”¹⁸⁰

Muitas vezes o educador religioso se depara com um impasse entre a pregação do conteúdo bíblico, o nortear dos caminhos da fé, e a liberdade concedida ao pensamento contestador, transformador, inovador ou reestruturador.

Retornando às ideias centrais da juventude como padrão, podemos lembrar que essa fase é percebida como repleta de motivações, interesses, necessidades e dentre essas, a ânsia de rebeldia reafirmadora da identidade. Nesse sentido, não se pode negar a dificuldade que um educador ou evangelizador encontra para sincronizar padronizações e diferenciações com a meta educativa a que se predispõe alcançar.

Nesse período, além da busca de verdades existenciais a respeito do sentido do real palpável e do imaginário absoluto, cada jovem se encontra numa fase de raciocínio abstrato e lógico, mesclado aos esforços de estabelecimento de metas como estudo, trabalho, grupos e romances, encaixa-se nas regras sociais, debate entre as definições de sua religiosidade, ou crenças.

Os valores culturais existentes, mesmo aqueles que orientam os jovens, nem sempre são fortes o suficiente para garantir que a juventude decida permanecer na religiosidade e tampouco reforça, o valor da religião ou da vida cristã na Igreja. Todas as inquietações próprias de cada sujeito em sua inerência se misturam a diferentes aspectos e fatores da vida vivida e sonhada, onde o ambiente sociocultural tem peso, enquanto e o ambiente socioeducativo apóia, ou não, valores e metas estabelecidas pelos jovens. A forma como estabelecemos os

¹⁸⁰ ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. 19. ed. São Paulo. Ed. Loyola. 2008. p. 109.

diálogos evangelizadores poderá incluir elevado grau de experiência, controle, esforço para os quais alguns não estão prontos a compreender.

Onrubia, apud Alcudia, 2002, alerta para a adoção de uma concepção mais coerente com o construtivismo em qualquer linha educativa, e afirma que a participação ativa e configurativa do jovem não isenta o educador do seu ensino como processo de apoio constante a essa construção.

Também na Igreja, principalmente no sentido preventivo, é oferecido aos jovens oportunidade de aprendizagem. Todas as ações metodológicas e avaliações de resultados perpassam pelo respeito à individualidade, contribuem na questão pessoal, tanto quanto coletiva.

Para não limitar ou empobrecer artificialmente as situações e as experiências de aprendizagem pelas quais passam os alunos, parece particularmente essencial prestar atenção necessária ao trabalho de capacidades de equilíbrio pessoal, de relação interpessoal e de inserção social.¹⁸¹

Nesse sentido, tem sido um risco elevado uma evangelização que se atém ou restringe ao ensino de verdades que enfatizem a fé como se esta estivesse longe dos jovens, das ciências, das tecnologias, da vida pessoal.

Embora muitos evangelizadores possam nos contestar veemente, cremos não haver grandes espaços a preleções puras sem que estas sejam pontos de discussão, ou deem espaços para que novos conteúdos estejam presentes.

Uma das metodologias que supõe essa abertura encontra-se na expressão artística, no despertar de emoções e sentimentos que se ocultam sob a construção cognitiva de cada sujeito. A expressão pelo desenho, pela escrita, pela montagem de cartazes, de murais, de produções em vídeos, pela contação de histórias, entre outras formas de expressão que ficam mais próximas da vida e da ação do sujeito que as memoriza, podem facilitar a compreensão que pretendemos estabelecer, ao ler a Bíblia. Cristo:

[...]era um agradável contador de histórias. Era um privilégio estar ao lado dEle. Ele era paciente e carismático na arte de ensinar. Cativava até Seus opositores. Expressava ensinamentos complexos com histórias simples. Estava sempre contando uma história que pudesse atrair as pessoas e estimulá-las a pensar. Um mestre eficiente não apenas cativa a atenção dos seus alunos e não causa náuseas quando os ensina, mas os conduz a

¹⁸¹ ALCUDIA, 2002, p.13.

imersão no conhecimento que transmite. Por isso, um mestre eficiente precisa ser mais do que eloqüente, precisa ser um bom contador de histórias. Como tal, Cristo estimulava o prazer de aprender, retirava os alunos da condição de espectadores passivos do conhecimento para que se tornassem agentes ativos do processo educacional, do processo de transformação. Cristo não frequentou uma escola de pedagogia, porém possuía uma técnica excelente. Ensinava de maneira interessante e atraente, contando histórias. Sua criatividade impressionava. Nas situações mais tensas, Ele não se apertava, pois sempre achava um espaço para pensar e contar uma história interessante que envolvesse as pessoas que o cercavam. Um bom contador de histórias é insubstituível e insuperável por qualquer técnica pedagógica, mesmo que usem recursos da informática[...]¹⁸²

É preciso que a evangelização, o momento do encontro educativo nas Igrejas, assim como na escola, não seja exaustivo, massante, causando sonolência e visto como distanciamento da vida interior do jovem.

Essas formas metodológicas, por certo, estimularão também o expressar pessoal de alegrias e sofrimentos. Nesse momento, além do cuidado nessa atenção pessoal, poder-se-á facilitar a aplicação das metodologias com a conexão bem estruturada a conceitos e orientações bíblicas, não como prescrição de remédios a alma, mas como mensagens, lembretes, caminhos a serem repensados pelos jovens. A flexibilidade deve ser uma constante, sem peso interventivo, mas com apoio necessário à compreensão do que os textos possam conter.

O envolvimento grupal costuma atender à necessidade ou ânsia dos grupos de pertencimento, que fazem parte da construção da personalidade grupal típica das fases operatórias lógicas. A diversificação, por sua vez, atende ao dinamismo, inquietude e ânsia renovadora e criativa dos jovens, enquanto explora suas próprias capacidades.

Esse processo didático-metodológico, pleno de equilíbrios móveis, tem um cunho de pluralidade ao mesmo tempo que de organização. Nada impede processos de autocontrole, autodisciplina e autogestão, mesmo na convivência e multiplicidade dos sujeitos nos grupos. Por isso, a condução orientadora do educador religioso exigirá dele uma formação interpessoal e mediadora aliada à sua formação religiosa e evangelizadora.

Os jovens não prescindirão do apoio, dos reforços de avaliação dialogante do seu líder religioso, mas não como se este fosse direcionador ou controlador. A

¹⁸² CURY, Augusto Jorge. **Análise da inteligência de Cristo: o Mestre dos mestres.** 3.ed., São Paulo: Academia de Inteligência, 1999. p.161-162.

noção de guia espiritual perpassa pela noção de confiança, de segurança, de responsabilidade, todos permeados pelo respeito e liberdade.

Cada informação nova precisará supor ritmo e base pessoal e interpessoal. Os passos e fechamentos poderão ser orientados, mas não determinados pelo educador religioso. Cada jovem tem seu ritmo e forma própria de estabelecer suas configurações, e neste caso é preciso estimular as liberdades de escolhas e decisão, abrir caminhos para novas propostas de tarefas e estudos, entender e valorizar níveis de execução, produção, soluções finais. E todo o processo deverá estar aberto ao vínculo de todas essas realizações (ou fracassos) com a vida, sentimentos e pensamentos de cada participante, pois brotarão muitas catarses ou explosões de verdades contidas enquanto outras verdades se tornarão concebidas e valorizadas por eles.

O espaço físico bem distribuído, supõe possibilidades de carteiras móveis, mesas para trabalho, uso de novas tecnologias, não se restringindo aos bancos das Igrejas ou locais do tipo sala de aula. Tanto o espaço quanto os horários e sequências de trabalho e estudos devem fugir da rigidez e da estaticidade limitante e inflexível.

O uso de pátios abertos, bibliotecas, videotecas, espaços polivalentes, oficinas, parques pode ter validade como métodos de pesquisa e construções ideativas para a criação de jogos com temáticas da Bíblia para a juventude produzir debates e reflexões. Parece não caber mais um mundo que não permite aos jovens saírem dos espaços das Igrejas ou das salas de aula, Num mundo aberto a tudo, conectado a tudo e multifocal, nossos jovens desejam *voar*. Do mesmo modo, deve-se incentivar, em algum momento, a circulação de alunos em novo grupo (flexibilidade intergrupala) para que, nesses novos estabelecimentos flexíveis possam trabalhar melhor o eu e o outro, possam trabalhar as situações que podem estar referendadas em orientações bíblicas de amor ao próximo e superação de intolerâncias.

São múltiplas as fontes de informação. Por mais que nos fixemos nos evangelhos, existem várias formas e materiais onde os ensinamentos evangélicos se encontram, mesmo sob nova semântica. Documentos, textos, livros, revistas, filmes, leituras de sabedoria popular, letras e músicas, mesmo as não evangélicas, jornais com destaques reflexivos, análises de reportagens da TV, problemas e

situações individuais ou comunitárias, tudo pode se constituir em riqueza de material para reflexão e conexão com os ensinamentos dos evangelhos. Como afirmam Scussel e Wachs:

[...] continuamos buscando elementos para construir nossos materiais didáticos [...] jornais, revistas, filmes, novelas, livros de literatura e da área religiosa. Também encontramos em todos os outros campos do saber oferecidos por tantas ferramentas atuais, seja de forma impressa ou virtual, os elementos religiosos presentes em nossa cultura para serem estudados em nossos espaços educativos.¹⁸³

Os irmãos da Igreja, como professores de geografia, história, ciências, entre outras disciplinas e áreas, poderão ser excelentes recursos humanos a favor de um trabalho educativo e evangelizador, se souberem utilizar seus conhecimentos em consonância com os objetivos da Igreja. Usando mapas geográficos, políticos e históricos, o professor poderá explorar locais, conhecer culturas antigas e atuais, assim como abordar a questão religiosa que perpassa pelas decisões políticas e de sobrevivência.

A vida política e a vida religiosa encontram espaços relacionais que devem ser do conhecimento e de reflexão da juventude. Educadores, em sala de aula das instituições escolares ou das pastorais, podem dispor de indicadores e de informações que, junto com a Bíblia, tornam-se referenciais para estabelecimento de valores, crenças e metas da juventude.

Os processos metodológicos não estão desconectados dos processos avaliativos, filosóficos, éticos e sociais; tudo isso se entrecruza na ação de educar e aprender. Manter os jovens fazendo à avaliação de seu próprio crescimento é um incentivo à autonomia e autogestão; formar círculos para que todos expressem como, onde e quando se pode melhorar é outro ponto de avaliação grupal saudável, desde que haja orientações preventivas de competitividade e julgamento pessoal.

Uma riqueza metodológica encontra-se também nas experiências de observação e acompanhamento do cotidiano. Um registro pessoal ajuda na confecção interpessoal e pode ser bem produtivo, se o evangelizador ou educador religioso também observou e registrou o seu cotidiano e o de seus jovens

¹⁸³ SCUSSEL, Marcos André; WACHS, Manfredo. **Ensino Religioso e materiais didáticos: necessidade de novos olhares.** In: BRANDENBURG, Laude, et al (orgs). Fenômeno Religioso e metodologias: VI Simpósio de Ensino Religioso. São Leopoldo. Ed Sinodal/EST, 2009, p.105.

orientandos. Não se pode prescindir de trocas de *feedbacks* ou retroalimentações no sentido esclarecedor.

Estando o jovem orientado sobre o valor da famosa *caixinha* de recados, lembretes e sugestões, após orientações sobre seu valor ao crescimento interior e à valorização da e cooperação de todos, uma riqueza de ideias, sugestões, alertas e lembretes pode estar contida nela.

Outra modalidade é a entrevista pessoal, o momento em que cada um se sente único, embora múltiplo na presença do entrevistador. A relação de ajuda deve ser aberta, flexível e bem fundamentada, para não incorrer em riscos e decepções. Outra forma é a discussão ou debate oral, no sentido colaborador e produtivo de recontextualizar os desempenhos e conteúdos trabalhados em conjunto.

O compartilhar, o cooperar, o fraternizar tem uma força incrível, que, na experiência de muitos educadores, redundam em grande progresso rumo às metas educativas. É preciso jamais perder a oportunidade de dar espaços a sugestões, indicações, novas propostas, revisões e práticas por parte dos jovens, pois estas são ricas formas de facilitação de melhoria cognitiva, afetiva, e social, religiosa para casa um deles, para o educador e para a preservação da fé cristã.

Teixeira afirma que metodologia não é necessariamente uma ação que enfatiza o ensino de métodos e técnicas. Para ele, é uma “[...] disciplina que elucida o que vem a ser essas técnicas e quais os métodos [...]”¹⁸⁴.

Para essa autora, há diversos caminhos para a construção do conhecimento pois muitas são as modalidades de trabalho que exigem certas atitudes. Segundo Teixeira, “A construção do conhecimento deve ser o risco de todas as experiências, que deverão ser fundamentadas pela teoria e relacionadas com a prática”¹⁸⁵, e afirma que todas as formas deverão envolver uma linha crítico-reflexiva, no saber e no fazer. Alerta aos educadores que nesse contexto atual, “[...] se não soubermos manipular, desvendar, aprender, expressar, construir e transmitir conhecimentos, fatalmente estaremos nos direcionando para a extinção”¹⁸⁶.

O conhecimento tem em si a dinâmica necessária que permite ao sujeito se relacionar com o objeto de estudo. Em termos religiosos não temos um objeto de estudo em relação a Deus, pois Este não pode ser conhecido como fazemos com o

¹⁸⁴ TEIXEIRA, Elisabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. R.J. Vozes, 2005. p. 14.

¹⁸⁵ TEIXEIRA, 2005, p. 17.

¹⁸⁶ TEIXEIRA, 2005, p. 18.

mundo palpável, mas temos a religião dentro do contexto cultural que pode ser epistemologicamente conhecida e investigada. Aprender a pensar, a relacionar, a construir saberes e relações envolve aspectos metodológicos tanto quanto conteúdos a serem reorganizados na construção de valores como os da fé, da noção de cidadania, das habilidades e dos desempenhos gerais.

As novas competências passam pelas questões de multiplicidades do inter e do transversal. Teixeira¹⁸⁷ diz que todo educando tem ofício, mesmo que não tenha uma carteira de trabalho, nem salário. Afirma que esse ofício é *sui generis* pois cada educando é trabalhador, tem tarefas e horários a cumprir, sofre supervisões, controles e avaliações. Essa avaliação é uma constante, desde os primeiros anos de infância até a juventude. Para a autora, existe um saber fazer que é potencial, mas também apreendido e ensinado ao ler, escrever, estudar e investigar. É um aprendizado da cidadania do homem social e religioso.

Nessa visão, ao assimilar, decorar e memorizar, o sujeito possui conhecimentos; mas compreender, refletir e entender pressupõe algo mais que envolve o ser. Ao ler e identificar um texto bíblico, o jovem “[...] aprende a ideia ou mensagem central”, da qual se apropria mas, no segundo momento ele encontrará “[...] significados, ideias correlatas, conceitos”¹⁸⁸, e fará uma leitura de mundo que poderá ligar aos seus próprios paradigmas. Assim, o jovem “questiona a verdade das proposições, verifica validade dos argumentos e localiza generalizações e suposições”.¹⁸⁹

A leitura da Bíblia, por exemplo, envolve o jeito de cada um; o ato de ler um salmo envolve necessidades, desejos, vontade de saber sobre o mundo na Palavra. Aspectos como os sensoriais, emocionais, e racionais são trabalhados em conjunto, envolvendo respostas físicas e intelectuais, fazendo, ou não, sentido para o sujeito que o lê.

Como ator de sua aprendizagem, não basta ao jovem o estímulo da leitura de partes ou totalidade do Evangelho; será preciso encontrar nesse ato um senso de finalidade, de apoio a unidades de pensamento dentro de certos ritmos ou padrões de velocidade de leitura, compreensão do vocabulário, gosto pela leitura,

¹⁸⁷ TEIXEIRA, 2005, p. 22.

¹⁸⁸ TEIXEIRA, 2005, p. 29.

¹⁸⁹ TEIXEIRA, 2005, p. 29.

capacidade interpretativa, de formar conclusões e inclusive organizar e dar uma configuração harmoniosa a ideias contraditórias.

Há realmente um grande desafio contido nessa abordagem metodológica; será preciso uma aventura na e apropriação dos saberes da Palavra, contida no Evangelho. O educador e o educando se envolverão em pesquisas, trocas, e a diálogos, aprendendo e ensinando mutuamente, re-aprendendo a falar e a ouvir, na escuta do outro; revendo formas de ler e escrever; deparando-se com erros e acertos, até que possam se sentir preenchidos ao alcançar em alguns de seus objetivos ou metas, sabendo sempre que nada está concluído e que exige novas investidas.

Nenhuma dessas modalidades aqui descritas tem a intenção subjacente de prescrições de verdades absolutas, mas, de compreensão das linhas orientadoras para o caminho de sucesso na educação desenvolvida nas pastorais juvenis de evangelização, na preservação da fé cristã, no apoio à permanência do jovem na Igreja e na da prática de sua fé.

3.2 Temáticas orientadoras na educação de jovens na Igreja

A vivência do dia a dia é bastante interligada pela experiência de se viver em grupo; o poder dos relacionamentos, as atividades perpassando pela construção da subjetividade.

O homem estabelece para si certos padrões de comportamento combinados com as regras normatizadas do seu grupo social. Nas instituições às quais está ligado sabemos que existe um processo grupal que nos ajuda a configurar a realidade e estabelecer nossas regularidades comportamentais, práticas que podem se transformar em hábitos, norteadores da tradição que nem sempre é ações refletida.

Muitas regras, passadas de geração a geração, tornam-se institucionalizadas e consideradas como verdade a ser seguida:

Bock¹⁹⁰ cita a monogamia como uma dessas regras que se institucionalizaram, mas que não era conhecida pelas sociedades primitivas e poligâmicas.

¹⁹⁰ BOCK, A.M.M. **Psicologias**. SP. Saraiva, 1996.

A família patrelinear e o casamento monogâmico foi a forma de organização encontrada que definia, claramente, uma maneira de perpetuar a propriedade através da herança. O filho passou a ser o herdeiro dos bens paternos.¹⁹¹

Em nosso século essas e outras abordagens, trazidas pelas reflexões antropológicas, históricas e sociológicas, têm atingido os nossos jovens que se questionam sobre a lealdade entre casais, a responsabilidade no contrato matrimonial, e a visão de mundo como algo natural ou instituído por Deus, sob a responsabilidade da Igreja e do Estado.

A instituição desta ou daquela regra e comportamento regular supõe um corpo de regras e valores. Hoje isso chega à juventude como organização da sociedade e não de Deus ou da natureza. E se algo foi sujeito a essa modalidade organizacional do grupo humano, pode ser alterado sob novos valores e novas regras.

É sempre num grupo social que qualquer instituição se realiza, é uma abstração que se materializa no comportamento grupal e é esse grupo. Que, composto por singularidades e totalidades, produz, reproduz, se rebela e pode reformular as regras institucionalizadas.

Embora possamos crer na força das instituições, no poder das lideranças dos movimentos e dos ideais sustentadores das adesões grupais, em processo norteador ou impeditivo de uma visão crítica e realista, sabemos que a juventude atual pode perceber a realidade de modo mais crítico e reflexivo.

As relações interpessoais têm regras, tanto quanto vários campos de vivências específicas com informações, a serem processadas de modo dinâmico. Nesses campos, individuais e coletivos existem, motivos e interesses, objetivos e concepções que permeiam as adesões e contestações ou que se exercitam em direções opostas ou aderentes aos princípios, regras, orientações que lhe são oferecidas ou impostas. Nesse sentido, não só os estudos teológicos hoje são suficientes para lidar com a religiosidade da juventude na Igreja; será necessário buscar estudos mais profundos sobre o ser humano e o grupo, estilos de comunicabilidade, relações de poder e trocas, papéis sociais, processos intra e intergrupais, e deixar que novas competências permeiem os temas a serem

¹⁹¹ BOOC, 1999, p.261.

trabalhados de modo que realmente alcancem a juventude questionadora e mais livre do nosso tempo.

Teríamos que clarificar quais seriam as finalidades da educação no protestantismo de missão para a juventude? Trazer ao conhecimento dos jovens os evangelhos norteadores de sua conduta? Oferecer total liberdade de pensamento e delimitação de regras opostas? Substituir os preceitos religiosos pelos de cidadania em sua concretude no social? A definição do educar religioso necessita de clareza, de objetivos bem delineados e precisa estar acompanhado de decisões unificadas, interligadas e principalmente conjugadas com a missão evangelizadora como nossa meta central.

Restringir essa meta a norteamentos rígidos com base fixada na Bíblia seria estar também restringindo o espaço reflexivo e questionador do jovem, impregnado dos conceitos do seu tempo, o que poderia induzi-lo a conceber os ensinamentos bíblicos fora de sua leitura de mundo, e, o que é pior, vê-los como aquém de seus novos saberes e como fonte desses.

Abrir espaços sem limites e sem norteamentos ou orientações para debater, temas e conteúdos ligados aos anseios, medos, costumes, e consumismos do jovem sem a interrelação com as questões bíblicas, com as discussões da religiosidade, com as experiências de fé poderá ser desastroso e restritivo ao mundo do aqui e agora, sem conexões e dialéticas entre passado e futuro.

Fechar objetivos na tentativa de apenas substituir as orientações do protestantismo cristão na linha da moral e da ética, sem as linhas de sustentação da religião e da fé, seria fechar a verdade apenas nos preceitos relativos ao mundo objetivo e correto dos homens em seu entendimento sobre justiça e direitos humanos.

Então, educar para que finalidade? O que desejamos como formação para os jovens? Que instrumento usar para alcançar o que acreditamos ser necessário no processo evangelizador?

Estas são respostas que nos cabe responder, como cristãos e pessoa social. Mas é possível acreditar que a fé e a salvação perpassem pelo modo de se viver. A solidariedade, no sentido mecânico, no nosso entendimento, não vem envolvida no amor ao próximo como a nós mesmos – a simples afinidade que gera a solidariedade para alguns e outros não, pode ser discriminante e cruel.

Essa é uma modalidade de atuação comum, mas que tem pouco a ver com as verdades orientadoras contidas no evangelho cristão. Geralmente, nessas formas de solidariedade seletiva, a formação de subgrupos fechados é excludente e egocêntrica.

O grupo, embora respeitadas as afinidades e antagonismos possíveis dentro dele, precisaria funcionar como um todo dinâmico, tendo a solidariedade expansiva e abrangente dentro do que se concebe como postura cristã verdadeiramente sentida e vivida.

Costa, reunindo os aspectos da religião aos da psicologia, diz que os ânimos ou humores dos indivíduos envolvem o conjunto de sentimentos que alcançam certo nível da nossa consciência. Para ele, os elementos psicológicos incluem “[...] a benignidade e a bondade que fazem parte do caráter do cristão[...]”¹⁹² sempre que essa consciência se expande e se liga aos ensinamentos de Jesus. A benignidade concebe a compaixão e a compaixão e a solidariedade; existe concretamente na vida social e se manifesta como “[...] fruto do espírito”¹⁹³. O amor ao próximo, neste sentido, envolve um sentimento bom de cuidado e dedicação de um ao outro, e nem sempre quem ama apenas com as emoções saberia amar espiritualmente. O amor pode ser egoísta e possessivo, preso a si mesmo e seus desejos, podem conter impureza, o que descaracterizaria o “[...] fruto do espírito [...]”¹⁹⁴.

3.2.1

A vida e a fé

A verdade costuma exigir certos critérios para sua aceitação e afirmativa. O mundo concreto, a partir das posturas científicas, exige que a verdade venha acompanhada por fatos, objetividades, precisões, certezas, no concreto e palpável. A Igreja, por longo tempo, considerou o corpo humano como sede da alma e, portanto, este era sagrado. Não se podia violá-lo, nem com sacrifícios, nem com a sexualidade fora do casamento, nem com as pesquisas científicas. O espírito e a

¹⁹² COSTA, Samuel. **Psicologia e cristianismo**. Ed Silva Costa, RJ, 2006. p. 21.

¹⁹³ COSTA, 2006, p. 21.

¹⁹⁴ COSTA, 2006, p. 21.

matéria passaram pelo dualismo, separados e temporariamente unidos. Ao conceber a separação corpo e mente, a humanidade científica se aprofundou no estudo da vida desse corpo, talvez se esquecendo de analisar o espírito.

Era preciso abrir caminhos para o novo, para o contestado, para a ciência ter de liberdade se manifestar. O estudo da mente, porém, ainda não conseguiu explicar totalmente de onde provém a inclinação universal para a religiosidade, e por mais que tente, ainda não sabe definir claramente a gênese da bondade ou da maldade no coração do homem.

A verdade é uma busca; as revelações podem ser respostas processadas pelas ordens de organização do cérebro, mas ninguém pode provar que estas que trazem o Evangelho tenham provido apenas do pensamento ideativo ou criativo dos apóstolos. Nossos jovens podem acreditar que seus pensamentos e ações advêm em grande parte dos estímulos televisivos e das vivências sensoriais, mas podem questionar as revelações que não se restringiram à parte física de suas mentes.

Os valores que lhes são ensinados ficam restringidos à visão de cultura, a postulados da vida moral e civil para organização otimizada da sociedade. Entretanto, pode-se trabalhar com os critérios de verdade passando pelo cultural, pelo objetivo, pelo subjetivo e social, estabelecendo-se a procura da fonte de toda criação humana.

Costa oferece base de estudos teológicos cristãos, interligados aos aspectos psicológicos, que podem ser desenvolvidos nos trabalhos de evangelização dos jovens na Igreja Protestante. Ele fala das cartas de Paulo, dos Salmos diversos que podem transversar sobre os temas da vida prática. Os destaques destes deverão ser didaticamente escolhidos pelo conjunto evangelizador e pelos os jovens, embora facilitados pelo primeiro numa prévia organização. Dentro de uma linha de humanismo é possível trabalhar a partir de reflexões conjuntas, com as linhas do cristianismo unindo vida e fé.

O autor faz abordagens à fé a partir do Evangelho: “Fé significa firmeza na execução de uma promessa ou de um compromisso; crença ou confiança. É a certeza das coisas que se expressam, a convicção de fatos que não se vêem”¹⁹⁵.

¹⁹⁵ COSTA, 2006, p. 21.

Aqui a fé consegue entremear as coisas do mundo e da espiritualidade, fazendo parte da leitura de mundo do jovem e lhe permitindo transcender a esta ao compará-la e confrontá-la com as palavras de Deus.

Argerami – Camon fala da dimensão humana de Jesus e sua didática plena de parábolas. Estas seriam um caminho possível à análise conjunta sobre o sentido da passagem de Cristo ao mundo dos homens, vivendo a vida deles. O autor recomenda o filme Evangelho segundo São Mateus, considerando-o indispensável a todos que desejam debruçar-se sobre questões da religiosidade e espiritualidade, pois ao se mostrar a face humana de Cristo podemos ter a configuração de “[..] suas próprias reflexões e sentimentos”¹⁹⁶.

Para o autor, o sagrado é uma necessidade humana, pois liga-se à busca de sentido do existencial e do finito. A busca do sagrado tem a ver com a busca da essência do humano e apoia os esforços de superação da condição de humanos.

Todo jovem necessita desse tipo de encontro, desse tipo de prováveis respostas. Ao buscar caminhos religiosos, o homem também está à procura de superação de seus limites humanos e acaba por encontrar sua espiritualidade. A contemporaneidade mostra essa ânsia jovem, num afã que não se esgota.

Somos impelidos a buscar explicações conceptuais quando na verdade estamos à procura de significados para a própria vida. A religião transpassa nossos questionamentos e prescinde tentativas de explicação que se queira fazer, por mais lúcida que esta possa ser.¹⁹⁷

A atualidade com todos os seus encantos e desencantos, incita-nos à busca ansiosa por objetos de consumo e realizações pessoais; pais e filhos se distanciam cada vez mais numa luta crescente para uma melhor condição de vida. Os momentos de cultos, encontros, orientações poderão minimizar o estresse e o apego ao material, permitindo reencontros significativos para nossa identidade familiar e pessoal, como pessoas humanas e filhos de Deus.

Nesse sentido, o apoio e a presença familiar no templo poderá possibilitar a permanência do jovem na Igreja, sua orientação religiosa, seus sentimentos de pertencimento como pessoa e cristão.

¹⁹⁶ ANGERAMI-CAMON, Valdemar A.(org.). **Psicologia e Religião**. S.P. Cengage Learning, 2008. p. 28.

¹⁹⁷ ANGERAMI-CAMON, 2008, p. 28-29.

O encontro com o sagrado se pode perceber na superação dos limites do homem e aparece em muitos de nossos talentos inexplicáveis; nosso encontro com o divino aparece em nosso dia a dia, desde que estejamos abertos para alcançá-los. A própria observação poderá nos permitir esse encontro de admiração e certeza da obra de Deus, vivida nas pequenas coisas do mundo, e não só nos templos de oração. É preciso que os nossos jovens aprendam a ver com novos olhos, com olhos de amor, a presença de Deus em todas as belezas do mundo, ou do outro, e saiba reconhecer esse presente.

A escolha para a vida, para a crença e para a fé pode ser facilitada quando estimulamos nos jovens o encontro com Deus e quando os conduzimos para o reconhecimento da dádiva da vida contida na natureza inteira e na totalidade do universo.

E será a partir dessa admiração e reconhecimento que o jovem poderá abrir-se para reconhecer sua responsabilidade com a vida, com a natureza, com o outro que tem fome e sofre.

A comunhão com a vida, e com Deus, não isenta as questões políticas e sociais; está nas escolhas ou decisões para uma moral e ética zelosa pela dignidade humana. Pode-se buscar a espiritualidade na luta pela paz, contra a maldade e pela vida, na defesa do injustiçado, na prática da não violência, no amor ao próximo. “As fagulhas da divindade se encontram nos mínimos detalhes de nossa cotidianidade [...] e Deus se manifesta de diferentes maneiras”¹⁹⁸. O que o jovem precisa aprender é atentar e valorizar cada momento de vida em que a presença de Deus é orientadora da esperança, dos bons sentimentos e das boas práticas.

Estar na Igreja é uma oportunidade de reunir os jovens filhos de Deus no fortalecimento dessas escolhas, da revisão dos valores, e da certeza da responsabilidade social e espiritual em propagar o bem, como Jesus o fez.

Temas como identidade e escolhas, trazendo a doutrina protestante, os exemplos de questionamentos ao lado da preservação da fé, aliados ao reconhecimento de si mesmo e dos demais na natureza são caminhos que alcançam as predisposições e características da juventude na sua efervescente busca de sentido existencial.

¹⁹⁸ ANGERAMI-CAMON, 2008, p. 39.

A vida moderna dificultou a visão universal de mundo encantado, onde o poder espiritual se evidenciava em cada objeto ou ser. O universo físico tomou conta das certezas humanas e tudo passou a exigir extremo esforço para se ver sentido nessa vida.

Entretanto, é possível ver que a religião, em sua forma de retratar a vida, foi expulsa, mas não expulsa do profundo ato de investigar humano; “[...] foi expulsa dos centros de saber científico e das câmaras onde se tomam as decisões que concretamente determinam nossas vidas”¹⁹⁹, mas não foi expulsa da alma humana. Não vivemos mais em um mundo sagrado, mas podemos despertar para a beleza sagrada que ele encerra; aprender a permitir que o conhecimento bíblico conviva com nossos saberes científicos, sem que esse conhecimento seja visto como pensamento mágico.

O sentido de vida e morte; as reflexões sobre o passado e o presente; a ciência histórica; o estudo das religiões e das culturas; as projeções ou expectativas de futuro, diante do presente; os estilos novos de vida; a dor e a alegria, tudo é tema de reflexão para a juventude e pode ter cunho de religiosidade, no enfrentamento da realidade, nas análises da prática do estudo da Bíblia.

Rubem Alves considera que nossos tesouros ocultos, como pensamentos e sentimentos, têm conotação de religiosidade; fala de uma sabedoria que ultrapassa as ordens naturais e físicas da adaptação e sobrevivência, indo além de programações biológicas. Em toda a história da humanidade os homens inventaram, plantaram, construíram, mudaram rumos, invadiram, criaram defesas. Parecem ter se tornado autônomos e sujeitos da história, mas continuam perdidos e precisando de metas, direções e um sentido maior para eles, um sentido que ultrapasse a concretude de suas vidas. No íntimo de cada um está à busca de Deus, e, durante os encontros pastorais com nossos jovens precisamos investir nessa busca.

Assim, uma evangelização no âmbito do protestantismo de missão terá que começar pelo conhecimento do jovem como sujeito desejante, para que esta se reconheça como tal e perceba onde pode chegar para o alcance das satisfações do jovem. É permitir que essa juventude se conheça também como ser transcendente a tudo isso e que tenha certeza de que em seu interior habita um Deus vivo, embora muitas vezes nossos jovens não se deem conta disso.

¹⁹⁹ ALVES, Rubem. **O que é religião?** Ed. Loyola. S.P. 2007. p. 10.

Temas e metodologias são, pois, conteúdos e caminhos. São formas concretas de se atingir a interioridade na intuição suprema de algo maior que se encontra ali mas, que está à espera da consciência desse existir.

As palavras são criações humanas, códigos que simbolizam desejos e realidades; porém, por mais que tentem não podem explicar a totalidade do existente no interior de cada ser humano. As palavras do Evangelho são pérolas de homens purificados pelo amor de Jesus Cristo, homens que, iluminados, apropriaram-se delas para comunicar a experiência profunda do verdadeiro amor. Não são as palavras como tais, mas o que elas representam que propaga o Evangelho.

Como participantes da pastoral, nossos jovens precisam aprender a seguir o exemplo configurado e objetivado na passagem de Cristo no mundo. Como salienta Rubem Alves: “O mundo do sagrado não é uma realidade do lado de lá, mas transformação daquilo que existe do lado de cá”.²⁰⁰

Por isso, se alguém está nu e não o vestimos, se está com fome e não lhe damos de comer, estamos negando tudo isso à vida e a Cristo, que se manifestou como humano e nos ensinou como divino, para nossa própria salvação.

É a partir da vida e da Bíblia como parte da vida que teremos o cuidado e o zelo de evangelizar. Não estamos buscando missões ignorantes da palavra de Deus, mas despertando o que já existe em potencial no interior de cada um para ser construído e multiplicado, numa direção suprema.

A religião pode servir a Deus e aos homens, ou pode ser usada como objetivos egoísticos; a possível manipulação do que é sagrado, dos símbolos que respondem aos anseios humanos, pode conduzir à guerra e à paz, pode fazer parte da luta serena nesse mundo muitas vezes injusto e desigual. É preciso que o jovem perceba a realidade e se responsabilize por ela, ao tomar consciência de que o mesmo Deus está presente entre os desfavorecidos e aqueles que vivem em abundância, na convicção de que o homem possa criar e recriar cultura de amor ao próximo; é preciso que não só os fragilizados busquem mudanças, mas que essas sejam desejadas e acionadas por todos.

A leitura de mundo dos jovens não é igual a nossa, e temos de alcançá-la se pretendemos entrar na verdadeira comunicação com nossos jovens. Evangelizar

²⁰⁰ ALVES, 2007, p. 95.

não é fazer preleções e comentários mecânicos dos textos bíblicos, mas estabelecer comunhão com algo que aproxima todos, que nos envolve e dá força; é estabelecer conexões com o outro, a partir da voz mais profunda em cada um, a voz que nos leva à busca de Deus e ao encontro com Ele. Segundo Rubem Alves, o ponto marcante da religião é a esperança ,e é melhor estar ao lado dela de forma arriscada, do que viver na certeza factual que a matéria e a ciência nos oferecem, em “[...] um universo frio e sem sentido”²⁰¹.

Fazer, por meio da pastoral, o convite aos nossos jovens para participarem da religião como uma esperança de mudança que favorece a vida será mais estimulante que oferecer os mais complexos saberes que o mundo traz.

²⁰¹ ALVES, 2007, p. 97.

Conclusão

O recorte do cenário que envolve a juventude, nos dias atuais, possibilita-nos diversas buscas e análises. No enfoque do estudo realizado, atentamos para os aspectos que direcionam um olhar que facilite a compreensão do jovem em sua maturação biofuncional, sua formação psico-religiosa e sua participação, como sujeito ativo, da vida social e eclesial por meio da pastoral juvenil.

Nesse cenário encontramos um jovem que vive o paradoxo da era tecnológica, facilitadora dos rápidos e fáceis encontros proporcionados por novas ferramentas de comunicação que compõe a Internet, e a solidão, a fuga dos relacionamentos, a fragilidade das emoções que não conseguem ser entendidas e sentidas através da tela do computador.

Diante da falsa sensação de liberdade, nossos adolescentes rumam à juventude fechados em si mesmos, desconhecendo sua mudança biológica, física, hormonal, afetiva e intelectual. Jovens que se identificam com uma cultura vazia do ter, que valorizam a sensualidade e o modelo de beleza destacado pelo comércio da moda e da mídia, que exploram os prazeres do mundo e se distanciam dos reais significados da existência.

Muitos, na busca da consciência do eu, travam verdadeiros conflitos internos e acabam comprometendo a maturidade como ser integral. Rebelam-se contra a família e contra a vida, se fragilizam e se tornam fáceis para o perigo das companhias que influenciam os desvios comportamentais e também afetivos, como a prostituição do corpo, a violência, o uso de drogas, a gravidez não planejada e desejada, a delinqüência. Jovens que acumulam fracassos e experiências de dor, que crescem frustrados, sem perspectiva, manipulados pela sociedade do consumo, distantes da cidadania e, na maioria das vezes, afundados em uma vida ausente de valores e esperança de vitórias.

Neste contexto, bastante contemporâneo, evidencia-se a urgente necessidade de encontrarmos mecanismos que auxiliem juventude no entendimento das mudanças hormonais, físicas, emocionais e intelectuais, indicando a evolução de um homem que pode ser dotado de bons sentimentos, potencialidades e desejos.

Diante do turbilhão de incertezas ou, diante do desconhecimento, encontramos a Igreja como parceira do aprofundamento das questões relativas ao mundo e ao homem.

Na utilização da palavra, do testemunho, da comunhão, do compromisso de transformação social, da vida comunitária e fraterna, da solidariedade das ações que envolvem o próximo e do ensinamento do ministério de Jesus Cristo, a Igreja, por meio da pastoral, acolhe os jovens e os assessora no intuito sublime de orientá-los para uma vida de propósitos, de discernimento, de inserção nos movimentos sociais, de valores evangélicos e, sobretudo, objetivando orientá-los para o fortalecimento e prática da religiosidade que dá, à luz da fé o verdadeiro significado à vida.

Em todo esse explanar reflexivo sobre a juventude e a prática da fé podemos perceber a amplitude e a especificidade do trabalho desenvolvido pela pastoral juvenil. O ministério do ensino e da palavra se interrelaciona com a prática social em toda a sua complexidade, e, em comunhão, atuam em direção à humanidade e à vida, assim como fez Jesus Cristo, devolvendo ao homem a sua condição de filho de Deus.

A pastoral juvenil que não penetra pela dimensão missionária estaria falhando em sua completude, fugindo às transformações sociais e à verdadeira orientação de Cristo. Embora possa divulgar a Palavra, estaria restrita a uma postura que já não cabe mais em nosso tempo.

Os dogmatismos expressam rigidez estrutural, e logo tendem a se tornar obsoletos; antagonismos podem representar constantes mobilizações anárquicas e sem rumo certo. Portanto, o ideal seria uma orientação que só pode ser compreendida e elaborada na práxis e em constantes revisões de efeitos que alicerçam o jovem, e a Igreja, em constante busca para a realidade solidária necessária aos dias atuais.

Durante séculos, e mesmo hoje, a prática da fé assumiu formas diversas mas sempre quis expressar o objetivo de defender a vida em nome do Senhor e da vida pois o trabalho da prática da fé é inacabado, assim como a solidariedade e a compaixão que jamais poderão ser estanques. Tal qual Jesus Cristo, em seu ministério de ensino, o trabalho da pastoral deve acontecer a partir das necessidades humanas e contextuais, pois a fé e o Evangelho brotarão dessa comunhão de amor e práticas.

A pastoral juvenil se apresenta em extensão à Igreja, está no resgate à dignidade humana e em coerência com a misericórdia divina. Por meio desse trabalho desenvolvido pela pastoral se valorizam os limites e potencialidades de cada jovem, com total abertura para que este possa ajudar ou ser ajudado, sempre em torno de objetivos humanos vitais e cristãos.

Percebemos, do ponto de vista ideológico protestante, que escolarizar o povo *ignorante* era levar uma educação totalizante, centrada em objetivos mais relevantes como despertar o indivíduo para o exercício da cidadania coletiva que pudesse possibilitar uma concepção de vida em ascensão social pudesse possibilitar o entendimento da solidariedade, da democracia, da compaixão, da liberdade e da responsabilidade, valores sociais em acordo com a moral cristã.

Desta forma, ficou evidente, em nossa investigação, o trabalho assertivo e pleno de dignidade que caracteriza a pastoral juvenil, em seu campo de ação, com vistas à herança evangelizadora e educativa do protestantismo de missão que impulsiona os jovens, na atualidade, para um exercício constante da prática da fé.

Referências

- ALCUDIA, Rosa. Et al. **Atenção à diversidade**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ALVES, Rubem. **O que é religião?** São Paulo: Ed. Loyola, 2007.
- AZEVEDO, Israel Belo de. **A celebração do indivíduo**: a formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba: Ed Unimep, São Paulo: Exodus, 1996.
- _____ **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. 19. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.
- _____ Protestantismo e missão. São Paulo: Ática, 1979.
- ANGERAMI-CAMON, Valdemar A.(org.). **Psicologia e Religião**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- ASSIS, Simone Gonçalves de; PESCE, Renato Pires; Avanci, Jordana Quintes. **Resiliência**: enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução Centro Bíblico Católico. 34. ed. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1982.
- BÍBLIA Sagrada Ave-Maria. Revisada por Frei José Pereira de Castro. 146. ed. São Paulo: SP. Ed Ave-Maria, 2000.
- BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- BEULKE, Gisela. **Diaconia**: Um chamado para servir. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- BOCK, A.M.M. **Psicologias**. São Paulo: Saraiva, 1996.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela Terra.13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- _____ **Ética e Moral**: a busca dos fundamentos. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade:** contribuições para uma antropologia teológica. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulus,. 2005.

CERNI, Ricardo. **História del Protestantismo:** El Estandarte de La verdad. Barcelona: Capellades, 1995.

COMBLIN, José. **Os desafios da cidade no século XXI.** São Paulo: Paulus, 2003.

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil / CNBB.** – São Paulo: Paulus, 1998.

COSTA, Samuel. **Psicologia e cristianismo.** Rio de Janeiro: Ed Silva Costa, 2006.

COUTINHO, Maria Tereza da Cunha; MOREIRA, Mércia. **Psicologia de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltado para a educação:** ênfase nas abordagens interacionistas do psiquismo humano. 10. ed. Ver. E ampl. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2004.

CRESPUN, Haim. **Criando filhos vitoriosos:** quando e como promover a resiliência. São Paulo: Ed. Atheneu, 2005.

CURY, Augusto Jorge. **Análise da inteligência de Cristo:** o Mestre dos mestres. 3.ed., São Paulo: Academia de Inteligência,1999.

Editora Árvore da vida. **A casa do oleiro.** 3. ed. rev. São Paulo, 2004.

ESTRADA, Juan Antonio. **Para compreender a igreja.** [trad.] José Afonso Berladini. São Paulo: Paulinas, 2005. – (Coleção Ecclesia XXI)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio. Século XXI Escolar: O dicionário da língua portuguesa. 4. ed. Ver. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FILHO, Caio Fábio D’Araujo. **A crise de ser e de ter.** 2. ed. Minas Gerais: Vinde Comunicações, 1992.

FOWLER, James W. **Estágios da Fé**: A psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido.[trad] Júlio Paulo Tavares Zabatiero. São Leopoldo-RS: Ed Sinodal, 1992.

FRANCO, Divaldo Pereira. **O ser consciente**. Por Joana de Angelis. 3. ed. Salvador: Ed. Alvorada, 1995.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

GAEDE NETO, Rodolfo. **A diaconia de Jesus**: uma contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. São Leopoldo: Sinodal: Centro de Estudos Bíblicos: São Paulo: Paulus Editora, 2001.

GONDIM, Ricardo. **Eu creio mas tenho dúvidas**: a graça de Deus e nossas frágeis certezas. Viçosa, MG: Ultimato, 2007.

GOLLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

Instituto de Pastoral de Juventude. Porto Alegre. **Aprendendo a ser novo**: 15 reuniões com jovens. Instituto de Pastoral da Juventude. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

JARDILINO, José Rubens. **Pastoral**: perspectivas históricas e desafios atuais. In: Revista Simpósio, nº 36. São Paulo: Aste, 1993.

LIBÂNIO, João Batista. **O que é pastoral?** São Paulo: Brasiliense, 1982.

LOTHAR, Carlos Hoch. L.ROCCA, Susan M. (Orgs.). **Sufrimento, resiliência e fé**: implicações para as relações de cuidado. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

WARREN, Rick. **Uma vida com propósitos**: você não está aqui por acaso. [Trad.] James Monteiro dos Reis. São Paulo: Editora Vida, 2003.

MARGULIS, M. **La juventud es más que una palabra**. In: Margulis, M. (org.) **La juventude es más que uma palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. 3. ed. Buenos Aires: Biblos, 2008.

MATURANA, Humberto R. **Da biologia à psicologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MANNING, S. A. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. São Paulo: Cultrix, 1999.

MELILLO, Aldo; SUÁREZ Ojeda; ELBRO, Nestor e colaboradores. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas; tradução Valéria Campos**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: ASTE/IMS, 1995.

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil**. São Bernardo do Campo, Juiz de Fora: Editeo Editora da UFJF, 1994.

METTE, Norbert. **Pedagogia da Religião**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

NOÉ, Sidney Vilmar. **Espiritualidade e saúde: da cura d'almas ao cuidado integral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

NORDSTOKKE, Kjell. (org) **Diaconia: fé em ação**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1995.

PAULY, Evaldo Luiz. **Ética, Educação e cidadania: questões do fundamento teológico e filosófico da ética da educação**. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

_____ **Fé?! Qual é?! – o jovem e a fé cristã**. São Leopoldo: Sintonia, 1998.

REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984.

SCUSSEL, Marcos André; WACHS, Manfredo. **Ensino Religioso e materiais didáticos**: necessidade de novos olhares. In: BRANDENBURG, Laude, et al (orgs). **Fenômeno Religioso e metodologias**: VI Simpósio de Ensino Religioso. São Leopoldo: Ed Sinodal/EST, 2009.

TEIXEIRA, Elisabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

TIBA, Içami. **Conversas com Içami Tiba**. V. 3. São Paulo: Integrare Editora, 2008.

ZABATIERO, Júlio. **Novos caminhos para a educação cristã**. São Paulo: Hagnos, 2009.

Disponível em: <<http://www.antoniomendonca.pro.br/Textos/20040714.htm> (1 of 15)>. Acesso em: 25/04/2010.

Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/religiao_protestantismo.hym> Acesso em: 25/04/2010.

Disponível em: <<http://www.ipalvorada.org.br/index.php?view=article&id=85%3Abreve-historia-reforma>>. Acesso em: 29/03/2010.

Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/matéria.cfm?tb=alunos&id=241>>. Acesso em: 25/04/2010.

Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/059/59ferreira.htm>> Acesso em: 29/03/2010.

Disponível em: <<http://www.estudosibericos.com>>. Acesso em: 25/04/2010.

Disponível em: <<http://www.cogeime.org.br/download?arquivo=cap1021.pdf>>. Acesso em: 15/05/2010.